FON FON
N.º 8
O MAL SUBITO

A' VENDA EM TODA PARTE

Gostastes querida? É explendido, meu maridinho

referem-se...

a

· LAVANDIL ·

O PREPARADO IDEAL PARA A LAVAGEM DE ROUPA
POR UM PROCESSO NOVO

CANSADO, ENVELHECIDO

O unico peccado que actualmente não encontra pérdão, é a velhice precoce. Entretanto, legiões de homens e mulheres encontram-se enervados, desanimados, fracos e subjugados pelos soffrimentos, quando deveriam estar gosando as delicias de uma vida feliz a sadia.

Quando V. S. sentir a sua capacidade para o trabalho ou divertimento, destruida por constantes dôres, perdidos força e vigor, dôres no corpo, dôres rheumaticas nas costas, como se as houvesse quebrado, perturbações da bexiga e noites mal dormidas, certamente V. S. deve deduzir que disturbios renaes são a causa fundamental de toda sua fraqueza.

Se os rins não estão filtrando e purificando o sangue, elles deixam o acido urico e outros venenos accumularem-se nas articulações e nos musculos, inflammando os delicados e sensitivos filetes nervosos. Eis a razão pela qual sente dôres dia e noiete e tem a apparencia de estar completamente exgotado.

Permitta-nos dar-lhe este abalisado conselho: adquira hoje um frasco de Pilulas De Witt e comece tonificando o seu systema nervoso, purificando o sangue e reconstruindo mais uma vez a sua força e vigôr. Estimule os rins, para restabelecer a base da saúde.

Se V. S. persistir no tratamento por meio deste medicamento de confiança e experimentado ha mais de 45 annos, sentirá que o seu desanimo será substituido por nova vitalidade e vigôr.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS
e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd.
(Dept. R 163), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

9 ....

Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

NAS TREVAS

De ROBERTO BRAGO

ERAM dez horas de uma noite de setembro. Pela tortuosa estrada Speranzella arrastava-se, a passos vacillantes, ora cambaleando, ora apoiando-se á muralha, ora tropeçando nas frinchas do casamento, um homem muito magro, de rosto amarellado, que uma barba hispida tornava mais longo, sobre o descarnado punho do pescoço descoberto, de olhos semi-cerrados, de chapéo deformado e sebento, de jaqueta immunda verde do sol e da chuva, de sapatos esfrangalhados e atolados de lama, sobre os quaes, o franjado das calças muito curtas deixava nús os tornozellos ossudos.

A' encruzilhada do becco d'Afflitto, onde era ainda bastante intenso o vae-vem da gente que tornava de casa, o homem, de repente, vergou sobre os joelhos e cahiu de bruços. A gorda e barriguda vendedora de castanhas assadas, que tinha o seu fogareiro num canto da encruzilhada, lançou um grito de espanto. Muitos transeuntes pararam em torno do homem, cahido. Outros curiosos sahiram das lojas que estavam para fechar, parando uns na soleira das portas, outros correndo para verem de perto o espectaculo; e dos vãos dos prostibulos afamados surgiram mulheres de cabellos caprichosamente retorcidos em espalhafatosos penteados, todas da mesma fórma, com os pés mettidos em sapatinhos de atacadores ou em arrastadas minusculas sandalias e de engommados saiotes de mousselina, que emprestavam á penumbra brancas ondulações.

O homem cahido não se mexia. E de todo lado se murmurava:

— Está morto! Está morto!

— Coitadinho! Morreu de fome!

— Morreu de inanição!

— Vejam a que estava reduzido!

— Deixaram-no morrer no meio da rua!

Um homem de bôa apparencia observou:

— Mas é o cumulo! E' uma indecencia! Não apparece siquer um guarda!

E outros accrescentavam:

— Numa cidade civilizada, estas coisas não podiam se passar!

— Somos administrados por um Municipio de bestas.

— E' o Governo! E' o Governo que nos abandona na miséria e na barbaria! O verdadeiro responsavel é elle!

— E dizer que estamos nos tempos do socialismo!

Mas uma das mulherzinhas que haviam apparecido, abrindo caminho pela multidão a poder de cotoveladas, inclinando-se sobre o homem, que jazia immovel, constatou que elle estava ainda vivo:

— Não está morto! Não está morto! — começou a esbravejar com quanta voz tinha, como se quizesse fazer-lhe ouvir por uma população inteira. — Não está morto! Não está morto!

E, voltando-se depois para elle, com espalhafatosa piedade, gritou-lhe varias vezes ao ouvido:

— Bom homem! Bom homem! Bom homem!... Que sente?... Falle, falle... Que sente?... Quer beber?... Quer beber?... Quer comer?

O homem deu um leve lamento.

Então a mulherzinha empertigou-se triumphalmente, levantando os braços e engrossando ainda mais a voz, em tom ostensivo:

— Quer comer! Quer comer!... Não está morto!... Quer comer!... senhores meus, quer comer!

O circulo feito pela multidão rompeu-se com a invasão da volumosa vendedora de castanhas, que se apressou em exhibir um bom punhado dellas. A mulherzinha, despertando a attenção geral, rapidamente apanhou duas ou tres, e, erguendo com uma das mãos a cabeça do homem, com a outra metteu-lhe uma castanha na bocca. E como elle já movesse os maxillares, ella annunciou, corada:

— Está comendo! Está comendo! — Os commentarios dos espectadores mudaram:

— Quem sabe ha quantos dias não estaria em jejum!

— Deve ser pessôa de bôa origem, porque não tem coragem de pedir esmola!

— Pobreza não é vergonha! — sentenciou o que havia accusado o Governo.

— Sim, mas é signal que não querem trabalhar! — respondeu o outro, que havia esbravejado censurando com acrimonia o socialismo e que continuava a fallar a torto e a direito. Queria saber com que criterio é que se prega a igualdade!

Nesse momento, o homem havia engulido a segunda castanha, e, auxiliado pela mulherzinha, cujo gesto caritativo era por todos admirado, puzera-se de joelhos e, agora, pouco a pouco, erguia o torax, comprimindo-o com os braços. O publico olhava-o, observando-lhe os mais insignificantes movimentos e discutia num murmurio baixo que denotava profundo respeito, quasi devoção. Sempre por iniciativa da mulherzinha, que parecia possuida duma missão especial, e que muito se alegrava com os resultados obtidos, de uma tasca, appareceu, passando por umas certena de mãos, um copo de vinho forte, denso como tinta. Mas elle, apenas bebeu um gole, retirou a bôcca da orla do copo, demonstrando com olhares ternos que não podia beber mais.

— Vê-se — disse a protectora — que não está habituado a beber.

Depois de ter esgotado, não inutilmente, todos os meios para reanimar o homem que, havia pouco, parecia morto, com o successo, ella pensou poder tam-

O CONTO BRASILEIRO

O sonho que a vida matou...

De Antonio Marrocos de Araujo

VAE para trez annos, eu tomára o "Itaimbé", em Fortaleza, com uma passagem até a Bahia. Vinha pelejar a vida num Estado mais rico do que o meu Ceará, amplíado, então, pelos tentaculos do polvo de uma tremenda crise. Accommodando, num camarote do vapor, a minha mala, que escondia ao lado das roupas alguns papeis saturados de reminiscencias amaveis da minha terra, subi para o convés, e vi, com os olhos humidos e tristes [illegible] por uma saudade atormentadora. Aos poucos desapparecia Fortaleza, tragada pela distancia. A ponta do Mucuripe, suspendendo no seu dorso o pharol, ia mergulhando numa tonalidade azul, em que se baralhavam indistinctamente céos e mares. Aquella nesga de terra [illegible] rasgava um trecho do oceano por entre o protesto cavernoso das ondas enfurecidas, espumejando de cólera, me pareceu a mão [illegible] da gleba cearense, a qual, [illegible] annos, antes mesmo [illegible] Alencar [illegible] predestinado da raça aventureira, fazendo emigrar o rebento tenro de Martim, vem acenando maternalmente o adeus das paragens nativas ao exilado que parte, acudindo ao canto de sereia da Felicidade ou da Fortuna... Eu precisava, antes de tudo, apaziguar, com o balsamo do esquecimento, o meu coração atormentado. Procurei uma roda de [illegible] Valentemente feliz, que tecia, com as palavras, a teia de uma conversação animada. E, trocando idéas, a saudade se foi [illegible] dando lugar á realidade.

Chego a Natal. Percorro-lhe as ruas e as praças, custodiadas pelas sentinellas verdes e festivas das arvores. Admiro Augusto Severo, Nisia Floresta e Pedro Velho, que prolongaram, no bronze, mercê do milagre da Arte, a sua vida terrena. O ar placido de cidade ainda pouco mordida pelos dentes de ferro do progresso me faz lembrar a terra modesta em que nasci — pobre, mas contente, assentada num flanco da planicie sertaneja, e sob o abrigo de uma aza granitica da Ibiapaba. Vou para [illegible], pois o vapor, que agora corre pachorrentamente com as entranhas ardentes mergulhadas na [illegible] algida do Potengy, partirá dentro de uma hora. Ao lado, um avião da "Panair" alça estrepitosamente o seu vôo, deixando na face do rio um sulco claro de espuma. E o passaro, enorme e alvo, que o homem lançou aos ares vôa ruidosamente, alarmando as aves coloridas que sahiram da mão [illegible] mysteriosa de Deus para a vastidão rasgada do espaço. As campainhas tilintam. Partida. Do convés, entretenho-me a contemplar as paizagens que se ficam, orladas d'agua e lavadas de vento...

A noite pouco depois chegava, desdobrando um véo de crepe sobre a toalha verde do mar. Após o jantar, recolho-me ao camarote, em que vinha só. Encontro-o illuminado. Num beliche, um rapaz, moreno e forte, já de pyjama, lê um livro. Cumprimentamo-nos. [illegible] logo uma amizade breve, para um convivio de poucos dias. Na expansão natural de nortistas, vamos libertando, com confiança, as palavras. Elle é um intellectual. [illegible] pelo [illegible] da linguagem e pelo plano, mais ou menos elevado, em que quer deixar pairar a palestra.

No outro dia, saio mais cedo do camarote, encontrando-o depois no convés. Observo-lhe, então, a figura. Physionomia doce, sob a floresta negra da cabelleira perturbada pelo vento. Pupillas castanhas, escondidas nas órbitas, e derramando doçura. Porte elegante, afogado numa indumentaria limpa, que lhe cobre a geito os contornos do corpo.

Mais relacionados, elle trata logo de abrir, para os olhos da minha curiosidade, o cofre das confidencias menos intimas. Fala-me da sua vida, e me diz do novo rumo que lhe quer abrir com a audacia daquela jornada. Era um Fernão Dias Paes [illegible] que ia procurar, no tumulto da cidade grande, a esmeralda da Felicidade, em Natal agrilhoado, sem espaço para as azas do seu sonho. Demandava, agora, a Bahia, contando apenas com os parcos auxilios de um parente, humilde, que pouco ou nada poderia fazer por elle. Ademais, a humildade do seu primo se arrastava anonymamente no commercio, e nenhuma influencia teria na esphera das letras, onde desejaria exercitar o espirito. Qualquer coisa que lhe apparecesse fóra da actividade intellectual repelleria, pois, nelle, o sonhador sempre reagira contra as seducções e as promessas de uma vida burgueza, facil e remansosa. Continuava preferindo o ouro do sonho ao ouro roubado ás entranhas da terra.

[illegible] murmurou:

— Dou mais por uma estrella intangivel [illegible] céo, do que por um diamante, que me chegasse ás mãos, e fosse unicamente meu.

Na despreoccupação da palestra, quando menos esperavamos, estavamos em frente a Olinda, a cujos pés o mar se rendia, vencido, beijando, em furia, a areia alourada pelo sol. As ondas vinham em rebanho, e o navio as cortava ao meio, como si, na prôa, tivesse um gladio para abrir aquelles seios azues e redondos, que se atiravam heroicamente contra elle. O meu companheiro olhava, ainda, extatico para Olinda, quando lhe reclamei a attenção para o vulto de Recife, que se erguia [illegible] predios modernos.

— Deixa-me contemplar bem Olinda, — retrucou-me. — Ella é o passado, a poesia, o sonho; Recife é o presente, o tumulto a realidade. Prefiro Olinda, com a sua historia, com as suas lendas, a Recife, com o seu progresso, com o seu dynamismo.

Em Recife, descemos. Atravessamos-lhe as pontes, traços de união phantasticos, que ligam diversos bairros. Agitação intensa nas ruas. Vehiculos cruzam-se a todo momento. As vitrines das lo-

(Continúa na pag. seguinte)

jas ostentam novidades que attrahem o olhar de quantos passam.

O vapor demora pouco. Não ha tempo de percorrermos os arrabaldes nem de visitarmos os monumentos historicos.

Após alguns dias de viagem, em que a nossa amizade mais se consolidou, saltámos na Bahia. Despedimo-nos com os classicos offerecimentos [illegible] e com um [illegible] abraço. Separámo-nos. Mas [illegible] conhecimento não tinha

O sonho que a vida matou

(Continuação)

o cunho precario das ephemeras relações de bordo, que morrem, quasi sempre, como as rosas de Malherbe. A minha retina guardára-lhe bem a figura romantica e sonhadora, e, por minha vez, eu estava capacitado de que não desappareceria, com facilidade, de sua mente.

Demoro na Bahia cerca de oito dias, e não o vejo mais. Arrebatado por uma nova rajada do destino, volto a Recife. Radico-me naquelle meio. Alargo o meu circulo de amizades, naturalmente, na urdidura das transacções commerciaes. Amenizo a aspereza do arduo trabalho com a miragem fugitiva de um ou outro sonho. E, nas minhas noites de insomnia ou nos momentos de scisma, chamando, do tumulo do Passado, com o aceno da Saudade, alguns vultos com quem travei relações, apparecia-me a figura daquelle argonauta da gloria, que viu na Bahia uma Colchida, e para ella partiu, como Jasão, em busca do vello de ouro.

Teria elle, porventura, assistido á crystallização do seu sonho? Ou os maus fados haveriam reduzido os seus anseios a farrapos? A Fortuna [illegible] salva faiscante, o obolo da felicidade? Ou o Infortunio lhe haveria estendido a mão esqualida e tragica, portadora do presente negro da miseria?...

Depois de dois annos, volto á Bahia. Falta-me, porém, o endereço do meu companheiro de viagem e eu [illegible] impossibilitado de o procurar. No periodo de quinze dias, corto ruas, recorto praças, dou com os mais extravagantes transeuntes, mas não vejo o sonhador.

Diz, porém, o dictado [illegible] pedras se encontram. E, um dia, entrando num pequeno escriptorio de commissões, para colher uma ligeira informação, quem me vem attender? O meu amigo. Abraçamo-nos, fraternalmente, com effusão d'alma.

Alegre, expansivo, forte, fala-me da bôa sorte que o jogou naquella cidade patriarchal e [illegible]

E eu, mergulhando no [illegible]

O cabelleireiro. — Deseja cortar o cabello, senhor?

O freguez. — Sim, sim...

O cabelleireiro. — Então, faça o favor de se sentar, tire o collarinho e ponha o chapéo...

bem arranjar-lhe algumas moedas e prometteu-lhe affectuosamente, fazendo-se ouvir dos circumstantes, na certeza de que as suas palavras induziriam a mais de um a dar algum tostão.

Mas, ao contrario, a parte mais fria da multidão encolheu-se, retirando-se como ao final dum espectaculo.

Ficaram apenas os garotos que não se cansavam de curiosidade, e a esses juntavam-se, de quando em quando, os poucos transeuntes menos apressados, que, apenas a mulher penteada e resplendente de brancura mostrava o homem sentado no chão entre as immundicies, pedindo uma moeda para elle, se escamoteavam desconfiados, dando de hombros.

A' inutil espera do dinheiro, havia decorrido um quarto d'hora, quando uma velha megéra, da esquina dum bêcco contiguo, chamou escandalosamente:

— Carmela!... Carmela!... Vem cá!... Que diabo fazes?

— Vou já. — respondeu promptamente a protectora.

E, antes de afastar-se, quiz justificar-se com o homem, que, de resto, evidentemente estava melhor, pois suspirava e recriminava contra a indifferença do povo.

— Preciso ir-me embora, bom homem. Sou pobre tambem. E se não levasse essa horrivel vida de vergonha, não teria como dar de comer ao meu pequeno. E' por elle!... E' por elle!...

Precisamente naquelle momento, um garoto macilento, coberto apenas duma camisola esburacada, e que mal se sustinha nas perninhas frageis e núas, chegou cambaleante, agarrando-se-lhe na saia.

— Elle, veja! — disse Carmela. — E' calado. Não pede mais nada. Mas eu, por consciencia, não posso deixál-o morrer de fome. O senhor sabe que a fome é a peor de todas as molestias. E esta pobre creatura de Deus só me tem a mim.

O pequeno choramingava. Ella procurava engambelál-o:

— Quietinho! Quietinho!... A mamãe compra-te os confeitos.

Tomou-o nos braços, acariciando-o, beijocando-o, e, voltando-se ainda para o resurrecto, disse:

— Oiça, homem de coragem: eu moro alli, na volta daquelle bêcco, a primeira porta á direita, perto da vaccaria. Não se sóbe escada. Quando passar por lá, si tiver um pedaço de pão, si tiver um pedaço de queijo... Que devo dizer-lhe?... Vale a intenção... E esperemos que a Madona do Carmo nos ajude a ambos.

A velha megéra inquieta e solerte, de longe, tornou a chamar:

— Carmela maldita! Vens ou não vens?

— Vou já, já. Por que esse desespero. Um pouco mais de complacencia.

Voltando o pescoço, o homem seguiu Carmela com o rabo dos olhos até que essa se juntasse á velha, enfiando-se, com ella, pelo bêcco que havia indicado. Os moleques alli estavam, nada dispostos a se afastarem. Elle olhou-os ferozmente e arreganhou os dentes. Um delles riu-se e disse:

— Eh! quanta careta! Parece um animal!

A vendedora de castanhas investiu, e, adeantando o adiposo abdomen, ameaçou os pequenos vagabundos:

— Si não vão embora, jogo-lhe com este fogareiro cheio de brazas. Deixem-no em paz! Não vêm que este desgraçado não conseguiu siquer um vintem?

A ameaça surtiu effeito. Os moleques puzeram-se em fuga. O homem ficou só. E a vendedora perguntou-lhe:

— Meu caro, tem força para se levantar?...

— Sim, sim tenho força — resmungou elle, accrescentando uma blasphemia.

— Paciencia, meu caro, paciencia! Não offenda a Deus, que é peccado!

Elle levantou-se, e, emquanto a vendedora estava occupada em encher de castanhas os bolsos duma creada que tinha as mãos cheias, esgueirou-se sem que ella se apercebesse, dirigindo-se para a casa de Carmela. Perto da esquina do bêcco, de onde a megéra pouco antes havia chamado, coseu-se ao muro para confundir-se com este, na escuridão da estrada solitaria.

A porta da habitação de Carmela estava fechada. Alli, pegado, sentada sobre uma banqueta, a mégera bocejava, e o menino, calado, se lhe abandonava inerte no collo.

Visto isto, o homem foi-se embora.

II

POR volta de meia-noite, no ultimo andar dum dos ultimos palacetes que surgem no extremo de Napoli, para os lados da Ferrovia e da esplanada dos paéves, Affonso Caiello metteu uma grande chave de carcereiro numa massiça fechadura. Sua mulher, Luiza, que havia cosinhado e preparado a mesa limpa, reluzente, e naquelle momento cochilava estendida num divan, despertou, pondo-se de pé, correndo a recebêl-o. Elle bateu com violencia a porta, e, mudo, nervoso, entrou na sala de jantar, onde, a despeito da fria tristeza que reinava, uma grande lampada electrica espalhava os brancos raios festivos.

— Estás de máu humor? — interrogou Luiza, maldosamente, enrolando na nuca os bellos cabellos castanhos que se haviam soltado.

— Ora essa! — respondeu Affonso, sentando-se á mesa, com espuma nos labios. — Quando te vejo, devo talvez pôr-me a dançar a Tarantella para divertir-te?

(Continúa na pag. seguinte)

NAS TREVAS - (continuação)

Com certeza, passo o dia em ocios e a mirar-me no espelho como tu? Estou tão cançado que nem posso mover um dedo. Tenho o corpo cheio de echmoses. Tenho os pés inchados. E depois de doze horas de caminhada, e oito ou nove quédas, sabes quanto trago para casa?... Trez mil reis e seis tostões!... Pergunto si vale a pena representar toda essa comedia! Sou obrigado a andar de um extremo a outro da cidade, porque, quando numa praça, numa estrada, numa villa, faço o esfomeado que desmaia, devo depois andar trez ou quatro kilometros se quero repetir a scena!

Do contrario, fico para ahi deante de alguns cacetes que me seguem por curiosidade ou desconfiança; e si deixo fracassar a comedia, é um perigo! Não é a policia que me faz medo. Pouco me importa. Não vê nada, nunca, e si visse!... Com cinco mil reis compro cincoenta policiasinhos. Mas é o populacho que me dá que pensar. São selvagens que me cáem na pelle, como si não fôsse nada!... Portanto, caminhar, caminhar, caminhar; caminhar; correr o risco de quebrar realmente alguma coisa numa dessas quédas que devem commover o transeunte. E por fim?... Trez mil e seiscentos!

Por [illegible] Luiza, sem querer, tentou consolál-o.

— Já ganhaste até trinta mil reis por dia. Não deves desanimar. Voltando os bons tempos... Voltarão. Queres a sopa?

— Não, não quero. Tenho pouco appetite, porque me estragaram o estomago fazendo-me engulir umas castanhas assadas. Mas tenho somno e, antes de deitar-me, uma talagada de vinho generoso devo tomar. Dá-me um pedaço de carne e um copo de vinho tinto. Avia-te.

A ceia começou adubada dos excessos de Affonso.

As roupas não eram as mesmas que elle trazia duas horas antes, na estrada de Speranzella, porque prudentemente, cuidava de mascarar-se fóra de casa no albergue dum seu confidente; mas o rosto não havia mudado.

Pallido, iterico, chupado, anguloso, com a barbicha ispida, com os olhos languidos, era sempre a physionomia esqualida dum doente exhausto.

No emtanto, lampejos de rebeldia e de cupidez a illuminavam em certos momentos, mas de uma luz sinistra, quasi como que fógosfatuos lhe passaram pelas pupillas e faces, de improviso.

— Voltarão os bons tempos?! — dizia elle com cupidez damnada. — Sim, sim. Espera! O publico tem uma couraça sobre o coração. Vê um infeliz que não se tem de pé, que cáe de fraqueza desmaiado, e finge não ter um vintém no bolso ou acredita que é um comediante. Eu sou um comediante, sim, mas como sabem? quem dá a essa gente o direito de suspeitál-o? Esta noite ouvi gritarem: "Está morto! Está morto!" Entretanto, nenhum que tinha a carteira cheia fez um gesto de piedade. A unica pessôa que se mostrou caritativa foi uma mulher de vida facil. Bella profissão! Prometteu-me pão e queijo si a fôsse visitar! A verdade é que preciso recorrer a outro qualquer expediente. Demais, somos já trez ou quatro a explorar a profissão do desmaio. Si não acho coisa melhor, muito breve precisamos penhorar as perolas, os brilhantes que te dei de presente, e então tu te tornarás uma féra e és capaz tambem de fugir. Conheço-te, sabes? Com essa ar de bicho mansinho, não me enganas. Ah! Por Deus, não me enganas! Si eu não te tratasse como uma princeza, ha quanto tempo já me havias abandonado!

— Como uma princeza? Mettida em casa, debaixo de chave, sem ser mais senhora da propria vontade, chama-se isso viver como uma princeza?

(continuação) - NAS TREVAS

— Ah!, bem o sei. Querias ter a porta livre. Querias sahir sozinha. A teu gôsto. Confessa, confessa! Tens coragem de dizer que era isso que querias!

— Eu queria poder trabalhar, prompto. Não era costureira, antes de casar-me?

— Antes de casar-te, davas córda a todo conquistador que te apparecia na frente. E já que mando eu, queiras ou não queiras, deverás contentar-te commigo! Despudorada!

— Si desejo voltar a trabalhar, é mais para o teu bem que pelo meu. Tu mesmo dizes que não ganhas bastante.

— Não ganho bastante porque tu és ambiciosa. Sabes? Pretendes de mim aquillo que somente um ricaço te poderia dar.

— Sim. Devo ficar encarcerada aqui sob este tecto, sem ver viv'alma, e espero que ao menos não me falte nada. Saio, duas ou trez vezes apenas, no mez, sempre em tua companhia, sempre agarrada a ti; é de esperar que ao menos quando saio me tomem por uma senhora. Não tenho razão.

— E os brincos? As pulseiras? Os collares? Os anneis?...

— Agradam-me.

— E pretendes tambem isso, não é verdade?

— Renuncio, si me dás em troca um pouco de liberdade.

— Nunca! nunca! Não contes com isso! — concluiu elle com ferocidade — Quero-te debaixo de chave! E si duvidas, faço tambem correr muro nas janellas. Entendes?

— Então vae-te para o diabo, e traze para casa trinta mil reis por dia.

— Está bem!

O ciume de Affonso era morbido como o seu affecto, que tinha a insistencia moedora duma molestia chronica e a crueldade do possesso tyrannico. A tysica surda e lenta, de que elle não se aprcebia, dava-lhe febris excitações de apêgo á vida e, sobretudo, á juventude de Luiza. E ella, sob a guarda perenne desse tyranno doentio, affrontava o ciume, e, gelida, apathica, resignada á escravidão, e consciente da sua força, tornava-se por sua vez a tyranna de seu tyranno.

Aquella noite a conversação sobre o espinhoso assumpto terminou com uma indisfarçavel ameaça de hostilidade; mas na manhã seguinte, pela madrugada, transformou-se em fugaz tentativa de ternura confidencial.

Elle havia ruminado toda a noite e agora conversava com ella:

— Olha, tudo está em achar um meio mais seguro de commover os imbecis. Da fome, póde-se sempre duvidar. Que provas ha? Nenhuma. Temos o rosto desfigurado. Desmaiamos. Estrebuchamos. Mas isso não são provas irrefutaveis. E, no emtanto, a fadiga é enorme, os perigos augmentam cada dia mais, e o mêdo do perigo não permitte o sangue frio que precisamos ter: Sabes o que precisamos para commover sem dar trabalho nem correr risco?

— Que é?

— Um menino, minha cara, um menino! Basta vêr-me, a pessôa mais incredula não porá em duvida que sou um doente. Até a um medico de hospital conseguirei convencer, si quizer, que sou o mais desgraçado dos doentes. Com um bom disfarce de pedinte e um menino ao collo, faço dinheiro aos montes. Não achas?

— Nós não temos filhos — respondeu friamente Luiza, bebericando o café, perto da janella aberta. E si Deus me désse um, fica sabendo... Comquanto eu não tenha paixão por creanças, certamente não consentiria que levasses comtigo!

(Continúa na pag. seguinte)

NAS TREVAS — (conclusão)

— Está claro! — respondeu Affonso, em voz baixa.

Depois calou-se durante muito tempo, ficou pensativo, inquieto, passeiando pela sala, dando, de vez em quando á mulher um olhar rápido, ambiguamente interrogativo. Mas Luiza estava impassível. Não interrompia o silencio e, com a lentidão de quem dispõe dum tempo indeterminado, occupava-se de si. Aquella impassibilidade tornava mais accentuada e feroz a excitação de Affonso. Durante todo o dia elle teve uma especie de frenesi, ora alegre, ora lúgubre, ora religiosamente amoroso, ora cynicamente brutal. Cerrava os punhos, murmurava maldições, abatia-se, reanimava-se, sorria, esfregava-se por Luiza como o cão que pede uma caricia ao dono; beijava-a com carinho, repelli-a violentamente reprehendia-a com a energia de uma vontade intransigente, dizia-lhe que a amava, dizia-lhe que a odiava, tinha arrepios, tremia, contorcia-se; e as horas tornavam-se vagarosas, pesadas deante daquella vertiginosa agitação.

Não quiz tocar em nada. Não quiz sahir, como de costume, ao meio-dia, para o que elle chamava o seu serviço.

Entregue áquelle frenesi sem trégua, esperou pelas onze da noite. Tinha-se tornado espectral, pavoroso. Não dava uma palavra. Não tinha mais siquer, um resto do seu olhar turvo. Parecia um cadaver ambulante. Houve uma ultima pausa de concentração. Em seguida, tomou o chapéo e disse á mulher:

— Vou sahir.

Luiza que, como todas as noites, começava já a accommodar-se no divan, interrogou baixinho:

— A que horas volta?

— Não sei — respondeu Affonso.

A grande chave de carcereiro rangeu na massiça fechadura.

Luiza, na solitude de sua prisão, apoiou a cabeça no espaldar do divan, adormecendo.

III

Duas horas depois, no extremo opposto da cidade, entre o bêcco d'Afflito e a rua Speranzella, um bulicio atordoador de mulherzinhas e os gritos desesperados de Carmela despertavam os que dormiam. Mulheres e homens em camisa chegavam aos balcões e ás janellas. Um esquadrão de soldados, com um brigadeiro á testa, sahia duma delegacia de policia. As palavras que Carmela pronunciava vibrando, chorando e arrancando os cabellos em meio duma floresta de braços agitados e dum côro de terrores e imprecações não deixavam a menor duvida sobre o succedido:

— Roubaram-me o meu filho! Roubaram-me o meu filho!... Levaram aquelle pobre innocente! Levaram o meu sangue! Levaram a vida da vida minha!...

A chegada dos soldados, em vez de acalmal-a um pouco, exasperou-lhe a desolação:

— Que vêm cá fazer? São meus inimigos! Não quero vel-os! Vocês são os inimigos da gente desgraçada! Que querem de mim? Roubaram o meu filho! Que querem? Que querem? Mettam-se com o seu serviço, esbirros amaldiçoados!

— Olá, olá, ... modere os termos! — disse o mais altivo delles. — Do contrario, a prenderemos como rebelde na Força Publica.

— E prendam-me, prendam-me, si têm coragem!

Mas o brigadeiro, tendo sabido que se tratava dum caso excepcional, interveiu logo, paciente e calmo:

— Tranquillize-se, minha senhora, e não tenha mêdo. Estamos aqui para soccorrêl-a. Para isso é que viemos, não para fazer-lhe mal. Acalme-se um pouco, e procure contar-nos como se passou o facto.

— E que sei eu? — respondeu Carmela, com um desabafo de pranto, sem irritação, tornando-se respeitosa e submissa no espasmo da dôr profunda. — Que posso contar, brigadeiro? Agradeço-lhes, agradeço-lhes de todo coração, mas não posso dizer-lhes nada, porque nada vi com os meus olhos. Estava fechada lá na casa e havia deixado do lado de fóra, aquelle pobre innocente, com a velha. De repente, ouvi a velha gritar: "Soccorro! Soccorro! Soccorro!" Abri a porta e encontrei-a estendida no chão com olhos estatelados. O pequeno não estava mais! "Onde está Vicentinho? Onde está Vicentinho?"... E a velha, como si estivesse em agonia, abria a bôcca e não podia fallar. "Onde está Vicentinho? Onde se escondeu?..." E só depois que lhe dei um gole dagua a beber, é que me disse... que um homem corrêra para ella, dando-lhe um sôcco no peito e carregando o meu filho, tendo fugido com elle!... Senhor brigadeiro, senhor brigadeiro, a esta hora já o mataram!...

— Não, não. São ladrões de creanças. Não matam — affirmou, em tom seguro, o brigadeiro.

E, voltando-se para um de seus subalternos, ordenou:

— Procure a velha e prenda-a!

Para ouvir a breve historia de Carmela, as mulherzinhas haviam calado, retrahidas e attonitas. Agora, levantava-se novamente o côro de imprecações. E ella continuava a chorar numa effusão de humilde desconsolo:

— Senhor brigadeiro, a esta hora já o terão morto! Como farei?... Como farei?... Senhor brigadeiro, não me abandone. Sem aquella alma de Deus, Carmela morre...

PORQUE DIGERE MAL

Assim como certas glandulas segregam a saliva, o estomago secreta os succos que transformam os alimentos e os preparam à sua passagem aos intestinos onde se termina a digestão. Quando a digestão é demorada e dolorosa, ou que se sente taes malestares como — a flatulencia, as nauseas, os arrotos, os ardores ou as enxaquecas, é porque, em nove vezes fóra de dez, os succos secretados pelo estomago são demasiado acidos e os alimentos não transformados ou mal transformados pesam e fermentam no estomago. Esta fermentação irrita as paredes do estomago, e os resultados são os males digestivos em suas varias formas. Estes malestares desapparecem quasi instantaneamnete desde que se neutralise este excesso de acidez, tomando-se, depois das refeições ou quando se sente a mais leve dôr, meia colherada das de café ou duas ou trez tabletas de Magnesia Bisurada em um pouco d'agua. Mesmo comendo de tudo o que se queira, evita-se assim os males chronicos e ás vezes graves do estomago. A Magnesia Bisurada encontra-se em todas as pharmacias.

BOM HUMOR

A maior parte dos homens casados que frequentam sozinhos os restaurantes, o fazem para ter de vez em quando o prazer de dar ordens na mesa...

* * *

Um cavalheiro que nunca assistiu a um concerto classico chega ao Municipal com atrazo e pergunta ao porteiro.

— Sabe dizer o que estão tocando agora?

— A 9ª symphonia de Beethoven.

— Que pena! E eu que por atrazo perdi as outras 8!...

* * *

O marido ferido (ao juiz que o interroga). — Desde que nos casamos — ha 16 annos — minha mulher todos os dias me atirava com um objecto á cabeça.

O juiz. — E por que não se queixou antes disso?

O marido. — Por que até hontem ella não tinha acertado...

* * *

Foi com inteira razão que Diogenes disse: "Os animaes de peores mordeduras são: o calumniador, entre as feras selvagens, e o adulador, entre os animaes racionaes: os homens!

PLINIO MENDES

MULHERES...

(Humor argentino).

Uma mulher tudo perdôa, menos que não nos occupemos della.

* * *

A perversidade em certas mulheres é um abysmo insondavel, a cujo fundo nunca se chega.

* * *

As mulheres aprenderam a chorar para mentir melhor...

DO "CARNET" DE BOLONIO

QUANDO vejo um máo escriptor dedicando-se à critica, sinto o mesmo effeito ao vêr um médico enfermo que pretende curar os outros.

* * *

Lendo, Smiles se consolava da difficil situação que lhe havia creado o seu excesso de dividas...

* * *

Com o mesmo criterio com que se pinta de branco as leiterias, deviam pintar de vermelho os açougues e de preto os salões de engraxates.

* * *

Se o epio fosse um veneno activo, os ouvintes de radio e os que vão algumas vezes ao theatro nacional já estariam mortos ha muito, irremediavelmente.

* * *

Creiam ou não ha quem prefira fazer collecção de libras, em vez de fazer as de livros!

* * *

Ella era tão innocente e candido, que, quando "jogava damas", enrubecia...

PLINIO MENDES

O pachá. — Olha, christão, si tivesses vindo só por causa da Fauna, eu não me incommodava, porque não a conheço; mas, disseram-me que vinhas, tambem, por causa da Flora, que é a minha favorita, e essa ousadia não te posso perdoar...

DIOGENES

Por Paulo Freitas

Foi em Sinope, cidade da Asia Menor, ao lado do Ponto Euxino, que nasceu o celebre Diogenes — philosopho cynico.

Expulso da cidade natal, foi para Athenas, onde se tornou admirado e querido pela philosophia da sua vida.

Desprezando o luxo e as etiquetas sociaes, era muito pouco preoccupado em cousas de indumentaria, pois, segundo affirmava, a verdadeira sabedoria consiste em se viver de accôrdo com as leis da natureza.

A fraternidade era o seu ideal.

Bohemio sublime, dormia agazalhado, nas noites frias, pelo manto azul da amplidão bordada de estrellas...

* * *

Certa vez, Diogenes escreveu a um amigo pedindo-lhe arranjasse uma pequenina e modesta habitação. Não obteve resposta.

O philosopho tomou por isso a resolução de morar dentro de um tonel.

O tonel de Diogenes tornou-se celebre na Grecia.

* * *

Alexandre encontrou o sabio certo dia e lhe disse: "Eu sou o grande rei Alexandre".

Diogenes replicou: "Eu sou Diogenes, o cão".

Perguntado porque se dizia cão, Diogenes falou:

"Porque acaricio os que me agradam, ladro contra os que não me agradam e mordo os que são perversos".

* * *

Perguntaram a Diogenes quando se devia casar. Elle respondeu: "Quando se é joven, é muito cêdo; quando se é velho, já é muito tarde".

* * *

A um homem perfumado advertiu: "Toma cuidado para que o perfume do teu corpo, não faça sobresahir o máo cheiro da tua vida".

* * *

Encontrando-se com Platão, apresentou-lhe um gallo sem pennas, dizendo: "Eis aqui o homem de Platão".

* * *

Alguem lhe falou: "Nada sabes e te fazes de philosopho". "Mas, — disse elle, — simular já é ser philosopho".

* * *

Desejaram saber qual o proveito que tirava da philosophia.

Respondeu: "Pelo menos, a philosophia ensina a tolerar a vida".

* * *

No seu grande desdem pela humanidade, foi encontrado, com o sol a pino, nas ruas de Athenas, carregando nas mãos uma lanterna.

Desejou alguem saber o motivo de tal excentricidade.

E o philosopho: *"Procuro um homem!"*

* * *

Tendo entrado em um theatro, certa occasião, pela porta de sahida, foi advertido.

Sem se perturbar, exclamou Diogenes: "Tenho por habito fazer, na vida, justamente o contrario daquillo que os outros fazem".

* * *

FELICIDADE, ONDE ESTÁS?

CASA simplezinha. Toda feita de pau a pique e a sopapos, pintada de branco e coberta de sapé. Rodeada de arvores frondosas. Um jardimzinho, na frente, de rosas e cravos. Um rio passa nos fundos do terreno, quebrando a monotonia da planicie, que se estende até muito longe...

E esse sublime lugar, tão cheio de encanto, é um presente divino ao pobre dono dessa choupana. A vida delle, um continuo labutar: cultivar a terra. Dois filhinhos a encher-lhe de alegria e de enlevo os momentos de descanso. Esposa meiga e carinhosa, toda desvelo e ternura, fazendo daquelle recanto eterno paraiso e da casinha um altar onde elle é o santo venerado.

Que mais pódes desejar, oh mortal feliz?

Mas, rodeando aquelle recinto, elle vê montanhas vedando-lhe a entrada ao prazer, ao luxo, ao gozo da vida...

Por traz dessas montanhas, fica a cidade...

Elle medita: tem lar bem constituido, tem muito carinho, muito amôr, mas trabalha tanto... Como seria feliz se pudesse transpôr aquelles obstaculos e viveria então...

Um soffrimento enorme se apodera dessa creatura.

Não sabe e nem póde comprehender que a sua ventura é completa! Possúe a suprema felicidade que se póde desejar: a creatura amada, dois anjinhos que Deus lhe enviou para coroar esse amôr e uma casinha branca...

Mas a alma humana vive a sentir aspirações vagas e indefinidas do que não possúe, do que não goza...

Talvez seja por isso que eu, que vivo na cidade, faria tudo para ir além dessas montanhas, se tivesse a certeza de que me esperava a creatura amada, uma casinha de sapé e um rio quebrando a monotonia da planicie que se estende até muito longe...

Felicidade, onde estás?

No recondito invisivel onde o amôr impera, ou no bulicio estonteante da cidade, onde as alegrias são ephemeras e as glorias passageiras?

Talvez existas em toda parte, mas, com aspectos differentes. E quem te sonha de uma maneira e muitas vezes julga ter-te visto um dia não te reconhece quando surges completamente metamorphoseada e pensa que já não existes.

Talvez o lavrador te tenha sonhado envolta em nuvens de riqueza, de luxo e de conforto.

E por isso não te haja encontrado...

E eu, que te vi, um dia, envolta em nuvens de amôr, de carinho e de sinceridade, não posso te encontrar...

MARIÚCHA

QUADRAS

I

NUMA ESTANCIA DE AGUAS

Uma nova fonte de aguas
Abriu-se em meu peito agora:
Fonte de pranto; de maguas
Porque tu te vaes embora.

II

A BORDO D'UM PAQUETE

Ai! Jesus, que sorte dura!
Se mais demora a viagem,
Perderei minha gordura
Como perdi a coragem.

III

SAUDANDO A ALGUEM

Brindando á tua magia,
Tens encantos de sereia,
Até champagne eu bebia...
A' custa da bolsa alheia.

IV

O QUE NÃO ESQUEÇO...

Beijo-te as mãos pequeninas,
Trocamos palavras ternas,
Mas não me esqueço que as pernas
Tens tortas, pelludas, finas...

V

UMA SUPPLICA

A Santo Antonio no altar,
A moça rezava assim:
— Quero, quero me casar,
Meu Santo, tem dó de mim!

VI

BEM FICA EM BOMSUCCESSO

E' feia, feia em excesso.
E' pobre e me diz ser rica.
Mas bem fica em Bomsuccesso
Mentindo assim em Bemfica.

VII

TODOS PENSAM...

Teu pae pensa que sou rico,
Tua mãe em nos casar;
Tu pensas em mim um tico,
E eu só penso em me raspar...

VIII

A TRANCOS E BARRANCOS

Eu, a trancos e barrancos,
As minhas quadras compuz...
No côco — cabellos brancos.
Nas costas — pesada cruz.

LEOPOLDO D. AMARAL

saibam todos...

SALAMANDRA (Bahia) — Sim, illustre e querida bahiana. A sua indignação é uma demonstração de sympathia que muito me desvanece.

E é motivo de orgulho para mim. Direi, porém, que, embora tenha lido os insultos que o jornal de Aracajú me atirou, a proposito de *Azul e Rosa*, continúo em silencio, como si tudo ignorasse. E' que o tal artigueta vem assignado por um nome desconhecido e sem responsabilidade literaria.

E eu, de modo nenhum, respondo a nullidades.

Por muito favor, só me defendo de certos ataques quando estes trazem a assignatura de um escriptor conhecido.

Não estou aqui para fazer propaganda de cavalheiros anonymos e que desejam apparecer á minha custa.

COLOMBINA (S. Paulo) — Obrigado, brilhante poetisa de tantos versos admiraveis. Li a sua nota sobre *Azul e Rosa*, no *Correio de S. Paulo*.

A minha illustre collega além de uma defesa notavel, que fez de minha pessôa, revelou, mais uma vez, a sua alta e fina sensibilidade de artista. Não fosse Colombina a rendilhadora a filigranista daquellas tramas de ouro e sentimentos, que são os poemas lindos, sinceros e tristes, creados com os "Versos em lá menor".

Reproduzo, aqui, a sua chroniqueta — mais em homenagem ao seu insigne espirito de mulher do que á arte incolor do meu "*Azul e Rosa*".

AZUL E ROSA

POEMAS DE BASTOS PORTELA

A alegoria desse poema devia ser uma boneca de porcelana rosa, com duas grandes saphiras nos olhos maravilhados.

Porque essas duas côres, contrastantes e lindas, formam como que um «travesti», original, atraz do qual se occulta uma boneca-mulher ou mulher-boneca, que talvez nem saiba os versos que inspirou...

Ha dias numa reunião de intellectuaes, alguém que é (porque não direi ainda (?...)) futurista e diz que o sentimentalismo já não tem razão de ser nos dias actuaes, e que emoções da alma, como a esperança, a duvida, a saudade eram passadismo, [illegible] da [illegible] hoje.

Passadismo na opinião cabotina de quem, para ser original, nega os sentimentos mais intimos do coração humano e finge admittir que a criatura supporte a vida sem esperanças e a atravesse sem duvidas e sem saudades...

Felizmente, para desmentir esses pretensos destruidores das razões mais lindas da vida, ahi estão os verdadeiros poetas com os seus poemas, vindos do coração para os corações que os estendem.

Bastos Portela é um desses nomes que elevam a poesia da nossa terra, o fino estheta do «Suave enlevo», dá-nos agora «Azul e rosa», pequenino livro, que só tem o defeito de ser pequenino, porque poemas como esses, a gente gosta de lêr sempre mais...

O interessante «causeur» do FON-FON, que um dia desceu á «morgue» das almas humanas e descreveu a bisturi a «Garçonne carioca», volta de novo á thebaida dos sonhos, onde se encontra com a poesia, sua companheira através da vida, que o faz dizer na «Rosa de Italia»:

Quantos mezes perdidos! quantos mezes
De amor inútil, consagrado em vão!
Eu bem percebia, muitas vezes
Que teu amor era fingido... Era illusão.

E no poema Renuncia:

Vales mais porque sei que não és pura,
porque estou despeitado e te guardo rancor...
quando uma estrella câe de uma tão grande altura,
não sei porque nos seduz mais o seu fulgor...

Assim todas as paginas, estuantes de ternura, mesmo quando disfarcada em palavras de rancor ou de scepticismo.

A's criaturas de bom gosto, e que ainda têm coração, nos dias actuaes, recommendo sinceramente o «Azul e Rosa», de Bastos Portela.

Colombina

S. Paulo, janeiro, 1934.»

AL (S. Paulo) — Caro confrade. Recebi a sua collaboração destinada ao FON-FON. Como sempre, ella será publicada.

Agradeço-lhe a espontaneidade e a lembrança que teve de escrever uma nota, sobre o meu ultimo livro "Azul e Rosa", no "Commercio de Jahú". O sr. é ainda um dos raros que sabem retribuir gentilezas recebidas.

Na generalidade, os nossos collaboradores só se lembrar de si. Querem ser bem recebidos por mim; acham que lhes devo fazer toda sorte de obsequios...

Outros julgam que, si me elogiam — o elogio é merecido e insincero. Mas, si em vez do elogio, o que vem é um ataque, uma descompostura — estes são merecidos e justos.

E vá a gente se deixar guiar por essa especie de criticos...

NEUSA GARCIA (Capital) — A sua carta, a bem dizer, só interessa á minha pessôa. O publico, ou por outra, as leitoras bonitas do "Saibam todos", nada tem que vêr com o que me diz seu contexto.

Entretanto, é uma carta que diverte. Pelo menos, v. ex. manifesta esse desejo alegre: — fazer rir... com os seus tracadilhos... bibliographicos...

Leiamol-a, sim?

"Rio, 25-1-934. Yves. O motivo desta é agradecer a você a gentileza e paciencia com que respondeu a minha carta.

Não sabia que você aos seus innumeros predicados alliava ainda a modestia.

Você diz que o assumpto de minha carta é transcendental e que você não possue conhecimentos especializados para responder á pergunta que lhe fiz.

Quanta modestia Yves! Quanta modestia meu irmãozinho espiritual...

Você citou tantos psychologos. Para avaliar o seu conhecimento no caso, bastava o nome de Freud que é o mestre dos mestres em psychanalyse.

O sonho a que me referi, é o que temos quando dormimos, por isso, empreguei a palavra subconsciente.

Você meu caro poeta é que me faz sonhar accordada, com aquella idéa que teve de que eu ando cavalgando uma nuvem... Eu, cavalgando uma nuvem ou uma estrella!

Valha-me Nossa Senhora dos Para-quedas!

Mas, pensando bem a sua invenção deve ser maravilhosa!

Imagina, Yves, que delicia eu sentiria em experimentar o seu genial invento.

Sahiria a flanar pelo espaço, desafiando a inveja dos basbaques, olhando ainda com desprezo para os vehiculos da mechanica moderna. Iria assim gozar por muitas horas "O lado côr de rosa da vida." E depois, talvez que eu encontrasse lá em cima com Orpheu. Você sabe que elle conseguiu escapar do inferno levando comsigo a mulher amada... Portanto é logico que se acha no céo; conver-

(*Continúa na pag. seguinte*)

saria com elle sobre a literatura moderna. Dava-lhe a ler "Uma garçonne carioca"; promettia voltar em breve para obsequial-o com um livro todo "Azul e Rosa". Falava-lhe em Guilherme de Almeida e no escriptor de minha predilecção: o senhor Bastos Portela. Não sei se você conhece, é um malicioso que muito entende de jogo do bicho.... Independente disso é um sonhador como eu, capaz tambem de cavalgar nuvens e estrellas...

Pelo menos já confessou num verso:

"Sou phantasista e sonhador!
Amo e soffro! A minha alma é
[languida e amorosa...
E para quem padece por amor
A vida tem seu lado côr de rosa..."

Adeus, Yves, recebe os agradecimentos da — *Neusa Garcia*."

Será que aqui se encerra a sua carreira literaria? Ou antes, a sua carreira.... epistolar?

JOSE' BRASILEIRO (Parahyba do Norte) — Meu caro senhor. Peça as obras de Manuel Galvez, á Livraria Hespanhola, á rua 13 de Maio, 28, e nellas encontrará a biographia completa do grande escriptor e philosopho.

Pede-me o sr. julgar a chronica literaria de um escriptor que a publica no mensario *Momento*, de Recife.

Ora, a tal chronica é um amontoado de diatribes e grosseirias.

Julgo um homem de letras pelas suas idéas, pelas suas doutrinas, pelo seu espirito edificador. Por insolencias e brutalidades, só se podem julgar as atitudes de um carroceiro. Maximé quando esse modo de agir não se justifica, de modo algum, num homem educado e de cultura literaria.

De modo que não formúlo nenhum juizo, a respeito do chronista a quem o sr. se refére.

W. T. DI ARAUJO (Capital) — O sr. é um desses cavalheiros que valem ouro. Mesmo no carnaval. De sorte que é preciso tratal-o como si fosse uma joia, uma coisa preciosa.

Pudéra! Pois si o sr. é um remedio excellente para desopilar o figado!

Escreve o sr. Dois pontos:

"Rio 2-2-934. Illustre Yves. Saudações. Tomo a liberdade de enviar-lhe dois sonetos de minha autoria, os quaes submetto a sua justa e magna apreciação.

Estando ambos dignos de figurarem nas paginas do FON-FON, peço-lhe o favor de publical-os. Mas se pelo contrario estiverem defeituosos em technica, ou sentido, tambem peço-lhe chamar-me a attenção para os erros em que claudiquei.

Sem mais nada, firmo-me com profunda admiração pela sua pessôa."

Agora, ao soneto — isto é, o "desopilador" do figado:

A TAL FELICIDADE

Hei de encontrar a tal Felicidade,
Se um dia, aos pés de Deus em
[um bélo altar,
Junto comtigo, timido jurar
A sagração eterna da amisade.

Do teu sorriso cheio de bondade,
Após o sim, que ao bom cura há
[de dar,
Há de surgir a fada, a sintilar
No diadema de tua virgindade.

Hei de prendel-a então no cofre
[forte,
Que tens no peito, fulgida prisão
Que guardará a tua, e a minha
[sorte.

De guardiã ativa hás de servir,
Para guardal-a bem, senão senão...
A tal Felicidade há de fugir.

Si as leitoras bonitas e intelligentes não estiverem ahi a se retorcerem de riso — eu sou capaz de me enforcar numa corda bamba...

WALTER C. (S. Paulo) — O sr. me envia uma collaboração intitulada *Mascaras*.

Muito bem. Quer que a publique. Sem duvida, virá com ella trazer uma grande contribuição á literatura nacional... Quem sabe!

Vejamos a sua arte (?):

MASCARAS!...

Carnaval!... A multidão nas ruas diverte-se a valer; embriagadoramente... Quantos arlequins! quantos pierrots! quantos palhaços que distribuem um sorriso e uma graça para todos!...

Verdadeiros palhaços que na hora do "metier" de fazer rir, espalham sua alegria por todos os cantos, ocultando sob a mascara caraterística que lhe adorna o rosto palido, paginas de dôres e de amarguras, paginas da vida!

A voz rouquenha dos garotes vendedores, faz-se ouvir distinctamente, apregoando aqui e acolá o produto do seu ganha-pão, espondo-se ao perigo constante dos automoveis.

No carnaval, como na vida, impera sempre o contraste:

emquanto uns gastam dinheiro em coisas tôlas e futeis, até altas horas da noite, recolhendo-se depois de uma orgia aniquiladora ao conforto principesco do seu lar, outros, os andrajosos vendedores de serpentinas, recolhem-se ás suas pocilgas onde suas mãis cochilando de sôno e fadiga, esperam ansiosas pelos filhos, que lhes trazem, sorrindo e contentes os minguados niqueis de muitas horas de trabalho.

E si desta vez a patria não se salvar e o mundo não endireitar a culpa não ha de ser sua, seu Walter — ha de ser da sua literatura carnavalesca...

Yves

UM AMERICANO EM PARIS

— Que é isto?
— A Torre Eiffel.
— Quanto tempo levaram para construil-a?
— Cinco annos.
— Ora, na America construimos uma torre como esta em dois mezes.

— E isto, que é?
— O Pantheon.
— Em quanto tempo o construiram?
— Levaram dois annos.
— Isto, na America, seria feito em menos de duas semanas.

— E isto?
— Isto?... Não sei. Hontem ainda não estava construido...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 82
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 24 - 2 - 934

Data da consulta...........

Nome da consulente.........

....

Untisal

A gravidade de um resfriado, desaparece com a primeira fricção de

Untisal

Untisal

ao peito, remedio feito.

Garganta

Molhe uma flanela em UNTISAL, aplique-a em volta do pescoço, deixe-a 3 ou 4 horas, e a dôr de garganta desaparecerá juntamente com a inflamação.

Vidro 5$000

Em todos os restaurantes chinezes estabelecidos em São Francisco, Hong-Kong, Shangai e outros pontos da Asia e da America, entra-se na sala de refeições passando pela cozinha, com o fito, naturalmente, de que se possa, assim, apreciar a limpeza e a hygiene alli reinantes.

* * *

A attenção do viajante que passa pelo Japão é despertada para uns letreiros collocados em muitos jardins e outros logares publicos, os quaes convidam os passantes a pararem um pouco, para contemplar a paizagem. Naturalmente que, de taes pontos, se vêem os panoramas mais bellos da região. E' esse um dos meios que alli se empregam para a educação do gosto.

* * *

E' conhecida a affeição que os grandes homens dedicam aos cães. O illustre pianista Paderewski, por exemplo, ficou inconsolavel com a morte do seu cãosinho "Puig-Lung".

Durante a enfermidade do animalzinho, deixou de dar uma série de concertos que havia annunciado.

O "batedor" de carteira, profissional (intelligente). — Foi um caso de amôr á primeira vista, senhor juiz e foi esta a unica maneira de poder obter o endereço da senhorita...

* * *

Os homens que estão expostos aos rigores do inverno, no Alaska, não usam bigode, apesar de ostentar uma espessa barba, necessaria para abrigar a cara e o pescoço. A falta do bigode tem sua explicação: a respiração se congela, facilmente, sobre o bigode, formando uma camada de gelo que causa muitas molestias.

* * *

O theatro Real de Madrid é a sala de espectaculos que tem o maior scenario do mundo. A bôcca do palco méde dezoito metros.

* * *

As ostras mudam de sexo trez e quatro vezes ao anno. Segundo o naturalista Sparck, esse phenomeno é devido ás variações de temperatura da agua.

* * *

Entre os esquimáos, antes de ser admittido em um acampamento, o estrangeiro é obrigado a trocar, com o chefe da tribu, um formidavel par de bofetadas, depois do que se beijam. Tal saudação não póde ser esquecida sob nenhum pretexto.

HISTORIA DE UMA TIÁRA

De Gaston Ch. Rechard

HA cerca de 40 annos, uma ligeira noticia publicada nos jornaes parisienses annunciavam que, na Criméa, acabavam de descobrir, explorando tumulos antigos, duas preciosas peças de ourivessaria — uma tiára de ouro e um collar — ambos de rara belleza.

As duas peças se achavam perfeitamente conservadas e haviam pertencido ao conquistador barbaro Saitapharnés.

Esse facto se passou em 1896. Quem era esse Saitapharnés, cujo nome e cuja lembrança resurgiam, depois de decorridos tantos seculos deante da curiosidade dos contemporaneos?

Os mais famosos diccionarios, as mais massiças encyclopedias nada diziam a seu respeito.

Mas, as quatro syllabas do seu nome serviam de tal maneira de pasto á curiosidade do publico, que um erudito, universalmente respeitado, Salomão Reinach, teve piedade da ignorancia dos seus patricios e resolveu esclarecêl-os.

Assim, redigiu um pequeno artigo para o "Figaro", o qual foi transcripto por um sem numero de outros jornaes.

Soube, deste modo, que Saitapharnés fôra um rei bárbaro, um Schytha, que subjugára algumas colonias gregas que floresciam nas margens do Ponto Euxino. Os dacios, os darmatos, os bythenses, os thracios conheceram o rude peso das suas armas.

Esse despota sanguinario, havendo sitiado a cidade de Olbios, situada não longe da embocadura do Borysthéne, recebeu de um notavel lá residente para não arrazál-a, um presente de setecentos talentos de ouro.

Ora, valendo o talento de ouro, de 1896, cerca de 56 mil francos, vê-se que o magnifico e generoso Protogenes entregou uma contribuição de guerra de cerca de quatro milhões de francos.

O seu gesto foi grandemente admirado. E todo se indignou muito justamente quando soube que o ambicioso Saitapharnés ainda exigira alguma coisa mais.

Mas, assim mesmo, o Senado e o povo de Olbios, para gozar de paz e tranquillidade, offereceram-lhe a tiara que acabava de ser descoberta, assim como o collar, ao qual se achava dependurado um "pendantif" triangular.

A curiosidade publica, superexcitada pelas noticias dos jornaes, cada vez se interessava mais pelo caso.

E foi com grande alegria que se soube que o Conselho Superior dos Museus Nacionaes, por proposta do sr. Héron de Villefosse e Theodoro Reinach, havia adquirido as myrificas joias, dispendendo para isso a somma de duzentos e cincoenta mil francos.

Foi um verdadeiro triumpho nacional. O ouro francez vencêra. Londres, Paris, Vienna e Nova-York haviam perdido a corrida. A tiára de Saitapharnés iria para o Louvre.

UM COMMUNICADO SENSACIONAL

Alguns dias após o achado dos dois objectos preciosos, foi divulgado pela Agencia Havas o seguinte communicado:

Museu do Louvre Departamento de antiguidades gregas e romanas

"O Departamento de Antiguidades gregas e romanas enriqueceu, desde hontem, uma de suas collecções mais interessantes — a de joias — com duas peças de alto valor artistico e de raro interesse archeologico.

Depois do admiravel thesouro de Bosco Reale, tão completo, no estylo e na conservação, nada se poderia esperar de mais interessante. No entretanto, o sr. Héron de Villefosse acaba de

(Continúa na pag. seguinte)

encontrar dois objectos que ultrapassam em valor de qualquer especie aquelle thesouro.

Trata-se de duas peças de ourivesaria, que o Conselho dos Museus Nacionaes autorizou ao Louvre adquirir, e que serão ali expostos, na Galeria de Joias Antigas, para admiração do publico.

O primeiro desses objectos, o mais importante, é uma tiára de ouro, de um fino lavor artistico e perfeitamente conservada. O segundo é um collar ornado de pedrarias e perolas que constitúe uma admiravel obra prima."

Alguns dias mais tarde, sob o véo do anonymato, appareceu no "Gaulois" um artigo enthusiasta, cuja summula se segue:

"Essa tiára foi um presente offerecido pelo Senado e pelo povo de Olbios — colonia grega estabelecida na Dacia, perto do Bosphoro — e foi justamente na Criméa que veiu a ser encontrada, quando se procedia á escavação de um tumulo antigo. O destinatario desse presente era um rei scytha de nome Saitapharnés.

Foi uma inscripção gravada na tiára — *e que constitúe por si só um documento historico de primeira ordem* — que nos fez conhecer o seu destino. A sua fama e dos mitras orientaes, especie de

Historia de uma tiára

(Continuação)

calote semi-ovoide. A decoração disposta em camadas horizontaes, termina no alto, por uma serpente enrolada numa pequena cabeça debicada. Logo, em baixo, um renque de palmas destacadas do fundo. Mais abaixo ainda, uma série de imbricados em fórma de escada e uma linha de baixos relevos representando duas scenas da "Illiada": Briseis conduz Achilles e o padeiro Patrocle. O estylo desse trabalho é muito avançado (Seculo III A. C.) se bem que pareça simples e elegante.

O sr. de Villeposse demonstrou a exactidão literal com que o artista seguiu o texto homerico. Achilles, cuja cabelleira é longa quando Ulysses o apresenta a Briseis, tem-na cortada quando comparece deante de Patrocle. Além disso, o padeiro guarda uma attitude perfeitamente igual á da descripção do poema. O corpo de Patrocle, acima e abaixo, os cadaveres dos jovens troyannos, os escravos immolados, cães e cavallos. O registro inferior termina por uma frisa estreita e de relevos menos accentuados, representando diversos episodios da vida dos scythas e que constituem preciosos documentos para a historia dos costumes daquelle povo: caças ao leão, ao urso, domesticação de cavallos selvagens, educação de jovens, scenas agricolas, etc.

A' tiára se achava adaptada uma jugular da qual não resta nenhum vestigio, mas cujos atacadores ainda são visiveis dos dois lados.

Toda a imprensa fazia côro, enthusiasmada pela descoberta preciosa.

Clermont-Ganeau, que examinou a tiára, mostrou-se espantado porque não encontrou nella menos amolgamentos verdadeiramente caracteristicos, provocados por choques, inevitaveis, nem tambem arranhaduras no metal tão velho.

Na revista internacional de arte "Cosmopolis", o professor Furwaengler, director dos Museus Imperiaes de Berlim, revelou as suas duvidas sobre a authenticidade da peça e mostrou-se partidario da versão que poz em curso, de que se tratava de um truc habilmente executado.

Um archologo russo, professor Wesselowsky, em artigo publicado, felicitou-se por não ter o seu paiz procurado adquirir a obra prima, de idoneidade duvidosa.

Não obstante tudo isso, Héron de Villefosse e Th. Renard declararam que "os invejosos rumores suscitados na França e no estrangeiro não os impediam de conti-

nuar a considerar a tiára como uma verdadeira obra prima de ourivesaria e uma peça historica de primeira ordem, assegurando ainda, sem medo de contestação, que a sua presença nas collecções do Louvre significava um dos acontecimentos mais expressivos para o prestigio das bellas artes francezas.

A MULTIDÃO ADMIRA

No dia prefixado, quando se abriram ao publico as portas da sala da Galeria das Joias Antigas, uma verdadeira multidão desfilou deante da vitrine em que resplandeciam a tiára e o collar.

Uma canção de Montmartre ficou marcando a lembrança desse dia historico:

"Para ver a tiára
Desse rei barbaro
Que se chama Saitaphernés,
Abandonei domingo
Minha querida esposa Blanche
E minha casa no boulevard Barbés

Meu Deus! Que grande confusão!
O povo se agglomerava
As pisadellas e aos empurrões.
Parecia que estavamos no hospicio.
E as ambulancias da Assistencia
Levaram nas suas macas mais de
[vinte estropiados

Durante seis semanas ás quartas e aos domingos, o publico ia ver a tiára, admirando-a com um commovido respeito. Depois, o silencio se foi fazendo a respeito do caso, a pouco e pouco. E, na quieta atmosphera do Museu, a tiára do "grande rei invicto Saitaphernés" começou a viver a sua vida esplendida e inutil de objecto de arte. E, assim, passaram-se seis annos...

O FALSO FALSARIO

Em 1903, em virtude de queixas apresentadas por dois mestres montmartreanos, Henri Pelle e Adolphe Wellete, a policia deteve um desenhista, bohemio de origm russo-poloneza, chamado Ellina, o qual, com muito mais topete do que talento, fabricava e vendia desenhos falsificados, com a assignatura daquelles dois nomes notorios nos fastos do "Chat Nair", de truculenta memoria.

O seu processo era simples. Decalcava com cuidado o desenho, reproduzia-o sobre um papel apropriado de bôa qualidade e cobria o esboço á sanguinea ou nankim. Se bem que ás obras falsificadas faltassem qualidades capazes de recommendál-as aos amadores, assim mesmo o falsario conseguia impingil-as aos incautos, que, adquirindo-as, pensavam ter feito uma pechincha.

No seu depoimento na policia, Ellina declarou que não havia falsificado Henri Pille, porque essa tarefa era sobremodo difficil para elle. Confessou, entretanto, haver falsificado Willete, visto como os seus quadros se vendiam melhor.

Ellina contou ainda perante as autoridades toda uma série de mystificações que vinha realizando de certo tempo a esta parte. Em virtude das suas declarações, muitos amadores e colleccionadores se viram obrigados a retirar das suas respectivas pinacothecas quadros assignados por Courbet, Rembrandt e Giorgione.

Quando menos se esperava, "o fanfarrão do delicto artistico", como o chamava o chefe da Segurança Publica declarou perante o tribunal estarrecido:

— Sou eu o autor da tiára de Saitaphernés, que está no Louvre!

— Ellina — disse o juiz da Instrucção, — vós não sois ourives.

— Sou tudo quanto quero ser: ourives, joalheiro, lapidador, pintor, esculptor, ceramista, architecto...

— Basta! — gritou o juiz.

— Se quereis provas, poderei dal-as!

Ellina continuou o seu depoimento como elle recebêra a encommenda da tiára dum certo Lifsmento, contando pormenorizadamente, ourives russo estabelecido em Paris, por conta de um grande colleccionador de antiguidades, e cujo nome se negou terminantemente a declarar.

Embora não acreditando nas de-

(Continúa na pag. seguinte)

claraçôes do crimineso, porque o tomava como mythomano entregue aos delirios da megalomania, o juiz achou de bom alvitre communicar o facto ao procurador da Republica, o qual, por sua vez, officiou ao ministro da Justiça, que tambem passou adeante a informação levando-a ao ministro da Instrucção Publica. Este ultimo transmittiu o conhecimento da occorrencia ao director de Bellas Artes.

O juiz resolveu chamar Lifschitz ao seu gabinete. O ourives russo apresentou-se, com effeito, a hora e no dia combinado e não oppoz nenhuma difficuldade em confirmar a sua parte na responsabilidade do crime referido por Ellina. Elle havia, na verdade, transmittido a encommenda da tiára, ha seis annos atraz, por parte de um dos seus clientes, morto logo após esse facto. Mas, accrescentou, não fôra a Elina que elle fizera a encommenda. "Acompanhado de um dos collaboradores desse meu cliente — affirmou Lifschitz, — viajei de Paris a Constantinopla e de Constantinopla para nos encontrar-mos com um habil gravador, o unico capaz, a meu juizo, de executar convenientemente o trabalho por cuja entrega eu me responsabilizara. Chamava-se elle Israel Salomonevitch Roukhomowsky. Podeis, senhor Juiz, chamál-o e tomar o seu depoimento. Elle, porém, executou a tiára mas não a terminou. Era um artista e não um ladrão. Por isso, meu cliente nunca expoz a tiára nas suas vitrines. Com effeito, não trabalhada, a peça tinha o aspecto novo e não de antiguidade.

Quando Elina soube do depoimento de Lifschitz, protestou furiosamente. Sustentava que elle proprio é que havia feito a tiára. Jurou a pé firme que aquella era a priemira vez que escutava pronunciar o nome de Roukhomowsky.

Por fim, Elina teve que renunciar de vez a sua pretensa e singularissima gloria. Porque de Odessa chegou com o endereço do juiz de Instrucção um despacho telegraphico de Israel-Salomonevitch Roukhomowsky, no qual o signatario se reconhecia como autor da tiára e se offerecia a viajar a Paris, para proval-o.

Elina teve o seu nome retirado do cartaz. A liberdade provisoria envolveu-o na sombra do esquecimento. E todo o interesse do escandalo se voltou para Roukhomowsky.

GUERRA DE PENNAS

O escandalo, pois, avultava, se bem que tudo se fizesse para evital-o.

Lifschitz, accusado pelos jor-

Historia de uma tiára

(Continuação)

naes de ser o autor de todas aquellas trampolinagens, endereçou uma carta-circular á imprensa, que causou sensação.

Simultaneamente, a resposta de Roukhomowsky era largamente divulgada. E a febre de sensação percorria as veias de todos os reporters de Paris. Apenas o que espantava toda gente era o silencio dos compradores da tiára.

Foram chamados a depôr criticos de renome, como Clermont-Ganneau e Camille Legrand. O primeiro se mostrou surpreso com o facto da tiára não apresentar vestigios de uso, nem tão pouco signaes de choques ou pancadas, principalmente as figuras esculpidas em alto relevo.

Camille Legrand, por sua vez, estranhou que a inscripção em grego antigo tivesse sido traçada em caracteres "em relevo", em logar de ter sido gravada a buril. De outro lado, certas letras não correspondiam aos caracteres empregados no III seculo A. C., mas á época posterior, provavelmente a bysantina.

Por fim, Theodoro Reinach e Héron de Villefosse se decidiram responder por meio de uma carta ao director de Bellas Artes. Nessa carta diziam da sua estranheza pela importancia que se havia emprestado a "uma tão escandalosa denuncia", partida de um individuo tarado, sem valor moral e sem conhecimentos archeologicos. Ambos reaffirmaram nesse documento ainda uma vez a authenticidade da tiara de Saitapharnés.

Essa carta, divulgada pelo "Gaulois" e outros jornaes, causou sensação e levou por um momento o publico a não acreditar mais nas declarações de Elina, Roukhomowsky e Lifschitz. Mas, a replica veiu, fulminante, de São Petersburgo, sob a forma de um estudo do professor Wesselowsky.

"Já é tempo de se pensar definitivamente que essa tiára — dizia o sabio russo — é incontestavelmente uma grosseira falsificação".

O sr. Furtwaengler, director dos Museus Imperiaes de Berlim, assignalou duas provas da fraude que lhe pareciam incontestaveis: o reajustamento de uma segunda cabeça á serpente da tiára e o emprego na decoração da flor de lys, que nunca havia sido empregada naquella época.

Dessa vez, o ministro da Instrucção Publica e o director de Bellas Artes não hesitaram e, após o exame da situação, confiaram a direcção de um inquerito secreto a Clermont-Ganneau e Camille Legrand, que acceitaram a incumbencia de pesquizarem as provas da mystificação.

O "caso" crescia, cada vez mais, de interesse. Havia "tiaristas" e "anti-tiaristas".

A essa altura, Clermont-Ganneau decidiu mandar chamar Roukhomowsky a Paris. O artista acceitou o convite de bom grado, porque, de ha muito, já se achava desejoso de deixar a Russia, onde a sua vida se fazia cada vez mais difficil.

UM ARTISTA

Israel Solomonevitch-Roukhomowsky chegou uma bella manhã de abril á gare de Lyon, procedente de Odessa, via Constantinopla Pireu, Napoles e Marselha.

Lifschitz e Clermont-Ganneau, juntamente com dois agentes da Segurança Publica, esperavam-no na estação e o cercaram logo que elle desembarcou, sem duvidar sequer que um reporter — este que escreve estas linhas — o tinha entrevistado entre Lyon e Paris.

Advertido da minha proeza jornalistica pelo proprio Roukhomowsky, Clermont-Ganneau empenhou-se junto ás autoridades para que não fossem publicadas as no-

tas interessantes e completas que eu havia escripto para o "Petit Parisien".

Durante as sete horas em que estive com o artista russo, elle me declarou textualmente:

"A tiára é inteiramente obra minha. Criei os motivos decorativos segundo documentos antigos, naturalmente. E' certo que me deram trez pequenos pedaços de uma folha de ouro trabalhada, na qual se distinguia um personagem de braços levantados, uma cabeça de leão e um motivo decorativo. Esses fragmentos foram devolvidos, após terminada a obra. Realizei meus desenhos com uma exactidão escrupulosa e foi assim que "criei" toda a decoração da tiára".

— Teria feito o senhor estudos especiaes sobre esse assumpto? — perguntei-lhe. Desenhos preparatorios?

— Pois não. Todos os documentos estão na peça. Fiz uma projecção sobre trez folhas, das quaes guardo ainda os originaes. Fiz, dest'arte, um trabalho de decalque nas trez placas de ouro que me foram fornecidas. A' tiára compõe-se de trez pedaços, bem como trez soldas. Durante algum tempo hesitei deante da escolha do metal para a solda. Por fim, decidi-me pela prata e o estanho.

— Quando a tiára sahiu de suas mãos, qual era o seu aspecto: de objecto novo ou faturado?

— Inteiramente polida. E perfeita. Só uma coisa me aborreceu: pediram-me que fizesse duas cabeças na serpente que encimava a tiára. A peça já estava terminada. Era, pois, preciso fazer a segunda cabeça aparte para ajustál-a posteriormente. Depois de muito trabalho, consegui fazêl-a. O cliente levou a tiára e o resto...

— Quem era esse cliente?

— Não posso dizêl-o. Jurei que não o faria.

— Quanto pagaram ao senhor pelo seu trabalho?

— Dois mil rublos pela tiára e quinhentos rublos pelo arranjo do resto...

(*Cont. no proximo numero*)

CARNAVAL DA VIDA

A "encrenca" começou na batalha de *confetti* realizada na Praça Saenz Peña, á 7 de fevereiro de 1934.

* * *

— Eu já disse: prohibo terminantemente que você se vista de homem nos dias de Carnaval.

— Você?! prohibir? Qual?... "tão grande e tão bôbo" mesmo. Pois agora é que eu hei de ter o "gostinho" de *botar* a roupa do mano Arthur.

— Mas é ridiculo isso...

— Qual ridiculo nada!... A Mariazinha, a Julinha, até a mãe da Thereza, aquella "gorduchona", todas se vestem de homem. E que tem isso?

— Positivamente: se você *botar* calças de homem, eu enfio um saiote, passo *baton* nos labios, *rouge*, etc., e saio feito mulher. Prompto...

— Mas para você isso não fica bem. Arranje outra fantasia. Ha tantas... Eu sempre disse que sou da sua opinião: só vestem saiotes os cretinos.

— Pois de duas uma: ou você não se veste de homem... ou então... eu apparecerei vestido de saiote neste carnaval... E como um cretino e uma ridicula não podem fazer vida... é... é... melhor acabarmos com o namoro já... agora...

— Bôbo! ...

— Sou bôbo mesmo. Mas deixei de ser... Ha milhares de garotas no Rio... Sou bôbo mesmo de estar amarrado neste namoro.

— Olhe: você com suas prohibições e a m e a ç a s não passa dum... dum...

— Idiota. Já sei. Já sei. Está tudo acabado. Definitivamente acabado entre nós. Tome o seu anel, antes que eu o dependure nalgum "prégo"...

— Ah! Então é serio? Pois acabemos com o namoro... Sujeitinho! Você tem meu retrato...

— Devolverei. Adeus.

— Até nunca mais.

* * *

E Ramiro como doido misturou-se com a multidão que se comprimia na elegante praça da Tijuca. Entrou num bar. Sentou-se numa mesa e começou a beber. Embriagou-se. Foi para casa em misero estado.

Quando o seu respeitavel — o commendador Alvaralhão — abriu as portas, o filho foi lhe dizendo:

— Bebi de desgosto... foi de desgosto, meu pae. Este seu filho, meu pae, tem o coração mais *pão duro* do Rio de Janeiro...

E foi para o quarto monologando: — "O que tinha a Luiza fantasiar-se de homem? E' tão commum isso aqui... Mas, como eu sou egoista, sou *pão duro* mesmo... é melhor eu morrer. Fracassei no amôr. Tornei-me um "invalido do amôr". Preciso morrer. Hei de morrer..."

E cahiu pesadamente na cama para dormir um somno mais pesado ainda.

* * *

Sabbado á noite, a Avenida vibrava. Luiza e varias amiguinhas formaram um *caderno*, pois "*bloco*" não era esse cordão...

Estavam todas "á la homem".

A preoccupação de Luiza era ver o Ramiro — "só para moer" — como dizia ella. E tanto ella fallava nelle, que as companheiras concluiram que Luiza gostava de facto do Ramiro.

* * *

Ramiro, depois de ouvir conselhos dos collegas de trabalho, sahiu

mesmo com o celebre saiote bem curtinho, pernas de fóra, bem decotado, *batton*, *rouge*, etc.

— Você assim dará uma licção... bôa licção... E' preciso mostrar-se forte, energico; lembre-se que as mulheres "preferem os brutos" — diziam elles.

Na terça-feira, quando passava um carro dos Fenianos, os dois se encontraram. Assustaram-se. Mediram-se dos pés á cabeça e um disse para o outro:

— Cretino!
— Ridicula!

* * *

Na quinta-feira, uma semana depois da briga, ninguem fallava mais em carnaval. O Rio já havia voltado ao trabalho. A vida já havia retomado o seu curso normal.

A's 18 horas, a praça Tiradentes começou a povoar-se de empregados do commercio que alli tomam os bondes para voltarem para casa depois dum dia movimentado.

Ramiro comprou um vespertino. Accendeu um cigarro e impaciente esperou o bonde "Uruguay-Engenho Novo".

Quando este appareceu, elle correu em sua direcção, tomando-o mesmo em movimento, ansioso para encontrar um lugar para sentar-se. Foi feliz. Uma garota cedeu-lhe o lugar ao lado. Quando elle se voltou, para lhe agradecer, verificou que era a Luiza, sempre com o seu rostinho de morena bonita...

Não se fallaram. Cumprimentaram-se apenas.

Uma das companheiras de Luiza começou a cantar em voz baixa. Ramiro pôz-se a ouvi-a attentamente, lembrando-se, quem sabe?, do carnaval.

No momento de cantar o estribilho, elle ouviu a voz de Luiza:

"*Quando te sentas a meu*
[*lado*,
meus carinhos reclaman-
[*do*
sinto os meus olhos ra-
[*zos d'agua*
chorando,
chorando..."

Ramiro olhou para Luiza e... em seus olhos havia lagrimas mesmo...

Elle não se conteve. O seu braço envolveu-a, trouxe-a para junto de seus hombros; e disse-lhe bem baixinho:

— Eu gosto de você, Luiza... Só depois de nossa briga é que me convenci disso... Eu gosto muito de você...

Luiza, cheia de alegria, retirou o anel de sua bolsa e o foi collocando vagarosamente no dedo minimo da mão direita de Arthur, deante da admiração e espanto de suas amiguinhas...

— Que felicidade! — exclamou a Julinha.

* * *

E o bonde seguiu sua viagem pela rua Barão de Mesquita acima...

CARLOS DE BRAGANÇA

O que as mulheres bonitas dizem de Leite de Rosas...

Regina Maura — maravilhosa encarnação da belleza, da graça, da intelligencia e da mocidade — eleita Rainha do Carnaval de 1934 no sensacional concurso promovido pelo «Diario da Noite».

Sua coroação no baile das actrizes realizado no theatro João Caetano, foi sem duvida a nota culminante desta temporada alegre pela expressão de suprema elegancia, de belleza, de luxo e imponencia das homenagens tributadas á excelsa Rainha.

Foi uma festa de fina espiritualidade e aureo fulgor a que as nossas mais notaveis actrizes — outras encantadoras Rainhas — déram excepcional relevo em majestoso desfile.

Mas Regina Maura é fidalga por instincto. A consciencia de sua belleza e de seu prestigio serve apenas para exalçar-lhe a nobre estirpe. Não a faz egoista. O autographo ao lado reproduzido é de seu regio punho e contem a revelação desse segredo que todas as mulheres tão ardentemente desejam e só poucas o conseguem.

Agora esse segredo é de todas.

Nenhuma jamais deixará de caber como dar esplendor á sua belleza e fazer imperar a rainha que existe em cada uma dellas: — Regina Maura, a fascinante e querida Rainha das Rainhas, «para o seu rosto SO' USA O MARAVILHOSO LEITE DE ROSAS».

O Laboratorio, á rua Ypiranga, 51 (phone: 5-3655) distribue «amostras gratis» e ministra todas as indicações referentes ao uso.

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 8

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1934

O Rei

O grande rei Alberto I, soberano do povo belga e gloriosa expressão da humanidade. Sua majestade perdeu a vida tragicamente, sabbado último, quando escalava os rochedos de Marche-les-Dames.

ALTO, forte, serio, êle revivia, com todas as virtudes flamengas tradicionais, o tipo dos antigos paladinos. A voz, que pouco se fazia ouvir, parecia feita para comandar batalhas. A fortaleza do corpo parecia destinada ao pêso da armadura. E sentia-se na sua calma que era daquêles que, no meio do combate, cerrando os dentes e brandindo a espada, murmuram graves deante do perigo:

— Morrer, sim, mas devagar!

Rei-Soldado! Foi êste o nome que lhe puseram no exodo da patria, quando pelas lamas sem fim do Hainaut os exercitos belgas recuaram combatendo contra os que se haviam assenhoreado da patria-mártir. Rei-soldado que marchava a pé com os seus, o capacete de trincheira á cabeça, oferecendo-se ás privações e ás balas. A' fé dos tratados sacrificára a nação e sacrificava-se a si proprio, ao mêsmo tempo, de modo a que um sacrificio justificasse o outro. E no alto da colina de Sainte Adresse, onde flutuava ao vento o seu pavilhão exilado, olhando o mar coalhado de transportes inglêses e o porto do Havre regorgitante de chaminés enfumaçadas, êle sonhava com a vitória e a reconstrução da Belgica.

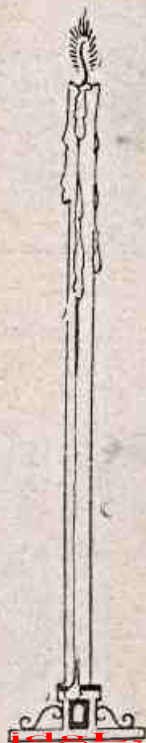
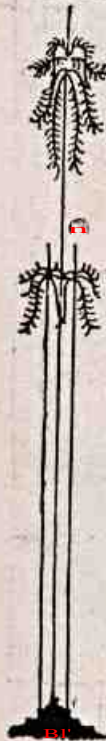
Viu uma e contribuiu para a outra. A paz permitiu-lhe andar por longes terras e percorrer a Europa, recebendo por toda a parte os tributos de simpatia a que lhe davam direito a vida pura e a coragem tranquila. Nós, brasileiros, o vimos de perto, em toda a sua simplicidade, mergulhando nas aguas deliciosas de Copacabana o corpo de atleta.

Nêste seculo em que os reis se não sentem seguros nos tronos oscilantes e vão um a um sendo apeados ou banidos, êle morreu sem perder a auréola do seu prestigio, tão grande como nos dias do abandono e da derrota, tão grande como nos dias do triunfo e da restauração. Porque a sua grandeza êle a trazia consigo, na sua alma heroica e no seu coração virtuoso.

Paladino sizudo dos dias memoraveis da Grande Guerra, sua voz parecia feita para comandar batalhas e a fortaleza do corpo parecia feita para suportar o pêso da armadura. Sentia-se na sua calma que era daquêles que, no meio do combate, cerrando os dentes e brandindo a espada, murmuram graves deante do perigo:

— Morrer, sim, mas devagar!

O destino, porem, o atraiçoou e morreu depressa, sozinho, dum acidente estúpido, aos pés da imagem de Jesus Crucificado.

GUSTAVO BARROSO

O côrso carnavalesco dos trez dias de Momo foi a nota alegre do carnaval da rua, que tem, sempre, o seu encanto, pelo pittoresco das batalhas galantes que se travam de automovel a automovel, com os projectis

multicôres das serpentinas. Estas duas páginas focalizam momentos expressivos do grande desfile polychrómico de todos os annos, nas avenidas Rio Branco e Beira Mar.

SIMPLICIDADE...

Quando eu lhe digo, haurindo a sua fascinação irresistivel, que você é bonita, e tem encantos multiplos, sempre ouço, em resposta, a phrase que tão bem caracteriza a graça e a simplicidade envolventes do seu coração de mulher: «Pobre de mim! Valho tão pouco...»

Que admiravel profissão de modestia! Que adoravel virtude feminina!

Mas você só affirma isso, meu doce amôr, porque sabe que é linda de corpo e alma, e porque tem certeza do seu valor. Realmente, nada lhe falta para ser a mulher ideal de um homem de bom gosto. Para mim, você é tudo: emoção e esperança, deslumbramento e alegria, delicadeza e ternura, sensibilidade e illusão, amôr e felicidade... Para mim você é a propria vida feita mulher. E' a minha inquietação e o meu sonho. E' o meu destino...

A sua modestia apenas augmenta as suas seducções. E eu gosto de você porque vejo na sua alma todas as virtudes que admiro na mulher. Gosto de você porque você comprehende o meu temperamento e sabe dizer lindas cousas ao meu coração de sonhador. Gosto de você... porque nascemos um para o outro... E porque temos affinidades que não podem nem devem ficar esquecidas numa simples amizade.

Meu grande amôr definitivo, tenha confiança em você, e acredite no meu bom gosto...

Mauro

A guryzada carioca teve, este anno, varias festas de carnaval, divertindo-se a valer nos clubs e nos theatros. Domingo gordo, houve, no João Caetano, uma tarde-dançante á fantasia organizada a capricho para os nossos pequenos foliões, que alli glorificaram condignamente o rei da folia. São flagrantes dessa reunião carnavalesca o que fixam os nossos «clichés».

AGORA É CINZA...

Por Martins Capistrano

A loucura passou, Colombina. Passaram as horas delirantes em que você fingiu de mulher voluvel só para satisfazer á volupia dos Arlequins do seu Carnaval. Você, que tem um coração de velludo, macio e lindo como os seus olhos, você, Colombina, fantasiada de alegria, andou trez dias sorrindo para os homens, troçando dos homens que acreditavam no seu sorriso... Entretanto, alguem, que a conhecia, sabia que você apenas agitava os guizos da sua propria angústia interior.

Você foi aos bailes e dançou, Colombina. Nos hoteis e nos clubs. Dançou, bebeu champagne e cantou. Talvez tenha amado tambem. Seus olhos tristes illuminaram tanto coração... Sua voz dulcificou tanta amargura... Sua belleza deslumbrou tanta gente de bom gosto...

E eu fiquei olhando, de longe e de perto, o esplendor e a graça dos seus gestos. E eu fiquei acompanhando-lhe as victorias carnavalescas, desolado de vêl-a assim. De vêl-a assim tão differente, Colombina... Tão differente da mulher que você é: flôr de ternura e de amor.

O Carnaval enlouquece. E você, que ama o Carnaval da vida, quiz perder o juizo na hora inquieta em que se esquecem as desillusões para só se pensar na esperança...

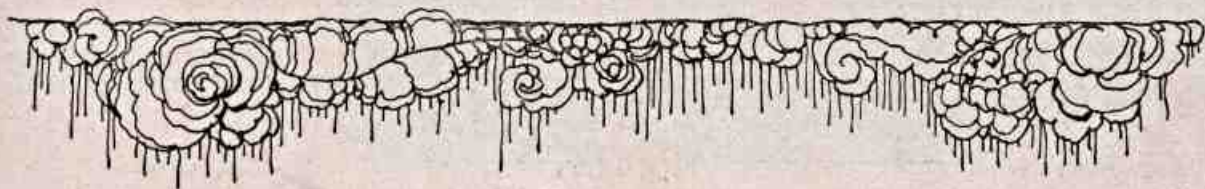
Quanto desatino você não commetteu, Colombina! Quanta illusão você não matou! Você, Colombina, que preferiu continuar morena, nem por isso deixou de ser rainha, no Carnaval que ainda vae ali perto, caminhando devagar, saudoso e cansado das vibrações epicuristas. E, emquanto cantavam, exaltavam e glorificavam a *loirinha dos olhos claros de crystal*, você ia triumphando sobre a sua rival côr de neve, tendo

O meu amor mais quente
Do que o sol ardente
Deste meu paiz...

Mas, agora, Colombina, que a loucura passou, e eu e você desafivelámos a máscara com que enganámos os outros, durante esse turbilhão de alegria, agora é cinza... E só nos resta, como consolo de tudo o que não tivemos no incendio de Momo, aquella saudade grande com que você acena de longe para a melancolia do seu Pierrot.

O nosso amor
Foi uma chamma...
O sopro do passado
Desfaz...

Colombina! Como é bom recordar! Tudo passa: o Carnaval e os seus encantos, as emoções da vida e a fascinação das mulheres, a alegria e a dôr. Mas fica a saudade...

Você partiu,
saudades me deixou...

CARNAVAL

O côrso da Avenida Paulista, que deu tanto realce ao carnaval na Paulicéa, foi, sem duvida alguma, uma nota de distincto e sumptuoso fulgor. Lindos, adornados de verdadeiras flôres humanas, desabrochadas em sorrisos tenta-

PAULISTA

dores, os luxuosos carros desfilaram, durante os trez grandes dias do reinado de Momo, fazendo o encanto e a alegria do carnaval, na terra dos bandeirantes. Como se vê, mesmo em se tratando de folia carnavalesca, S. Paulo é distincto e fidalgo.

CARNAVAL PAULISTA

Dois flagrantes do baile de carnaval do Hotel Terminus, onde a alta sociedade paulistana homenageou galantemente o delicioso Momo, na sua visita amavel de 1934.

CABELLOS BRANCOS

Olha no espelho a tua imagem. Verás o teu rosto envelhecido.

Rugas...

Cabellos brancos.

Olha no espelho a tua imagem. E tu ficarás cheia de desenganos e de desditas...

E as lagrimas rolarão pelas tuas faces como gottas de orvalho sobre a petala de uma rosa que murchou.

* * *

Não! Não chores assim. Escuta este poema em prosa que vou dizer baixinho na concha pequenina dos teus ouvidos, ó minha dama de Tanagra! Escuta... Olha agora no espelho frio e calmo dos meus olhos de poeta... E verás o teu rosto eternamente lindo.

Mocidade! Vida! Esplendor!

Olha no espelho frio e calmo dos meus olhos e ficarás cheia de alegria e de vaidade. Olha... E um sorriso vaidoso brotará nos teus labios — flôr vermelha do jardim das caricias...

* * *

Escuta! No espelho calmo dos meus olhos lyricos, os teus cabellos brancos serão eternamente negros...

PAULO FREITAS

NO BOTAFOGO F. C.

Um lindo grupo de ciganas e Colombinas do carnaval carioca.

A noite de segunda-feira gorda, na Rio de Janeiro Athletic Association, foi guizalhante e deliciosa. Um baile á fantasia num ambiente legitimamente carnavalesco movimentou a pittoresca séde do Leme, onde muita gente alegre festejou o reinado de Momo. Houve, alli, até o amanhecer de domingo, aquelle enthusiasmo contagioso que só o Carnaval sabe accender na alma triste dos foliões...

Gracioso e animado foi o baile infantil que o Club de Regatas Botafogo offereceu á petizada galante, que se inicia nos prélios carnavalescos. Os pequeninos pares rodaram, durante algumas horas de alegria e animação infantil, ao som de «jazzs» saltitantes. Foi uma festa encantadora, indiscutivelmente, essa em que a guryzada do Club de Regatas Botafogo se expandiu na tarde de segunda-feira gorda, entre serpentinas e «confetti».

Muito animado foi o baile infantil á fantasia que movimentou garridamente o theatro Carlos Gomes, na segunda-feira de Carnaval. Focaliza o «clichê» um aspecto dessa festa.

A guryzada, que frequenta os salões do Club Naval, teve, tambem, o seu dia de Carnaval, com a «matinée» infantil, que alli se realizou, na tarde de domingo gordo. Nas suas fantasias graciosas, os pequenos foliões dançaram e pularam, como «gente grande», ao som de afinadas «jazz-bands». Houve, ainda, nessa bella tarde-carnavalesca-infantil, farta distribuição de bonbons e brinquedos entre a petizada foliã.

Um grupo de pequenos carnavalescos do Club Naval que se divertiram, delirantemente, na festa infantil de domingo gordo, nos salões daquelle gremio aristocratico da avenida Rio Branco

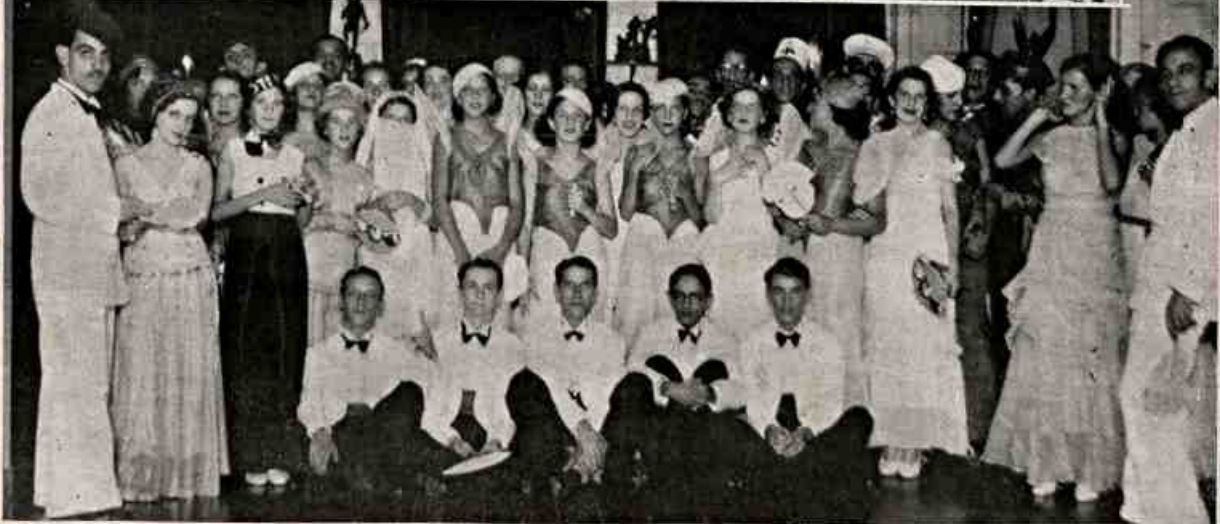
CARNAVAL DE 1934

ASPECTOS DO CÔRSO

Quatro longas filas de automoveis se estendem da Avenida Rio Branco á praia de Botafogo. Um lir[illegible] sol — o sol dourado de domingo gordo — banha de luz a tarde tropical. Pleno reinado de Momo. O côrso, enfeitado de sorrisos galantes, colorido de fantasias vistosas, é a nota dominante desse domingo luminoso. E, emquanto no ar se enroscam as serpentinas e fervilham nuvens de «confetti», as canções, em rythmos alegres e brejeiros, fogem dos lábios felizes dos foliões cariocas: «Lourinha, linda lourinha»...

Bizarramente decorada, a séde do Club Gymnastico Portuguez teve, no sabbado gordo, a sua grande noite carnavalesca de 1934, que, si não superou, pelo menos nada ficou a dever, em animação e brilho, aos bailes á fantasia já realizados pela real sociedade.

Terça-feira gorda, a «Pró-Arte» realizou o seu segundo «baile russo» do Carnaval deste anno, resultando o mesmo numa festa deslumbrante de belleza e alegria carnavalesca.

Uma linda festa de Carnaval foi o baile á fantasia do Salic Club, realizado nos salões do Club de Regatas Guanabára, domingo gordo. Aqui está um expressivo detalhe photographico da brilhante festa.

Como todos os annos, realizou-se domingo gordo o baile de Carnaval do Villa Isabel F. C., que se revestiu do brilho de sempre.

O CARNAVAL EM NICTHEROY

Uma festa animada e bonita do Carnaval nictheroyense foi o baile á fantasia realizado pelo Canto do Rio F. C., prestigiosa sociedade sportiva da vizinha capital. Damos, nesta pagina, alguns flagrantes alegres dessa reunião carnavalesca.

O QUE DIZEM AS ESTRELLAS

Como o céo, nesta noite, está cheio de estrellas!
Gósto tanto de vêl-as,
tremeluzindo além, nervosamente, assim!
As estrellas são mundos...
São adeuses de luz, nos espaços profundos,
são pousadas de Deus, nas solidões sem fim...

Como a noite se encheu de estrellas mysteriosas!
Dir-se-iam rosas
luminosas,
que se abriram, talvez, no infinito jardim,
onde as almas se encontram, silenciosas,
onde estarei comtigo, e estarás junto a mim!

Si a vida, neste mundo, entre angústias immensas,
nos separou, de vez, foi porque Deus, emfim,
muito mais sábio e justo do que pensas,
quiz que nos amássemos assim:
— olhando estrellas mágicas, suspensas,
como adeuses de amor, nos espaços sem fim...

Como o céo, nesta noite, está cheio de estrellas!
Somente para vêl-as,

tremeluzindo, ao longe, inquietas, foi que vim,
a pensar que algum dia, silenciosas,
as nossas almas brotarão em rosas,
nas estrellas distantes, luminosas,
onde estarei comtigo e estarás junto a mim...

Aracajú.

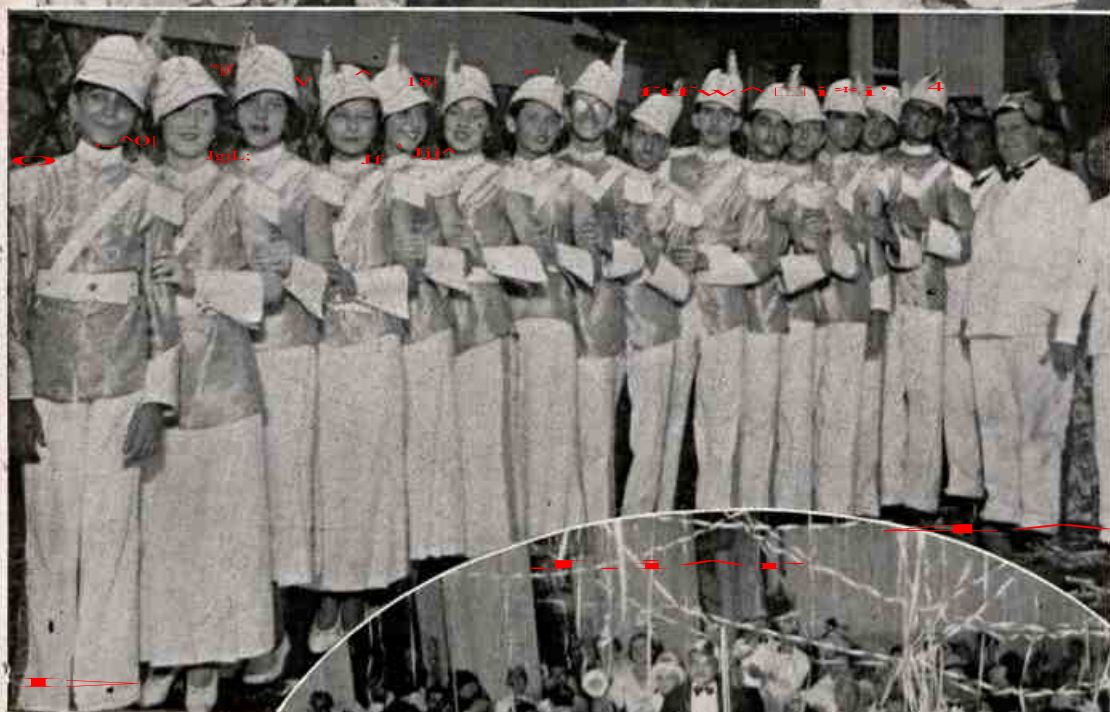
PASSOS CABRAL

A galante Maria da Gloria, filhinha do casal Jaetts e Stella Maciel, foi, no carnaval, uma linda «camponeza do Minho»...

O Rio Branco A. C., tambem de Nictheroy, offereceu um animado baile á fantasia aos seus associados. Estão aqui dois aspectos dessa festa de Momo.

SABEDORIA

O começo da philosophia é conhecer nossa fraqueza e nossa ignorancia e os deveres necessarios e indispensaveis.

EPICTETO

Nos salões do Club Internacional de Regatas o Carnaval foi festejado com um esplendente baile á fantasia, que decorreu num ambiente de contagiosa animação. Damos, aqui, alguns detalhes photographicos dessa brilhante reunião carnavalesca.

BAILE DO «CLUB DOS 40»

CARNAVAL DE YVES

A «linda loirinha» não resistiu aos encantos pittorescos dos dois representantes do sertão, e, vacillante, no turbilhão da mascarada, só poude repetir, no seu harmonioso idioma: «Entre les deux mon coeur balance»...

MINHA querida amiga — você me pergunta, no seu cartão postal, data do desse recanto ermo, que é a sua aprazivel fazenda de Therezopolis: "Como se foi de carnaval? Dançou muito? Em que club? E com quem? E qual a sua impressão mais accentuada? Responda, porque curiosa, como sou, e isolada, como estou, desse torvelinho da vida, para mim é um prazer delicioso ouvir um depoimento insuspeito e intelligente sobre o reinado de Momo, no Rio."

* * *

O reinado de Momo... O pandemonio carioca... O triduo carnavalesco... A festa da troça e da galhofa...

Como tudo isso, pouco a pouco, se vae modificando! *O tempora! ó mores!* (Perdôe a velharia desse latim de glossario que é grave e antiquado demais para se inscrever na fita de uma serpentina ou no cilindro de um lança-perfume da moda...)

Mas, a verdade é que o carnaval carioca não é mais aquella festa de alegria pagã e enthusiasmo sadio. O nosso famoso carnaval se desvirtúa, lentamente, para ganhar a phisionomia de um folguedo, (folguedo é uma palavra imbecil, mas é só a que no caso fica melhor...), uma barafunda, uma allucinação, um desvario, onde predominam a chalaça, o despudor, a falta de recato.

* * *

Não ha mais aquelle velho espirito do carnavalesco chistoso, que só afivelava a máscara para dar trotes com graça. Foram-se as fantasias elegantes, vistosas, envergadas por foliões engraçados e distinctos. O lança-perfume, o *confetti*, a serpentina, que era a alma colorida dos córsos, — rareiam na atmosphera da cidade.

* * *

O carnaval de hoje é sonóro. Para não dizer que é berrante — no sentido da berraria infernal que nos atordôa os sentidos.

* * *

Isso não quer dizer que o carnaval carioca esteja desprestigiado. Isso não. Elle ainda é uma festa capaz de sacudir os nervos de um morto. E talvez, para a maioria, o verdadeiro carnaval seja exactamente essa fuzarca doida que, desde o dia 31 de dezembro, até a terça-feira gorda, desorganiza, inteiramente, a vida do carioca.

* * *

Depois, é bem certo que poderão argumentar: "Resta o carnaval interno... O carnaval da gente chic, da *élite*... O carnaval dos bailes elegantes, nos clubs e hoteis, nos theatros e casinos".

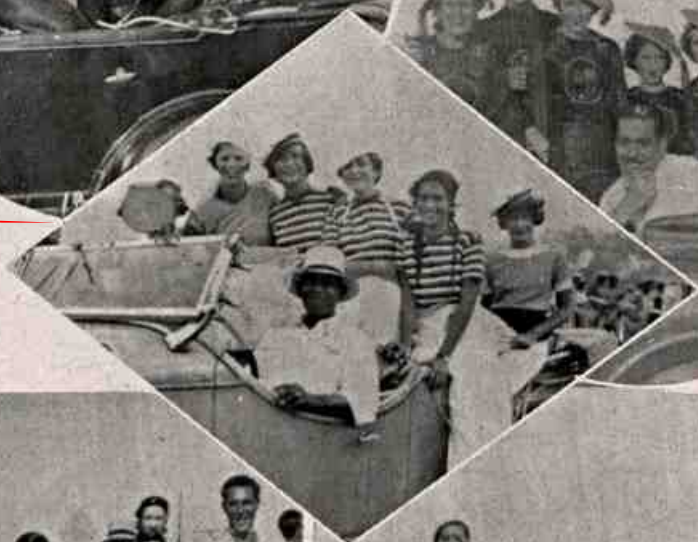
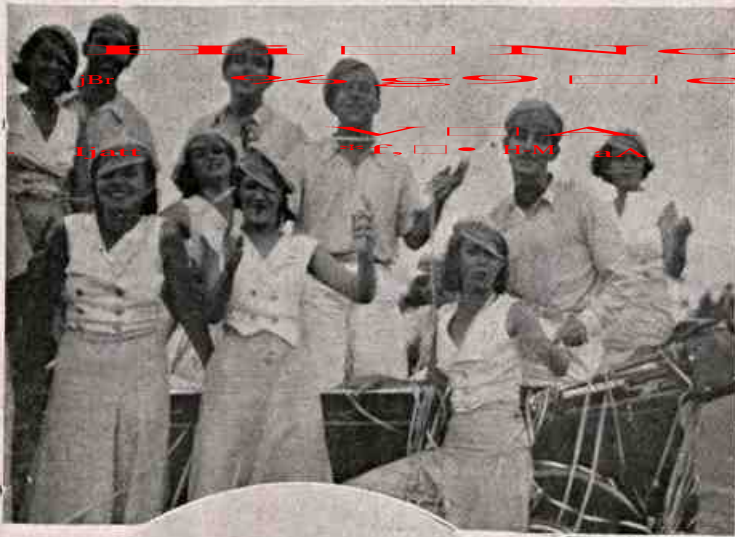
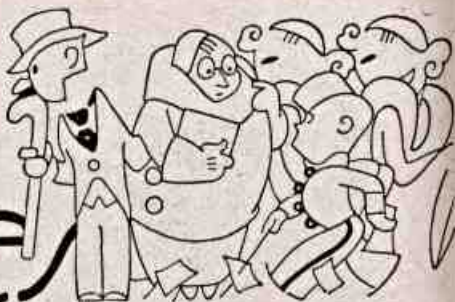
Mas, querida amiga, que ahi ficou a ler os seus autores predilectos e a interpretar os seus compositores, ao violino, póde ter certeza de uma coisa: já não se dança socegado, nos clubs e hoteis, nos theatros e casinos. Notadamente nos clubs. E tudo por uma questão de egoismo.

Sendo maior o numero de senhoritas do que o de cavalheiros, é claro que muitas dellas ficam sem dançar. Então, que é que fazem? Como não têm par, formam os seus monomios, os seus cordões, os seus blócos. Enchem os salões. E marcham. Marcham, cantam, pulam, saracoteiam — mas não dançam, nem deixam tambem que os outros dancem...

E todos têm que marchar e cantar:

Lourinha, lourinha,
dos olhos claros de crystal...

FLAGRANTES DO CORSO

Bravos a «seu Cabral», que descobriu o Brasil dois mezes depois do Carnaval...

No turbilhão envolvente das serpentinas
e... dos sorrisos femininos...

LIDO

CHAMEM o homem de maior imaginação. Desafiem-no a pensar coisas delirantes. Façam pouco do seu espirito inventivo para conseguir mais effeito do seu poder creador.

E' possivel que esse homem dê uma idéa approximada do que foi o Carnaval, no Lido...

* * *

Indescriptivel. Super-delirante. Pandemonico. Um genio andou por alli, enviado das forças occultas. E deixou na casa os vestigios de sua passagem.

O Lido atordoou. Carnaval em paroxismo. Um bohemio da alta roda declarou-me:

— Perdi a cabeça. O Inferno, deante daquillo, é café pequeno...

* * *

O Lido foi, no Carnaval, uma faixa de luz da lampada de Aladino. Reino das maravilhas.

Se amanhã Rei Momo, em pessôa, tivesse de celebrar, no Rio, uma solennidade caracteristica, escolheria o aristocratico e lindo *chalet* normando para séde das suas loucuras.

Não sei se é verdade. Mas alguem me contou que viu até as telhas dançaram, num rebuliço de maxixe, que estremeceu a casa toda.

Pudera não! Com aquella orchestra, nem os frades de pedra escapam...

REI MOMO

O Carnaval do Rio... Eis ahi um motivo perenne de curiosidade. Não é possivel descrever, com realidade, o que é o Carnaval nesta allucinante metropole brasileira.

Graça Aranha esboçou uma impressão na Viagem Maravilhosa. Mas essa impressão abrangeu um só dos aspectos da proteiforme e delirante festa.

A intelligencia não pode fixar satisfatoriamente um panorama geral. Tem de limitar-se aos detalhes para não se elevar á imaginação.

E o Carnaval do Rio é a pura realidade. E' material, corriqueiro, terra-a-terra.

O artista mais exacto será o mais verdadeiro, isto é, o que se limita estrictamente a ver com os

NO BOTAFOGO

UM dos bailes mais animados do Carnaval foi o do Botafogo F. C., que reuniu uma admiravel sociedade de foliões e manteve brilhantemente as tradições de elegancia, que marcam a vida no club.

Não prejudicou a ordem o enthusiasmo delirante, que fez dos salões do Botafogo algumas dependencias do paraiso, assaltadas por anjos e demonios, em disputa cordial.

Um de meus amigos mais intimos confessou-me que, a seu ver, foi o Botafogo que deu a nota do Carnaval, nos clubs. Esse amigo escreveu um poema: *Sonho que viveu...*

Deve andar por ahi, na mão de uma bonita garota, a ventarola impossivel, que, em plena loucura de uma noite de Carnaval, recolheu os versos romanticos de um poeta apaixonado...

* * *

O mal dos clubs, que o Carnaval evita, é o da repetição das mesmas caras. Sempre os mesmos socios. No Carnaval, não. Ha muita gente nova. E ha, sobretudo, muita gente que muda de cara e de modos...

Interessante amiga, que já viajou muito, e tem uma grande experiencia do amor, dizia-me, na quarta-feira de cinzas, que o baile de Carnaval do Botafogo lhe ensinou ainda muita coisa a respeito do coração. E contou-me que, se não fôsse a sua fantasia, não teria ouvido a mais commovida declaração de amor, que um tyrolez pode fazer a uma sultamita...

O Botafogo era, na geographia do coração, um ponto de coincidencia internacional.

* * *

Como registrar o comparecimento de uma multidão immensa? Vão aqui, apenas, alguns nomes, guardados de memoria, entre a saudade do baile e a esperança de outra festa.

Senhoras Amaral Nogueira, Martins Capistrano, Oswaldo Barbosa, Galdino de Araujo Maia, Oswaldo Rosado, Diocleciano Moraes, Alfredo Tavares, Euclydes Vianna, Paulo Azeredo, Odilon Braga; senhoritas Lucy Tavares, Helena Mirandola, Alice Abrahão, etc.

"CHEZ" PROFESSOR EDOARDO DE PIRO

O palacete de residencia da illustre familia Edoardo de Piro, na Avenida Oswaldo Cruz, abriu os seus salões, no ultimo sabbado, 17 do corrente, para uma recepção intima, verdadeiramente encantadora.

Fez annos, nesse dia, a excellentissima senhora Italia de Piro, que recebeu muitos e carinhosos cumprimentos de suas relações sociaes, em cujo seio, por suas grandes virtudes, é estimadissima.

A familia de Piro foi incansavel em proporcionar aos seus amigos os encantos de uma noite agradabilissima.

* * *

Registrei a presença, entre outras, das seguintes pessôas, que levaram á distincta anniversariante os seus parabens: senhora ministra Antunes Maciel, senhora dr. Carlos Alves, senhora e senhorita dr. Lacerda Guimarães, senhora dr. Alfredo Cumplido de Sant'Anna, senhora Bertha Pinto de Moraes, senhora Povina Cavalcanti, senhora Jorge de Lima, viuva almirante Heraclito Belfort, senhora Annibal Nelson Machado, senhora Salvador Sellaro, senhora dr. Alvaro Cumplido de Sant'Anna, senhora José Luiz Affonso, senhora comdor. Nicola Cittadini, senhora dr. Walmôre Ribeiro, senhora coronel José da Silva Carmo, e senhoritas Maria Helena Nelson Pinto, Marietta e Lourdes Carmo, Geralda Vieira, Rosita Adamo, etc.

NUM CANTO DA AVENIDA RIO BRANCO

A grande arteria central estava em primeiro uniforme, em honra do rei Momo. Os mascarados passavam, galhofando, com uma alegria convencional, que parecia verdadeira. Alguns paes de familia, *en vieux style*, levavam pela mão a garota de 15 para 16 annos, de uns olhos muito grandes... "e o resto não se diz". A pequena lembrava um passaro acorrentado. E a alegria cachoeirava, entre piadas irreverentes e ditos humoristicos.

[illegible] raro. [illegible] de subjectivismo, nem de so-[illegible]. A realidade nua e crúa.

* * *

O Carnaval continua a ser a festa do povo. Mas do povo no sentido literal. Do povo, sem distincção de categoria nem de classes. Do povo, como elemento demographico.

Não ha niveis, nos dominios de Momo. Ha um só nivel: o nivel super-democratico da igualdade perante a alegria. Na hora do prazer, quando todos se sentem electrizados pela immensa diffusão da atordoante festa, não se distingue entre maiores e menores. E o Carnaval toma conta de tudo, como uma corrente poderosa, de um só effeito, que unificasse os seres sob o governo discricionario dos sentidos em exaltação...

LUCIANO

AINDA O CARNAVAL

ATÉ alguns annos atraz, o Rio só tinha o Carnaval de rua. Com a existencia dos grandes hoteis, que imprimiram á cidade feições novas de civilização e de progresso, o Carnaval conquistou um prestigio novo: o dos bailes a rigor.

Dir-se-á que o egoismo dos aristocratas desvirtuou a festa eminentemente popular. Nada disso. Os grandes bailes de Carnaval são um pretexto para que os individuos mais austeros, na rua, desafivelem essa mascara de seriedade, nos interiores de luxo, ao som dos pandeiros, á musica allucinante dos carnavalescos, quando a um observador imparcial não seria difficil igualar a loucura da jeunesse dorée ao assanhamento de uma pobre gurya suburbana...

E' está nisso, sem nenhuma duvida, a maior e a mais gostosa originalidade dessa festa, que, parece, foi inventada mesmo pelos cariocas...

* * *

Ha quem receie a morte do Carnaval de rua, tão caracteristico, tão animado, tão saboroso. Pensam assim os que assistem ao desenvolvimento crescente do Carnaval nos grandes hoteis, nos grandes clubs. Não deve haver receio algum.

O Carnaval será sempre o Carnaval. E a nota social dessas festas só serve para augmentar o esplendor panoramico das celebrações de Momo.

Cada dia, o Carnaval do Rio se torna mais completo. Um carnaval... um carnaval do outro mundo...

LUCIANO

* * *

Do meu canto, fingindo o mascarado mais completo, compunha eu a minha fantasia de chronista. O destino é coincidente. A's vezes, acerta.

E fui olhando e vendo, ao contrario da canção.

— Não me conhece?

Sorri.

— Pois eu o conheço muito...

Voltei-me para outro lado. O mascarado insistiu:

— Não se lembra mais de mim, não é? Os homens são assim...

Comecei a encabular. Mudei de logar. E a mesma voz, em falsete, pertinho dos meus ouvidos:

— Eu sou aquella Madona... Já sabe? Mudei. Tudo muda. Hoje sou isto...

Correu-me, pela espinha, um frio de grande emoção. Não sei o que tambem se espelhou nos meus olhos. A verdade é que o mascarado desappareceu com medo de mim. E lá se foi com o mascarado o assumpto de uma chronica, que eu nunca mais poderei escrever...

* * *

Lá está Colombina. Pierrot persegue-a, occultando-se, como um criminoso. Colombina não é o amor necessario para um romantico. Por isso mesmo, é só metade do pobre Pierrot. A outra metade...

Quantos nomes tem Arlequim?

* * *

Desse canto da Avenida, em plena segunda-feira gorda, foi-me possivel ver muita gente conhecida. E muita gente que fingiu não me conhecer.

— Vamos ao baile?

— A esta hora?

— Duas da tarde. Não tem a senha?

E os dois austeros maridos lá se foram para o baile delles, cheios de uma grande curiosidade pelo assumpto da vesperal dançante.

(Para o anno, prepara-se, á mesma hora, um ruidoso baile das esposas recatadas).

* * *

Em lua de mél, é impossivel fazer-se o Carnaval. Ou se faz um Carnaval amoroso, a-dois, achando detestavel a volubilidade alheia. Foi isso o que aconteceu a um parzinho das minhas relações. Casados ha trez annos, amam-se hoje mais do que nos primeiros dias.

Vi-os na Avenida, tambem. Elles não me viram. Para onde iriam?

Ella punha no andar a leveza de um passaro. Que espaço azul illimitado seria preciso para o vôo dessas azas?

Um cordão passou perto, cantando. A vida é uma profanação...

* * *

Identifiquei dois "dominós" que, na vespera, dançaram no *High-life*. Identifiquei-os com um grande peso no coração. Por onde anda o amor?

Dentro de alguns annos, a gente vae ler, nos diccionarios, um significado estranho. Assim, por exemplo: "Amor: Sentimento cahido de uso. Velharia. Motivo carnavalesco."

A JUVENTUDE MANDA

(This Day and Age)

Da Paramount

O alfaiate Herman, estabelecido numa villa universitaria dos Estados Unidos é assassinado por Garrett, um chefe *racketeer*, e do facto é testemunha um dos estudantes. Quando a villa celebra a "Semana dos Rapazes", Steve Smith, elevado a chefe de policia, resolve vingar esse crime, mas elle e seus companheiros são derrotados pela machinária da justiça local. Resolveu então procurar provas contra Garrett e obter a sua sentença.

Uma rivalidade de amor faz que o plano fracasse, sendo os rapazes surprehendidos pelo proprio Garrett quando procedeu a uma busca na sua habitação. O *rackketeer* mata um dos moços, Anderson, e age de modo a que a culpa recaia sobre Gus, outro academico. Steve Smith convoca então os presidentes de todas as sociedades academicas da cidade, resolvido, com os companheiros, a submetter a processo seu o assassino, sem intervenção da justiça normal. Graças a habil estratagema, os rapazes apoderam-se de Garrett, ao mesmo tempo que Gay Merrick subjuga pelos seus encantos Toledo o logar-tenente daquelle. O tribunal academico reune-se numa olaria abandonada, onde os rapazes arrancam a Garrett a confissão escripta dos seus crimes. Toledo corre em soccorro do seu chefe, mas Gay avisa os rapazes. O *sheriff* acode ao local do julgamento a tempo de evitar que a policia varra á bala a estudantada.

Os rapazes fazem que Garrett seja condemnado pelo mesmo juiz que o absolvera antes, o que projecta a deshonra sobre aquelle e todos os demais politiqueiros que governam a cidade. Steve Smith, o heroe do dia, tem por premio o amor de Gay e a gratidão da sua villa natal.

S. O. S. ICEBERG — Da UNIVERSAL — com Rod la Rocque

UMA expedição composta de cinco homens, chefiados pelo dr. Carl Lawrence, parte de Berlim para recuperar dados e documentos valiosos perdidos com a malfadada Expedição Wegener.

Os exploradores viajam sem accidente até o interior das terras arcticas.

Alcançam uma area perigosa onde o gelo está iniciando sua decomposição, e os mais experientes decidem fazer acampamento onde se encontram.

Impaciente e ambicioso, Lawrence quer proseguir apesar do perigo imminente que offereciam os "Glaciers", explodindo a todos os momentos.

Não estando convencido do perigo que advertiam seus collaboradores, Lawrance deixa o acampamento emquanto seus amigos estavam dormindo, levando um tréno apparelhado com cães esquimáus.

Tempos passados, um esquimáu passa pelo acampamento da expedição Lawrence trazendo um fragmento do trenó do "leader" da Expedição, que se havia internado com direcção ao Polo Norte.

O dr. Brand, segundo em commando da expedição, ordena seus homens levantamento ed acampamento para irem em procura de Lawrence.

John Dragan, rico "sportman" que estava financiando a expedição, objecta que seria impossivel encontrar Lawrence ainda com vida.

O dr. Matushek e Fritz Kummel, dois dos scientistas da expedição não dando ouvidos a Dragan, iniciam o empacotamento. A expedição continúa sua arriscada viagem.

Esfomeados e exgotados, elles alcançam o "Ring Glacier" uma parede de gelo com 1.500 pés de altura e 18 milhas de largura. Testemunham ahi a formação de um gigantesco "Iceberg".

Deste ponto em que estão, elles descobrem na praia da montanha em que se achavam, uma rustica casa feita de pedras, na qual encontram vestigios da Expedição Wegener e de Lawrence, e concluem que éste, depois de visitar seu interior, seguiu através o "Ring Glacier".

Para alcançar o "Ring Glacier", elles aproveitam varios pedaços grandes de gelo fluctuante e por infelicidade, são carregados por uma corrente para um enorme "Iceberg" no qual decidem ficar devido á segurança que este offerecia. Investigando o "Iceberg", encontram Lawrence mettido num tunnel de gelo, onde estava morrendo lentamente por falta de alimento.

Brand consegue enviar um S. O. S. pelo radio á esposa de Lawrence, e esta, eximia aviadora, inicia um "raid" de Berlim a Groelandia para ir em soccorro de seu marido.

No intervallo, uma tragedia cáe sobre a Expedição Lawrence. Num momento de loucura, Dragan tenta matar Nakinak, o unico cão polar que os expedicionarios conseguiram salvar, para se alimentar com elle.

Kummel tenta intervir procurando salvar o cão; foi atirado do "Iceberg" por Dragan, indo morrer ao bater num enorme pedaço de gelo, afogando-se.

(Continúa na pagina 58)

AMIGOS E AMANTES

(FRIENDS AND LOVERS)

Film da RKO-Radio

com LILY DAMITA — ERIC VON STROHEIN e ADOLPHE MENJOU

O capitão Roberto, um official do exercito inglez de licença em Paris, apaixona-se por Alva Sangrito, linda esposa de um colleccionador de porcellanas. Depois de progredir o romance a um ponto satisfatorio, o marido, por meio de *chantage*, arranca do capitão Roberto 5.000 libras esterlinas. Roberto paga-as, acreditando, porém, que Alva não seja connivente com Sangrito. Na realidade elle ainda a ama.

Pela primeira vez na sua sordida vida com Sangrito, Alva se sente apaixonada pela victima. Não obstante, continúa o "jogo", emquanto o official, reassumindo o seu posto, volta á India.

O tenente Nicolas liga-se ao commando de Roberto. São velhos amigos. Nicolas tem uma photographia de Alva, e, por causa da mulher que ambos amam, se tornam inimigos mortaes, embora conservem todas as apparencias da cortezia devida uns aos outros, pelos militares.

Depois, havendo um levantamento dos nativos, vê Roberto nisso uma opportunidade para se livrar do rival. Assim, confia-lhe o commando de uma companhia de lanceiros, enviando-a a uma luta difficil. Arrependido mais tarde, vae nas pegadas da tropa de Nicolas e salva-o, soffrendo, em consequencia, um grave ferimento. Os officiaes de novo se tornam bons amigos. Ambos queimam cartas que possuem de Alva e os seus mementos, jurando esquecer a mulher que os havia desenganado ao ponto de falsear o amor que lhe devotavam.

Em Londres, encontram-se com Alva, na residencia do general e Lady Alice Armstrong. Roberto se deixa vencer novamente pelos encantos de Alva. Nicolas, desilludido, tenta matar os dois amantes. Nisso é impedido a tempo, tomado de vergonha; mas Roberto o conforta e affirma dedicar-lhe a mesma amizade passada.

Parte Alva para nunca mais encontrar Roberto, mas elle, convencido de que a amava e induzido por Nicolas, vae ao seu encontro, descobrindo nella um grande e profu do amor.

Um dia no studio fluctuante da Ufa

A bordo do "Savarona", em novembro

A pequena cidade de Kiel desappareceu já na bruma da manhã. Para bombordo e estibordo as aguas do Baltico alastram-se azues, ennovelando-se com pequenos penachos brancos de espuma, como as aguas de um grande lago. A' pôpa, a estrada lactea fendida pelas helices serpenteia numa curva immensa virada para o norte. O "Savarona" navega impavido e sereno rumo á ilha de Laaland. No mastro da ré, a bandeira americana desfraldando ao vento diz um ultimo adeus ao porto de partida. Faço uma viagem de fantasia. Se não soubesse que estou bem desperto; se não tivesse a certeza de que me levantára de madrugada em Berlim, que um avião me transportára a Kiel, e que de um escaler subira para este hiate de luxo oriental, julgaria estar sonhando. Tudo o que se passa a bordo, o ambiente que me cerca, os semblantes dos companheiros de viagem, tudo isto tem tanto de extraordinario e de inverosimil, que irresistivelmente nos sentimos transportados para a acção de uma fita de cinema ou para a de um conto modernizado das mil e uma noites. Estive ha pouco no camarote que me deram e confesso que sahi de lá com a impressão de me desencantar de um palacio de fadas de historias de crianças. Primeiro, o pequeno salão, com as suas fôfas alcatifas, o budha sorridente e sarcástico sentado irreverentemente em cima do fogão; a secretária de lavores chinezes, o divan oriental onde repousaria o corpo frenetico de uma odalisca—um mixto de estylos orientaes, que nos transportam ás mais fantasticas divagações. Depois, o quarto de dormir, com a cama enorme á Luiz XV, o mobiliario dourado, e estofado de sêda, o diafano sobrecéu convidando a sonhos estonteadores, e o lustre de prata despedindo uma luz morna e discreta. Ao fundo, fazendo parte dos "meus" aposentos, a porta que dá para o quarto de banho. Lá está a pequena piscina de marmore escuro, cavada nas lages do pavimento, a mesinha com o telephone branco, os bancos de alabastro, as tubagens niqueladas com torneiras de metal amarello, mas de um metal amarello que não é latão. Não, não é latão! E' ouro, ouro de lei, como me garantiu, com um sorriso de quasi-desprezo, o immediato de bordo. E a bordo não se fala de outra coisa. E' ouro para aqui, ouro para ali. As pessôas que me rodeiam falam de ouro por dá cá aquella palha. "Quando estará prompto o ouro?", "Traz o livro do ouro!" "Este ouro dá-me cabo dos nervos!". Dialogos sem nexo, desencontrados, que só se comprehendem ao sabermos que se trata de um film com o nome do metal precioso. A' mesa do almoço, vemos gente conhecida. Ao meu lado, a Brigitte Helm, muito alegre, muito divertida, sempre bem disposta. Depois, o Hans Albers, contando anecdotas que despertam o riso dos commensaes. Karl Hartl, o realizador de "I. F. 1. não responde", consulta constantemente o relogio de pulso.

Lona Andre, interessante «estrella» da Paramount.

Studios

Uma linda franceza diverte-se á custa do Albers, que se engasga quando fala na lingua della. Uma hora depois, estão todos no convez. Cabos electricos atravessam-se em todos os sentidos. Contam-me então a historia do hiate "Savarona". Uma millionaria americana, farta de gastar dinheiro e não sabendo que destino dar ao que lhe sobrava, mandou-o construir na Allemanha, ha dois annos, pela bagatela de 5 milhões de dollares. Blohm & Voss, os estaleiros navaes, fizeram do "Savarona" um transatlantico em miniatura, mas uma miniatura bastante grande, com todas as commodidades modernas e todas as extravagancias que o cerebro ardente da americana exigia. Os pequenos salões, o budha, os arabescos em variados estylos, os venerandos alfarrabios das estantes, que por fóra mostram encadernações maravilhosas, mas por dentro são ôcos e servem de estojo para jogos de sala, a até as torneiras de ouro, são idéas della. Bem allemães são os preciosos mechanismos, a sciencia de dividir o espaço fluctuante, emfim, a engenharia moderna applicada num hiate que é hoje o maior do mundo em poder de um particular. Este "Savarona", um nome que dizem significar "O cysne negro", desloca 65.000 toneladas, como se fôra um vapor de carreiras; mas, emquanto este transporta 300 passageiros das duas classes superiores, o nosso "Savarona" só tem camarotes para 35 pessôas, porquanto cada um delles comporta 3 ou 4 aposentos. A manutenção do luxuoso brinquedo custa á millionaria a ninharia de 1.500 dollares por dia, quando em viagem!

Estou, pois, a bordo do maior hiate do mundo, e não sei o que mais admirar: se a fantasia da millionaria, se a pericia requintada dos constructores, ou a idéa que a Ufa teve, de fretar o hiate para realizar a bordo algumas das scenas mais impressionantes do seu novo film, um film que nos fala da feitura do ouro synthetico, com um enredo amoroso em que a Brigitte Helm desempenha o principal papel feminino. A confecção desse film deslumbrante está calculada em nada menos de 1 milhão de marcos, mas, em compensação, promette ser um dos films mais sensacionaes e mais emocionantes que o mundo tem visto.

Assisto a bordo a algumas das scenas dessa pellicula que tem o titulo provisorio de "Ouro". A "girafa" do som curva-se lentamente, adejando sobre a cabeça de Brigitte Helm. O ajudante diz o numero da scena, o microphone começa a aspirar as palavras amorosas da artista. Em volta, os collegas seguem, attentos os seus menores movimentos. Mas a Brigitte sae triumphante de todas as scenas e rara é a que precisa ser repetida. O realizador está visivelmente satisfeito. Depois, é um "duo" com Albers, em grande plano logo a seguir repetido em francez pela Helm e por outro collega, já que o film é realizado em duas versões. O trabalho prosegue com uma monotonia que cansa, sem deixar de interessar.

Quando chegou á vista das ilhas de Laaland, o "Savarona" voltou sobre si mesmo e retomou o rumo de Kiel. Eram já 3 horas da tarde de um destes dias de novembro que annunciam o inverno e que aqui, nestas pa-

(*Cont. na pag. seguinte*)

Miriam Hopkins, sympathica «estrella» da Paramount.

34

DOS STUDIOS

(*Continuação*)

RENATE MULLER E HERMANN THIMIG EM "VICTOR" E VICTORIA". — Estão sendo activadas as filmagens da grande opereta da Ufa "Victor e Victoria", que pertence ao grupo productor de Alfred Zeisler e é realizada por Reinhold Schunzel, que é, tambem, o autor do argumento do novo film. Os papeis principaes estão entregues a Renate Muller, Hermann Thimig, Adolf Wohlbruck, Friedel Pisetta, Fritz Odemar e Hilde Hildebrand. Constantin Tschet é o operador, e Fritz Thiery é o engenheiro de som. As decorações são de Benno von Arent e Arthur Gunther. Franz Doelle compoz a musica.

Uma versão franceza desse film está sendo manivelada com o titulo de "Georges et Georgette". Os interpretes dessa versão são Julien Carette, Meg Lemonnier, Felix Oudart, Charles Redgie, Adolf Wohlbruck, Paulette Dubost e Jeanne Brunay.

"INGE E OS MILHÕES". — Mais um novo film de Brigitte Helm. Sob a direcção de Erich Engel ultimaram-se as filmagens da nova fita sonora da Ufa "Inge e os milhões" (*Inge und die Millionen*), pertencente ao grupo productor de Bruno Duday. O papel principal está a cargo de Brigitte Helm. A conhecida artista faz o papel de uma rapariga nova, moderna, que luta pela vida e acaba sahindo triumphante de todas as provocações. O enredo do film tem por fundo: a prohibição do commercio de cambiaes, os delictos que provoca e a perseguição dos delinquentes. A acção tem, a emmoldural-a, as lindas paizagens do Lago de Constança, onde se realiza grande parte das scenas exteriores. Trata-se, pois, de um scenario que interessa ao publico de qualquer cinema.

Ao lado de Brigitte Helm trabalham Paul Wegener, Willy Eichberger, Otto Wallburg, Paul Westermeier, Lissy Arna, Charlotte Serda, Ernst Behmer, Franz Nicklisch e Ernst Karchow. A photographia é de Carl Hoffmann. A musica é de Erik Plessow. As decorações devem-se a Sohnle e Erdmann. Walter Tjaden é o engenheiro de som. O argumento foi escripto por Curt J. Braun e L. Burri. Esse film será estreado em Berlim nos primeiros dias de dezembro.

O regente: — Mais docemente, meus senhores; a partitura indica com amore, e os senhores tocam como homens casados...

UM NOVO FILM COM KATHE VON NAGY. — Sob a direcção de Gerhard Lamprecht estão sendo realizados os interiores para a nova opereta sonora da Ufa "Einmal eine grosse Dame sein" (*Un jour viendra*), pertencente ao grupo productor de Bruno Duday.

O argumento desse tão engraçado quão delicioso film musical da Ufa é de autoria de Pelz von Felinau e Elsa Gravenstein, sendo extrahido de um conto de Halton.

Desse film será realizada uma versão franceza com o titulo de "Un jour viendra". Kathe von Nagy representa tambem nessa versão o principal papel feminino. Os restantes interpretes da versão allemã são Wolf Albach-Retty, Werner Futterer, Ida Wust, Gustav Waldau, Gretl Theimer, Fritz Odemar, Werner Fink e Hans von Zedlitz. Na versão franceza trabalham: Georges Oudart, Marfa Dhervilly, Jean-Pierre Aumont, José Sergy, Gaston Dubosc, Simone Héliard, Claude May e Jacqueline Daix. A composição e direcção musical estão a cargo de Franz Doelle. As decorações são de Sohnle e Erdmann. Werner Brandes é o operador photographico.

Esse film apresenta varias situações muito engraçadas envolvidas num enredo muito simples, com decorações elegantes e uma musica excellente que proporcionará ao publico dos cinemas uma grata e agradavel distracção.

Um dia no studio fluctuante da Ufa

(*Continuação*)

ragens do norte, escurecem muito cedo. A aragem fria e humida do crepusculo tornava pouco agradavel a permanencia no convez. A "girafa" e a camara rodaram para um canto do "deck", os cabelleireiros e as manicures fecharam os estojos, e todos nós abalamos para o "bar", aguardando a hora da chegada ao porto.

Tenho a impressão de que, daqui a pouco, quando subir para o caes da cidade, imaginarei ter sahido de um mundo de sonhos para regressar ás realidades amargas da vida.

SILVA MONTEIRO

TEMPO PERDIDO...

DESDE os bons tempos do collegio, gostava um do outro. Os collegas faziam troça quando os viam juntos. Ia esperar a predilecta á esquina próxima da casinha della, e vinha Dila ao lado de Jorge, ambos mui contentes, conversando.... Por fim, os collegas os respeitavam, pela constancia dos dois porquanto, já faziam dois annos, sem a menor, a mais leve divergencia, viviam vogando mansamente sobre o lago ornamental do jardim das suas fantazias.

Quando cursava elle a Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, e ella a Escola de Bellas Artes, vinham sempre no mesmo bonde, muito alegres, muito agarradinhos, a conversar, a rir, parecendo-lhes não haver ninguem ao derredor delles por lhes parecer que o mundo era delles só!

* * *

O pae de Jorge não via com bons olhos a sua affeição por Dila: Dila era pobre, e os progenitores desta viviam na obscuridade.

Por isso, Jorge deixára esfriar o seu affecto. Retrahira-se por sua vez a formosa senhorita.

O sonho do pae de Jorge era vêl-o ligado á familia de doutor Jatahy.

Si chegasse a casar com uma das filhas deste, estava com o futuro garantido: no minimo, deputado federal.

Não escolhia.... Qualquer dellas servia.... Sendo filha do doutor Jatahy, fazia gosto no casamento!

Este estava ficando velho e precisava de quem o substituisse na politica. Não tinha filho varão, de sorte que, quando estivesse Jorge em condições de casar com uma das filhas delle, seria o caso de cahir a sopa no mel.

Como, porém, *da mão á bocca se perde* muitas vezes a sopa, não se realizaram os bons desejos do pae de Jorge. Pelo facto de desejar vêl-o ligado a uma Jatahy, — Jorge, nesse tempo advogado no Rio, obstinára-se em se aproximar da unica senhorita da familia, que tinha sympathia por elle, e, quando menos esperava, haviam todas contractado casamento.

O velho pae do novel advogado vira bem as bôas intenções dos outros; comprehendêra não ser o unico esperto deste mundo e não escondia a sua decepção: já nenhuma filha do doutor Jatahy poderia casar com o filho!

E quem o culpado do fracasso? Só existia um: o proprio filho, o seu Jorge que se fez de rogado! Sim; porquanto uma das senhoritas Jatahy tinha verdadeira sympathia por elle; e o pae do recalcitrante advogado déra esperanças á pequena, affirmando ser o rapaz muito esquisito, mas sabia por gente de casa elle gostar de alguem, e esse alguem não seria outra sinão ella. Tudo fizéra o bom velho por casar estes dois, mas... debalde! Não tinha de acontecer; e não haveria força capaz de baralhar o destino de um e outro.

* * *

Passava o tempo, e Jorge não se inclinava por senhorita alguma.

Apparecia em todas as festas elegantes do Copacabana, do Gloria, do Palace, do Fluminense, do Botafogo, do Tijuca.... Apparecia em todos os theatros. Apparecia em todos os lugares onde pudesse divertir-se mas em verdade, nada lhe satisfazia. Sentia como que um vacuo dentro de si. Não sabia explicar, mas o certo é que não andava contente.... não andava positivamente satisfeito da vida....

Não lhe faltava dinheiro, não lhe faltavam carinhos da mãe, das irmãs. Todas faziam o possivel par lhe ser agradavel. E reconhecia elle tudo isso mas, verdade verdade, andava desgostoso!

Casaram as irmãs, casaram as primas, casaram todas as conhecidas mais intimas; só se conservava solteiro o bom Jorge.

Chamavam-no *solteirão*. Sorria. Ninguem tinha que ver com a sua vida. Não queria casar. Casar para que? Estava tão bem em casa dos paes.... Não gostava de mulher alguma.

Certa vez, lhe disséra a mãe, a brincar com elle:

— Não te casas, porque tiveste uma paixão em mocinho. Pensas que não sei?!

— E' certo. Porém estou com mais de quarenta e já não devo pensar nisso...

— Quarenta annos.. Agora é que estás na maturidade.

— Estou perto da casa dos cincoenta!

— Que tem isso, meu filho? Procura uma senhorita, cuja idade esteja mais ou menos em relação...

— Chega! Não precisa pôr mais na carta! Porém já não quero casar, minha mãe! Perdi a influencia!

— Sei. E si Dila te aceitar?...

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Ai! ai! ai! Deixe de brinquedo! Por causa de meu pae, sacrifiquei o futuro de Dila. Sacrifiquei-lhe o futuro, porque pod ria ter casado com outro, si não fôra eu atrapalhar-lhe a vida. Mamãe não a conhece... Dila não é nenhua criança mas é ainda hoje bonita e algum tanto orgulhosa: o orgulho de ser bella, e intelligente, e culta, e digna: o orgulho da mulher que preza a sua honra e se preza de cumprir bem os seus deveres para com a sociedade; o orgulho de quem se respeita a si propria. Eu a conheço bem de perto e teria receio de me aprox.mar della. Fui canalha... Não o mereço, confesso. E' ella digna de um homem de bem.

— Meu filho, que é isso? Então, não és homem de bem?

— Para com Dila fui canalha...

— Isso não tem importancia, interrompe-o a progenitora. Esse negocio de namoro não póde ser levado assim, tão a sério! Não foste muito correcto, confessas, mais...

— Qual mas...

— Não e interrompas. Ouve, meu filho: si Dila quizer casar comtigo, tu te compromettes a casar com ella?

— Não me fale nisso minha mãe! Tenho até vergonha... Ella tem mágoa de mim...

TEMPO PERDIDO...

(Continuação)

— Tenho sentimento de te ver solteirão, pois sei que darias um bom côrte de marido E's trabalhador, paciente, delicado, ordeiro, amigo do lar... E's um bom, meu filho, e hás de ser óptimo chefe de familia. Tenho pena de estar perdendo-se um óptimo chefe de familia, quando isso é hoje fructa rara!

— O destino assim o quiz. Não se impressione commigo. Estou contente, vivendo em companhia de minha mãe.

— Morre amanhã a tua mãe, e não tens a tua esposa para te acompanhar.

— A esposa morre tambem.

— A esposa substitues por outra esposa, si te aprouver. A mim não pódes substituir...

— Perfeitamente.

— Vamos ao caso. Quero ser a intermediaria entre o meu filho e Dila para reatarem...

— Não dá bom resultado a interferencia de terceiro em negocio de corações. Uma vez que minha mãe se interessa tanto por nós vou botar a vergonha de lado e vou procurar a entender-me com Dila.

* * *

Não sabia as disposições de Dila a respeito do caso. Não sabia, mas ia tentar...

Saudavam-se por mera cortezia, fazia mais de vinte annos.

Descobrindo-se *Voltaire* certa vez na rua, ao passar o sagrado viatico, alguem lhe estranhára o gesto por saber que era elle atheu; contestára então o philosopho — "Não nos damos mas nos cumprimentamos". E Jorge lembrava-se dessa anecdota quando cumprimentava Dila por simples formalidade.

Em certo dia procurára conversar com ella em casa de uma familia, amiga de ambos.

Ouvia-o attentamente, sem pronunciar uma só palavra, quando entrára elle no assumpto principal da palestra. E falára-lhe sobre as suas intenções, e contára-lhe a sua historia.

Terminada esta, affirmára-lhe a interlocutora não pedir prazo para lhe dar a resposta por lhe conhecer a firmeza do caracter não desejar magoal-o de modo algum e dar-lhe uma prova de que nunca pensára noutro homem.

Entenderam-se muito bem.

Casaram mezes depois.

Sentem-se tão felizes, que lamentam somente o tempo perdido...

HORMINO LYRA

S. O. S. ICEBERG

(Continuação)

Após este incidente dr. Matushek é estraçalhado por um urso polar.

Dragan recuperando um pouco de sua sanidade, suicida-se no mesmo lugar em que havia causado a morte de Kummel.

A esposa de Lawrence ao aterrisar no "Iceberg" soffre um accidente, incendiando-se seu avião, e perdendo-se todo alimento que trazia para soccorrer os exilados, ficando porém, salva a esposa de Lawrence que atira-se nagua.

Udet, o "az" da Aviação allemã, parte para a Groelandia para localizar a expedição perdida, o que faz aterrisando no "Iceberg". Encontra ainda Lawrence e sua esposa vivos, e parte incontinente em procura de Brand que havia tentado atravessar a nado do "Iceberg" até a costa que ficava a quatro milhas indo em busca de soccorro numa villa de Esquimós que ficava perto da costa.

Os esquimós são enviados em soccorro nos seus "kayaks", e conseguem salvar Lawrence e sua esposa justamente quando o "Iceberg" em que estavam iniciava sua decomposição completa.

RESONÂNCIAS...

ESTE ardor espiritual que me invade e avassala, é que me salva, sendo meu castigo...

*

A Felicidade suave de ter conseguido um sorriso de ternura da creatura que nos prende não compensa nunca nossa coragem de amar, si prejudicamos alguem nessa conquista dos sentidos...

*

O Amôr comprehende innumeras e pequeninas batalhas quotidianas tanto mais árduas si nellas o nosso raciocinio, de todo afastado das attracções materiaes, faz questão cerrada de vencêl-as uma a uma, para a plena victoria de algo mais elevado e altruistico...

*

A mulher que céde de prompto ás nossas invéstidas e escaramuças amorosas tanto póde nada sentir de verdadeiro, como consubstanciar um rarissimo amôr, todo feito de affinidades affectivas, que instantaneamente se procuram e subentendem...

*

Parallelamente, a mulher mais espiritual e caprichosa é, para um intellectual, mais facil de ser conquistada, porém esse amôr será mais difficil de se manter, porque exige sempre coisas novas e novos caminhos... Dahi o perigo da imaginação, quando não se faz della abstracção no campo physiologico...

*

O instincto da mulher raramente engana; todavia, por isso mesmo dá-lhe ás vezes exactamente o que merece...

*

A mulher apparentemente enigmatica, no momento em que é comprehendida intimamente nas suas susceptibilidades mais subtis, offerece então um grande amôr, um amôr que tudo promette, mas perigoso necessitado eternamente de um severo e prudente controle...

*

O homem intelligente é o que consegue quasi tudo de uma mulher simplesmente bonita. Emtanto, assemelha-se a um furacão, que, por ser poderoso, não respeita as bellezas da Natureza...

*

Não ha temperamento mais incommum ou exótico, que não se adapte e não capitule ante o amôr intelligente reflexionado; amôr cauto e calmo, que começa num olhar, logo olvidado, porque se satisfez com esse inicio amavel...

*

Um adeus de mulher bonita, para um homem sincero e de bôa vontade, póde significar um convite, uma risonha e illuminada esperança um incentivo puro, quando desperta um sentimento perfeitamente justificavel...

*

Este ardor espiritual, que me invade e avassala o cerebro, reflecte apenas vibrações de felicidade, sombras que fogem ás defficientes definições humanas, quando um dia, gloriosamente, se completar no sublime e radioso choque com outra força antagonica inevitavel transfiguradora...

*

Aprendi a ser simples, quando pela primeira vez beijei. Aprendi a ter saudade, quando me despedi pela primeira vez. Amei desesperadamente, quando te perdi. Hoje, sou o cavalleiro solitario procurando uns olhos grandes e uns lábios vermelhos e amuados, que eu um dia esprema violentamente de encontro aos meus, sob a cumplicidade de um guarda-chuva...

Sou o perdulario infeliz que desprezou a felicidade.

Sou o desgraçado homem para ser amado...

Sou o vencido, que venceu todas as mulheres...

Sou o herói que amou demais, fugindo do amôr...

MARIO DUPRAT FONSECA

IRONIA

Não te engane da face o alegre friso.
Nem nas olheiras lagrimas choradas
julgues ver de repente o duro aviso
de grandes dores cristalizadas.

Nem sempre olheiras róxas, maceradas,
traduzem da amargura o tom preciso,
e muitas dores vêm-nos transformadas
aos labios, sob a fórma de um sorriso.

Ha quem, por egoismo e ambição louca,
comprima, num sorriso, a hedionda bocca,
e tenha, no interior, risos devassos...

E ha muito riso disfarçando ao mundo
um soffrimento, ás vezes, tão profundo,
que o coração se faz todo em pedaços!...

LIVANS TETAMANTI

COVARDIA

DEZ horas da manhã. O sol escaldante cahe a pique sobre a areia dourada.

Como roupas brancas estendidas numa corda invisivel, as nuvens alvissimas, parecem estar seccando no céu côr de anil. As ondas mansas do alto mar lambem suavemente a praia e retiram-se com um rythmo cadenciado, levando conchinhas e *tatuís* para o mysterio das aguas fundas...

Ao longe, um radio espalha ao vento a musica enervante e molle de uma valsa conhecida. Corpos semi-nús, molhados, estão estendidos na areia escaldante e cozinham a fogo lento. Vastos chapéus de sol multicôres e toldos listados. Galhofeiras e conversas que o calor afrouxa.

A pequeninos passos indecisos, Dora avança, remexendo um pouco as cadeiras roliças, que o *maillot* claro põe em maior evidencia. Tem nas mãos o grande chapéu de Manilha, que balança como para equilibrar os seus passos. Está á procura do marido. Onde estará elle? Ainda ha pouco, Roberto a deixou bruscamente para entrar no mar; mas não seria antes para ir em busca de Luizinha, com quem estava namorando havia uma semana? Dora, no emtanto, não queria ter ciumes. Um sentimento desprezivel... Um sentimento digno de lavadeiras. No emtanto, na noite anterior, no casino, vendo-os dançar juntos num enlace tão apertado que as faces se roçavam numa furtiva caricia, ella teve, de repente, a tentação louca de arrancál-os um ao outro e de fazer um escandalo. Ella tambem estava dançando e, para experimentar as reacções do marido, no momento em que o acaso os reuniu, parou, fingindo um interesse exaggerado pelo seu cavalheiro... Mas Roberto nem reparou na sua presença.

Uma ira louca apoderou-se, então, de sua fragil natureza, enrugando-lhe o rosto infantil e ao mesmo tempo cruel. As covinhas desappareceram da face rosada; mas ella teve a força de caracter de não dizer nada ao marido. E' tão vulgar fazer scenas! Dora, todavia, não é mulher que acceite com calma as infidelidades conjugaes, resignando-se a não ver nada. Os olhos côr de porcelana azul, meio fechados, têm um brilho máo, que endurece o seu olhar.

Aquella estupida rapariga pensa, talvez, que lhe poderá roubar o marido com a sua falsa timidez e os seus ares de ingenua?... As beiras do chapéu manilha quebreu entre os dedos nervosos de Dora.

Ah, Roberto... Roberto!... Não é que ame com paixão esse marido que acceitou sem grande amôr, porque era preciso casar e a situação delle lhe asseguraria uma existencia confortavel. Não! Mas era propriedade della e não será uma qualquer mulherzinha chamada Esther... Estheruska que lh'o poderá furtar.

Cantarolando, começou a andar mais depressa. Os pesinhos, calçados de sandalias de páo pintado, afundavam na areia fina. Tinha vontade de correr, de gritar, perscrutando com os olhos pesados de odio as sombras dos parasóes. Mas onde teriam ido se esconder?... Os nadadores já voltavam; os banhistas estão na hora do almoço, quasi, e ninguem mais aguenta o calorão dentro dagua. De repente, atraz do abrigo illusorio de um chapéu de sol um homem e uma mulher afastam-se bruscamente um do outro, com a sua chegada. Antes mesmo de ter olhado as faces afogueadas dos dois, ella os reconheceu.

Roberto e Estheruska!

Seu coração salta. Todavia, é uma Dora perfeitamente senhora de si e de seu sorriso, que se deixa mollemente escorregar sobre a areia, apertando a mãozinha da rival.

— Já tomou banho? — pergunta, olhando o *maillot* do marido.

— Sim — responde Roberto, um pouco emba-

De Itavaz

...çado. Já era tarde. ...nsei que não vinhas. ...theruska nem me ...companhou... accrescen... elle, como para se ...sculpar.

— Ah?

Dora medita. A duvida ...o é mais possivel. Ella ...lvinha o beijo sobre os ...bios avermelhados do ...rido. Elle já seria o ...tante da rapariga?

Cahe um silencio que ...nhum dos trez ousa in...romper. Roberto olha ...mulher de soslaio, per...ntando-se o que ella já ...ria visto. Estheruska, ...m a cabeça congestio...da, procura um pre...xto para fugir. Quanto ... Dora, ella risca uns ...senhos na areia com o ...do, observando os cui...dos através de suas ...stanas descoradas. Os ...inutos se prolongam, ...toleraveis. Incapaz de ... dominar mais, Esthe...uska levanta-se:

— Vou tomar banho — ...z ella.

— Vou com você — fez ...ora, simplesmente. — ...enho médo de nadar so...nha. A friagem da agua ...á-me caimbras e alguem ...unto de mim tranquil...za-me.

Roberto ficou olhando ...s duas que se dirigiam ...ara o mar. A calma de ...a mulher inquietava-o. ...eria adivinhado alguma ...usa? Como Estheruska ...arece pequenina e meú... perto della!

Roberto quizéra prote...l-a... defendêl-a do pe...go que presente, obs...tinadamente.

Levanta-se a meio cor...o para alcançar as duas ...moças, mas se deixa re...hir levantando os hom...ros. Presentimentos? — ...obagens! Qual perigo ...de ameaçar a sua amiga? E se acontecer alguma cousa, estaria perto della num relampago. As moças entram no mar calmo. Estheruska nada logo para longe, seguida por Dora. Só um barco de pescador balança ao longe na linha do horizonte. O vigia já deixou seu posto. E' tarde. Roberto fica de novo muito inquieto. Sente um indizivel mal estar.

Devia aproveitar a occasião para ter uma explicação franca e leal com a sua mulher. Dizer-lhe a verdade. Gritar-lhe, emfim, o seu amôr pela mimosa creatura que almeja proteger a

vida inteira. Bem sabe que Dora é raivosa e violenta, e que difficilmente renunciará aos seus hábitos tranquillos, á sua vida acolchoada de commodidades e bem estar. Elle sente que será preciso lutar, discutir, ganhar a sua felicidade aos pedaços. Uma fadiga immensa o invade, pensando nas discussões inevitaveis. Será melhor renunciar? — Ou continuar a mentir? — Mentir sem renunciar... Comprometter-se? E depois? Tem certeza de poder amar Estheruska para o resto da vida?... Um grande alarido interrompe suas meditações. Lá longe, o pescador, no seu barquinho, agita os braços chamando por soccorro e de-

pois mergulha subitamente. A praia ainda ha pouco adormecida, agita-se numa clamorosa animação... Gritos que se respondem, silhuetas que correm para o mar; alguns homens querem pôr nagua um barquinho, mas não encontram os remos! Um gordo banhista vem correndo com elles ao hombro. Mas, que ha? — Alguem responde alto ao rapaz.

— Duas mulheres que se afogam...

Duas mulheres que se afogam?... Roberto adivinha o gesto assassino da mulher. A opportunidade da caimbra e Estheruska muito fraca para se defender. Roberto faz uma careta. Não deveria correr para tentar salvál-as?... Qual! Fez um muchocho levantando os hombros. Ninguem se afoga tão perto da praia. Que scena ridicula, francamente! — O barquinho já vem vindo lentamente, pesado de dois fardos. Que fazer? Correr, precipitar-se ao encontro das naufragas e dos que as foram salvar? Ouvir, com ar de credulidade, as mentiras de Dora e ler a severa reprovação nos olhos de Estheruska?

Roberto hesita um momento. Seja como fôr, a covardia parece-lhe ser preferivel ás affectações mundanas. Aproveitando-se da confusão geral, escapole rapidamente, sóbe a passos até o *bar favorito*, entrando com ar sereno e despreoccupado. Outros rapazes, como elle de *maillot*, bebem drogas multicôres.

Senta-se, esfalfado, a uma mesinha livre e chama o criado.

— Olá, sr. Affonso! — Um vermouth bem gelado!

E depois de um segundo de reflexões:

— Chame o *chauffeur* numero 2-2874! Preciso subir incontinente para Petropolis!

DUAS TRAGEDIAS

De ASSIS MORAES

— I —

ANTONIO Angelo Figueiredo penetrára no bar frequentadissimo.

O Amaro Berredo e Santos se achava no bar com um amigo. O Amaro era o causador da infelicidade domestica de Antonio Angelo Figueiredo.

Aquelle esposo ultrajado reconheceu o villão.

— II —

Ergueu-se Antonio Angelo da cadeira onde se accommodára.

— Quanto a cerveja, *garçon?*

— Dois mil réis...

— Tome lá...

Antonio Angelo foi-se embora apressadamente. Mas voltou. Voltou após uns minutos e numa exaltação de criminoso. Postou-se face a face do bandido que pervertêra a Elisa carinhosa, sua esposa. Sacou de um punhal, depois de ter-se approximado do desaffecto, e mergulhou a arma no peito de Amaro Berredo e Santos...

— III —

Delegacia de policia da cidade. Interrogatorio do homicida Antonio Angelo Figueiredo.

— Sr. doutor, não posso negar meu crime: matei Amaro Berredo e Santos, o qual seduziu a minha Elisa adorada. Ha quinze annos.

"O Amaro, — o assassinado, e eu, o assassino, — eramos intimamente relacionados. Elle não desconhecia minha indole de exaltação e violencia. Consummada a affronta o canalha sumiu da cidade. O finorio escapava ao risco de ser castigado por mim.

"Desquitei-me da perjura e vim exercer meu officio nesta cidade.

"No decurso de trez lustros, abrandou-se em minha pessôa o odio e a indignação contra o seductor. Trez lustros apenas. Hoje, foi o diabo... Enxerguei o Amaro no bar... Subiu-me o sangue á cabeça... E... E' o que o senhor sabe...

— IV —

O dr. Lazaro Negreiros e Leonina Siqueira contrahiram nupcias. Desastrada união de dois sêres que se desavêm por innumeraveis questões e questiunculas.

Leonina Siqueira enfastiára-se do marido. Um intolerante. Porque não buscar amor, além, além do villino onde se fanava ao lado do homem já quasi odiado por ella...

Mauro Alcantara fêl-a venturosa. Amou-a. Ella o amou. Viéra, o moço lindo, e sem mesmo que Leonina o procurasse... Num baile... O esposo, dr. Negreiros, viajando lá pelo Matto Grosso... Oh! amor desvairado entre Leonina e o moço lindo!... E nada de desintelligencias, nada de discordias entre elles. União illicita, porém não ensombrada por desavenças.

O ex-delegado, de regresso, foi informado da traição de d. Leonina. Separou-se della, mediante o desquite. Matar os dois? Não fôra este o seu intento? Fôra... Homem reflectido, porém condemnava todo e qualquer crime. A mancha de sangue produzida por um instrumento criminoso repugnava-lhe, por demais... Tanto pelo sangue jorrado como pela acção nefanda...

Ficar longe dos dois... Era melhor assim. Tendo-se desquitado de Leonina, foi residir numa outra cidade. Ficar longe dos dois traidores, da esposa e do seu amante...

— V —

O dr. Lazaro Negreiros, posto que morando agora distante de onde morava o conquistador Mauro Alcantara, ainda assim julgou previsivel um encontro seu com o moço odiento. E dahi... Ora, dahi o assassinato, semelhante ao perpetrado pelo Antonio Angelo Figueiredo. Sim, perfeitamente. O ex-delegado recordava-se da tragedia em que o Figueiredo se estreára como matador, a proficiente. Elle, dr. Lazaro, fôra o delegado a quem o moço relatára a façanha praticada no bar repleto. Esse marido enganado matára o rapaz de tez morena, Mauro, quinze annos depois do adulterio... Não seria admissivel que elle, o outro marido enganado, tambem fizésse o mesmo? Sem duvida... Decorressem dois, dez, quinze, vinte annos... De todo modo, não podia reproduzir-se uma tragedia igual áquella do "Bar Selecto", e na qual o autor do crime fôsse não mais o Figueiredo, porém o delegado que o interrogára? E o novo criminoso tivesse de cumprir a pena de vinte annos de prisão, como o outro a cumprira?

— VI —

Vinte annos. Quatro lustros escoados. O dr. Lazaro estava ao lado de Mauro, no grande salão de cinema. O dr. Negreiros entrára no recinto, emquanto o film de amor, na téla, encantava os frequentadores... Quando accesas as luzes, terminada uma parte da fita, o doutor constatou, que o seu vizinho do banco da direita era o Mauro Alcantara. O esposo trahido empallideceu, ao vêr-se ao lado do miseravel...

Uma força indefinivel empurrou-o para o delicto, que era este: apunhalar o moço trefego e mulherengo.

O punhal, elle o trazia na cava do collete... Levantou-se, chegou-se junto ao Mauro, e puxando o punhal cravou-o no peito do Don Juan...

— VII —

Delegacia de policia da cidade. Interrogatorio do homicida dr. Lazaro Negreiros.

— Sr. doutor, o senhor está me inquirindo sobre o que acabo de perpetrar: um homicidio... Pois bem, é exacto, dei cabo do scelerado que era o amante de minha mulher.

O dr. Negreiros desfiou a meada: revelou os maiores e os mais simples incidentes do seu infortunio...

— VIII —

O ex-delegado cumpriu uma pena de vinte annos de prisão, á semelhança do Antonio Angelo Figueiredo...

"VOCÊ ME CONHECE"?...

NA graça envolvente de seu olhar erradio, feito de doçuras celestes e meiguices frocantes, pousei minha imaginação de sonhador, no bulicio tumultuante da cidade alegre e lyricamente dessedentei a alma de peregrino na frescura suave do valle macio, ...toso, velludineo, que você, harmoniosamente, na belleza de lago azul adormecido, resumiu á minha retina deslumbrada...

* * *

Minha inspiração! Ha frivolidade circumdante do ambiente folliculoso, o donaire de suas attitudes, sóbrias, heraldicas, rythmicas, evocativas de posturas historicas da antiguidade você mesma, que é sonoridade, fragrancia e gracilismo, esquissou o poema ... que animarei com a força de meu espirito e ha de vibrar ao contacto invisivel dos labios frementes da imaginação em festa...

* * *

Naquelles momentos de excelsa pulchritude, de subjectividades transcendentalizadas, num meio de barbaros e vandalos delirantes, que rutilo paradoxo a branceura immaterial desprendente de seu sêr, liberto ás azas da chiméra, offerecia á nossa sensibilidade, de romanticos e sentimentaes, que, em pleno Carnaval admittia estranho e florilegico torneio de ...terias intencionaes...

* * *

Você, sem presentir, na simplicidade alliciante de um vestido, que era uma flamma — rubro como os ...ssos em fogo, o sangue, o vinho, o rubi, viveu, sob o esplendor asiatico de um céo apotheotico, o languido vulto de Roxane...

O diadema fascinante de estrellas descidas das alturas, pelos dedos da fantasia, para aureolar sua cabelleira ondeante e castanha fêl-a creadora instinctiva do arrebatador Cyrano...

Symbolizando a ternura debruçada dos torreões medievaes de seu lindo castello de moça romantica, que melhor disfarce, nesse Carnaval interior de fina ...ação e raras emoções de belleza, você poderia ...ntar, tendo á dextra o sceptro de rainha de meu ...ição?...

As subtilezas de Cyrano, como "confetti" dourados, estrellejavam ante a sua garridice compassiva, aprisionando-a em um halo ideal de poesia e extase claro como a prata liquida que a lua derramava em ...unnas de luz sobre a noite constellada...

Num transporte intraduzivel, que, aos meus olhos estiu com as galas iridescentes do sonho, sentiu ..., ainda que subjugada á eloquencia convincente do cantor bizarro, que o poeta se desfazia dos punhos ...dados, de declamador luarino, para tomar a purpura cardinalica do visionario Gonzaga...

* * *

Penetrado dessa melancolia, que a felicidade nos ... nos olhos sorrateiramente eu fiquei triste... ...e uma piedade, infinita, de todos os Pierrots da existencia...

..., Arlequim, Montmorency, principe Christiano de ... capricho do Destino, comprehendi, não obstante, ... a belleza universal do amôr, a felicidade que elle enthesoura, está não na posse, que é iconoclasta e ruinadora de tudo quanto é bello, mas na renuncia ... bem supremo dos artificios do sentimento...

GOMES NETTO

Escriptores e livros

Osvaldo Orico — ESTADISTAS DO IMPERIO — Marisa edit. — Rio — 5$

NESTA primeira série de perfis de estadistas do Imperio, o autor apresenta ao publico, entre outros, Feijó, o Marquêz do Paraná, Montezuma, Abrantes e Silveira Martins.

São figuras de relevo, aliás sobejamente conhecidas e já estudadas por espiritos curiosos da nossa historia. A série de biographias continuará, pois o autor promette para breve um segundo volume. O genero explorado não é velho nem é novo, como pretende o autor, exigindo uma téchnica especial, de difficil execução.

Entretanto, os perfis traçados interessam, porque da vida alheia nós gostamos de saber, embora descurando da nossa propria vida.

Naturalmente, para fugir á maledicencia, o sr. Osvaldo Orico julgou conveniente explicar o titulo da obra: "Não foi o simples gosto da paraphrase que nos inspirou o batismo desta obra. Um proposito mais alto prevaleceu para que fosse generalizado á galeria de perfis que intentamos desenhar o titulo de um dos livros culminantes de nossas letras: a biografia de *Um Estadista do Imperio* com que Nabuco documentou e enriqueceu uma das mais belas fases de nossa historia. Não foi por decalque, mas por homenagem, que nos servimos da justa e austéra designação com que o formoso tribuno da Abolição revelou, através da imagem paterna, um periodo fascinante de nossa vida politica. Oferecendo-nos copioso material de fátos e observações sobre as qualidades que tornaram notavel no cenário do Imperio a figura do terceiro senador Nabuco, o autor de "Minha formação" poude realizar, com os sortilégios de sua pena e impecável traço de elegancia intelectual, o mais perfeito trabalho no genero em nossas letras; tão perfeito e fiel nas passágens, nos episódios, nas sinteses, nos retratos, nos paralelos, nos caractéres, que vale por uma galeria de espelhos, em que o observador contemporaneo lograsse contemplar, por instantes, as imagens desapparecidas... Inspirando-nos propositadamente no titulo com que o incomparavel artista do passado fixou a egrégia figura de seu pai e fez ressaltar outras tantas na dispersão e na disparidade do nosso meio, cumprimos um compromisso para com a propria obra em que Nabuco viu dos bastidores a representação aristocratica de seu tempo."

Fez bem o autor em juntar, aos perfis, esta explicação.

De nossa parte, acreditamos que, lido o livro de Nabuco, livro clássico pela belleza harmoniosa das linhas e das idéas, o que depois tem apparecido apresenta um valor relativo, que não resiste a uma analyse demorada.

Viriato Corrêa — CONTOS DO SERTÃO — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

PUBLICADOS a primeira vez em 1912, estes contos pertencem ao inicio da vida literaria do autor, vida literaria brilhante, diga-se de passagem. Agora os *Contos do Sertão* reapparecem em 3.ª edição, o que attesta o seu merecido éxito de livraria. Interessante se me afigura a confissão de Viriato Corrêa, na primeira pagina do volume:

"Muitos dos contos que compõem o volume eu hoje intimamente os condemno pela incontinencia de palavras, pela ausencia de sobriedade, pela téchnica, por tudo. Mas, corrigir tudo isso seria alterar a physionomia do livro, que se algum valor tem é, com certeza, o valor da expontaneidade liberta de regras artisticas.

"Emendei pouquissimo. Apenas um ou outro trecho que era impossivel deixar como era. Não resistiram os meus nervos á tentação de retirar tres contos que me pareciam exageradamente ingenuos e imperfeitos."

Essa auto-critica é digna de attenção. Geralmente os escriptores têm um certo pudor ao reler, no apogeu da vida literaria, as primeiras producções. E' a ansia da perfeição que os leva a desprezar os primeiros frutos... que quasi sempre são os mais saborosos. E havia motivo para o autor corrigir os contos deste volume?...

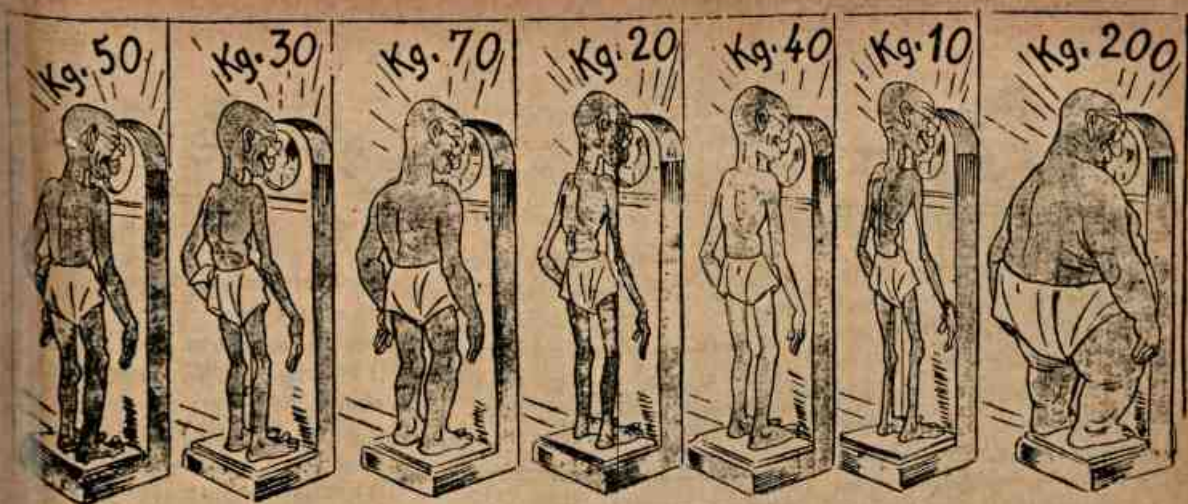
Penso que não. Viriato impressiona-se com a *téchnica*... Talvez seja um motivo *sério*, mas, a victoria do autor foi justamente obtida pela espontaneidade da apresentação, espontaneidade que ainda é a marca da sua obra literaria.

Viriato é um escriptor de idéas faceis, crystalinas, e de simplicidade encantadora.

Contos do Sertão são a melhor prova do que affirmou linhas acima. Um livro que a gente lê em pleno contacto com a grande mestra, a Natureza.

M. Delly — ELFRIDA — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 3$

A *Nova bibliotheca das moças* tem mais um volume da apreciada escriptora, em continuação ao livro intitulado *O rei de Kidji*, recentemente apparecido. A traducção de Sarah Pinto de Almeida é excellente.

Mario ...

O CASAMENTO DE GANDHI JUNIOR

DE ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

O velho dictado latim *Talis patri-talis filii* aqui não tem applicação. Devidas Gandhi; legitimo do "*mahatma*", não [...]l o seu tempo a emmagrecer [e e]ngordar á mercê da côr poli[tica] do céu da India, como o seu [illustre] progenitor e facto ainda [mais] surprehendente, acaba de [ca]sar uma donzella de casta [mui]to elevada, em ostensiva op[posiç]ão ás aversões paternas.

[M]as como foi isto?" — pergun[tara]m as populações, suffocadas [por t]amanho paradoxo.

[—É] muito simples — radiofu[sou o] rapaz ao mundo inteiro: — [Pa]ra resolver um problema de [...]a e de Fé. Eu considero os [i]ntangiveis pertencentes á mais [...]a nobre casta do mundo e [quiz] demonstrar que se póde guar[dar] o respeito ás classes sociaes [...]ndo mesmo na intimidade do [mat]rimonio, o que me permitte [te]r uma vida privada perfeita[men]te coherente com a obra e o espirito de meu pae. Venham constatar a veracidade de minhas palavras.

E assim falando, elle poz em movimento a *televisão* combinada com a *radiofusão*, dando ensejo a que todos os habitantes do nosso planeta pudessem assistir a diversas scenas da vida privada do illustre asceta.

A primeira scena representava a sala de jantar de casa Gandhi.

Os moveis, presente de casamento do papae Gandhi, são os mesmos que elle tinha quando jantava e almoçava. O relogio marca meio dia e meio. Devidas entra e diz á mulher:

— Bom dia, minha querida. Olha que temos para almoçar 8 companheiros da nossa Fé. Vão chegar daqui a pouco.

A senhora. — Por Budha! Devidas, por que não me preveniste antes? Que vou fazer agora? O macarrão...

Devidas (escandalizado). — Macarrão?! Que horror! Que horror! Não te lembra, Fatima, que o macarrão é feito a machina e representa a detestavel industria occidental? Nem eu, nem os meus amigos poderiamos tocar em semelhante alimento impuro!

Fatima. — Que gostariam de comer, então?

Devidas. — Raviolis... Raviolis

(*Continúa na pag. seguinte*)

O CASAMENTO DE GANDHI JUNIOR - (conclusão)

feitos na nossa velha casa hindú, com ovos hindús e farinha do nosso sacco. Basta. Contentar-nos-emos com o segundo prato. Que é?

Fatima. — Roastbife.

Devidas (ouvindo essa palavra infame, tem uma vertigem e agarra-se á ponta do guardalouça, para não cahir): — Ah! Isto é demais... é demais!... Roastbeef... á ingleza!

Fatima. — Com batatinhas.

Devidas (ascetico): — Bem: farás servir as batatinhas simples e nuas. Somente com sal, para a cerimonia do rito.

Fatima (com raiva): — Ah, isso não. Que bella figura faria eu? Não quero, e me revolto.

Devidas. — De que maneira?

Fatima. — Com a greve da fóme. Aliás já me fizeste perder o appetite com teus modos.

Devidas (estremecendo). — Cala a bôcca! Uma idéa! Acalma-te, Fatima, e não te assustes. Chega me a inspiração de papae. Vou lembrar aos companheiros da Fé que é justamente hoje o trigesimo anniversario do inicio da *Conferencia Economica* ... aquella odiosa manifestação britannico- capitalista que deve *alimentar* os protestos da India.

Fatima (com surpresa). — Mas, que vem a ter isto com o nosso almoço?

Devidas. — Tem muita coisa! Serve a cada convidado uma espinha de sardinha e um copo d'agua para combinarmos desde hoje o jejum de protesto. Viva!

* * *

Drama de familia.

A scena representa o quarto de dormir do casal. Da janella aberta avista-se a floresta virgem, symbolicamente virgem.

Fatima (com doçura): — Devidas meu querido Devidas, tu me amas ardentemente? Pódes jurar-me que o teu ardor não é um simples fogo... de Bengala?... Não?? Então ouve, meu bem. Sabes? Vi hoje.

Devidas (com os olhos pregados no tecto). — Dize, dize! Viste o Visnú?

Fatima. — Não. Vi um vestidinho de crêpe.

Devidas (pallido de ira). — Oh!... Crêpe georgette... como

dizem os francezes? E tu, Fatima... tu! Que horror! *(Cobre os olhos com as mãos tremulas).*

Fatima. — Não ha horror nenhum, meu bem: asseguro-te que é muito *chic*, e só custa 68 Schillings...

Devidas. — Minha mulher, estou aterrorizado! Tu ousas propôr-me uma cifra occidental?

— Não sabes qual é o nosso balanço? Eu sou um funccionario, não sou um fakir...

Fatima. —?!??

— *Devidas.* — Quero dizer que não desejo acabar a vida sobre pregos.

Fatima. — Mas eu preciso preparar-me para a estação de banhos no Ganges.

Devidas. — Pois não tens em casa tudo quanto precisa uma senhora hindú: quer dizer o linho, a roca, o fuso, e o tear? E tu pensas em apparecer aos banhos sagrados á beira do Ganges com um vestido *made in England*? Oh, Fatima, não faças isto! E' um sacrilegio! Preferiria ver-te...

Fatima. — Morta?

Devidas. — Não. Mas preferiria ver-te andar núa.

Fatima. — Ah, miseravel velhaco, homem indecente e sem pudor! Já estou mais que farta do teu mahatmaismo e da grande alma das tuas theorias! Teu pan Indianismo não é pão para meus dentes!

.. ..

Duas horas depois.

Devidas (chegando em casa pergunta ao criado). — Onde está a senhora?

Bobatjapur (embaraçado). — Não está, meu amo. Sahiu ainda ha pouco com a mala e a valise.

Devidas (comprehendendo tudo). — Ah! Partiu sem se despedir de mim! Partiu mesmo á ingleza! E' uma calamidade!

— Deixo-lhe este remedio, para que o tome depois de cada refeição.

— E não poderia tambem deixar a refeição, doutor?

UM ERRO DE PROTOCOLLO. — Quando o rei do Sião, Chulaulougkorn, visitou a França pela primeira vez, procurou-se alojar o soberano asiatico com todo luxo e conforto desejaveis.

O primeiro andar de um luxuoso predio foi ricamente mobiliado; o segundo e o terceiro andar foram preparados para o sequito e para a criadagem. Chulaulougkorn, ao visitar o palacio onde deveria se hospedar, deixou transparecer, visivelmente, que não estava nada satisfeito.

Procurou-se, em vão, a causa de seu máu-humor, até que um commerciante francez que havia vivido muitos annos em Baugkok, achou a explicação do facto: no Sião, é costume que o soberano durma "o mais perto possivel do céo", isto é, no andar mais alto do palacio.

Chulaulougkorn tinha considerado uma offensa o facto de haverem reservado, para os seus criados, o terceiro andar, ao passo que elle se alojaria no primeiro.

Felizmente, o chefe do protocolo poude salvar a situação a tempo, e o rei do Sião dormiu "perto do céo".

A VITALIDADE DAS TARTARUGAS. — A vitalidade das tartarugas, depois de decapitadas, é quasi incrivel. Uma vez, um hotel de Newcastle adquiriu um desses animaes, de grande proporção. O chefe da cozinha cortou-lhe a cabeça e dependurou-a pelo rabo, para que sangrasse.

Vinte e quatro horas depois, com uma patada, o animal quasi derrubou um dos cozinheiros.

A tartaruga verde, apesar da grande força que tem nas patas, não é perigosa, como a sua congenere japoneza, que mórde.

*

OS NORUEGUEZES VIVEM MUITO. — O termo medio da vida na Noruega é maior do que em qualquer outro paiz do mundo.

Attribue-se isso ao facto de que, lá, não existem mudanças violentas de clima, como nos demais paizes, o que é a causa principal das enfermidades.

*

VELOCIDADE ORATORIA. — René Vivian tinha, nas assembléas, o record da velocidade oratoria, que antes delle havia pertencido a Paul Deroulede e a Francis de Presensé.

Quando subia á tribuna, os stenographos eram submettidos a uma dura prova. Realmente, chegava a pronunciar 200 palavras por minuto, e, algumas vezes, mais do que isso.

Deon Perier, no Senado, alcançou a velocidade de 190 palavras; na camara, Louis Marin passou de 185.

Charles Dumont chegou a 180 palavras por igual espaço de tempo; Aristides Briand a 145; Millerand a 130. A velocidade de Herriot é tambem de 130 palavras por minuto.

Jaurés, que era um orador mais lento, chegava apenas a 120, e Jacques Piou, que tambem alcançou grande exito na tribuna, raramente chegava a 100 palavras.

Se voce me buscasse

SE você me buscasse, meu amor, como me acharia tão triste e tão só no meio dessa grande massa humana!...

Se você me tomasse pela mão, para mostrar-me outro caminho da vida, eu lhe seguiria docilmente! E você, tomando as minhas mãos havia de achál-as tão frias por falta de um carinho! Ellas, as minhas mãos, certamente se aqueceriam ao contacto das suas mãos [illegible], que se asemelham ás mãos dos homens do deserto...

Se, ebrios de felicidade, parassemos subitamente no meio da estrada e você fitasse em mim seus olhos negros, olhos que me olharam com tanto enlevo, olhos que desprendem chispas de fogo, encontraria, nos meus olhos verdes, a expressão de alegria, de suavidade, de amor...

Se você me enlaçasse pela cintura, como eu gostaria de sentir o seu abraço e as suas caricias!...

Se você unisse os seus aos meus labios num grande, num [illegible] so beijo, como tu deixaria que a minh'alma se fundisse á sua para sermos um do outro, para gozarmos juntos a alegria de viver mergulhados num sonho grande de amor!...

Tudo isto poderia acontecer se você me buscasse...

... Se você me buscasse...

AMABA

O CORAÇÃO

QUANDO o meu amigo Clemente de Souza se achava internado no Hospital de Alienados, eu lá ia visitál-o constantemente.

Certa vez, de volta de uma dessas visitas, encontrei-me á porta do sanatorio com o Fernando Corrêa, um portuguez robusto, de expressões fidalgas, que da sua terra viéra criança ainda, acompanhado somente de uma carta de apresentação a um patricio, amigo de sua familia, que para aqui tambem viéra pequeno. Com trabalho e economia conseguiu accumular dinheiro e, como tinha intelligencia apurada, tambem conseguiu educar-se aprimoradamente. Naquelle tempo, era elle uma das figuras mais bemquistas nas altás rodas sociaes da cidade.

Ao contar-lhe das minhas visitas reiteradas ao amigo Clemente, cuja memoria, antes um primor de lucidez, havia sido consumida pelos longos annos em que trabalhou no commercio, perguntou-me:

— Conhece o advogado Pacheco de Aguiar?

— Não, não o conheço — retruquei.

— Venha commigo — atalhou — conhecel-o-á já.

Entrei novamente no hospital, em companhia do Corrêa. Dirigimo-nos para o quarto do dr. Aguiar. A porta do mesmo achava-se, em guarda, um enfermeiro, que nos informou estar naquelle dia o doente com uma calma assombrosa.

— Entrem — disse — e verão.

Entrámos. O dr. Aguiar estava deitado no chão, sobre um tapete, mirando serio alguma coisa que eu e o meu amigo não pudemos ver. Dando com a nossa presença, elle levantou-se e então o Corrêa cumprimentou-o e apresentou-m'o. Perguntou-lhe em seguida da saúde. O doente respondeu que já estava bom e que em breve voltaria para o seu escriptorio, na cidade, onde o esperavam negocios importantissimos. Notei então que elle só movia um dos braços, o esquerdo. O direito mantinha-o curvado sobre o peito, segurando na mão um objecto qualquer. A nossa estadia no quarto do doente foi curta. Ao sahirmos, elle chorou, soltou uns pequenos gritos e poz-se a pular, tal qual uma criança quando deseja alguma coisa que se lhe nega. Mas nunca tirou a mão do objecto que, com a mão direita, apertava contra o peito. O dr. Aguiar protestava. Desejava elle que ficassemos em sua companhia por mais tempo; mas, como o regimento da casa não permittia, deixamol-o sozinho.

O objecto que o louco segurava contra o peito despertou-me a attenção e, já na rua, interroguei o Corrêa a respeito do mesmo. Este limitou-se apenas a mover a cabeça.

Aproveitamos o frescor da manhã e seguimos a pé para a cidade.

O Corrêa, que até então se conservava mudo, começou a falar:

— Era o dr. Aguiar uma intelligencia fulgurante. Privo com elle desde o tempo em que, estudante ainda frequentava a minha livraria. Na festa de sua formatura conheceu a filha do illustre jurista, dr. Ricardo Varandas. Beatriz era o seu nome. Bella e excessivamente culta, despertou logo no dr. Aguiar uma ardorosa paixão. Alguns mezes depois do primeiro encontro, casaram-se. O seu amor por Beatriz tornára-se idolatria. Bastante feliz foi elle durante varios annos. Simples, amorosa e, sobretudo, submissa, Beatriz satisfazia-lhe a todos os caprichos. Não se pintava; não sahia á rua ou ia a reuniões sociaes, a não ser em companhia do esposo. O dr. Aguiar viajava constantemente, obrigado pelas funcções do seu trabalho. Dois, trez dias apenas que ficasse fóra da cidade, mandava telegrammas reiterados a Beatriz, que sempre os respondia affavelmente. Um dia, porém, de volta de uma dessas viagens, encontrou elle sobre a mesa do seu escriptorio uma carta que não tinha assignatura, mas que o prevenia da infidelidade da esposa em sua ausencia. Cego de amor, rasgou a carta, indifferente, tomando a accusação como despeito. Viajou outras vezes e outras cartas do mesmo teor tornou a receber. Mas não acreditava nunca no que ellas diziam. A sua confiança em Beatriz era illimitada. Um dia, appareceu-lhe um trabalho de vulto num dos estados do Sul. Contou a Beatriz o negocio e os resultados que delle adviriam. Disse-lhe que os interessados exigiam a sua presença com toda urgencia e que por tanto, embarcaria no dia seguinte. Beatriz, com lagrimas nos olhos e supplicando, preferia que elle ficasse. Tantos dias separados, como poderia elle vivêl-os? Mas os argumentos do dr. Aguiar foram convincentes: — no dia seguinte embarcaria pelo nocturno. Sahiu. Foi ao escriptorio buscar uns documentos e ultimar alguns trabalhos. Já no escriptorio, lembrou-se de alguma coisa e telephonou para casa. A linha estava occupada, mas houve um cruzamento de ligações e elle ouviu, horrorizado, a sua Beatriz querida combinar um encontro para a noite mesma da sua partida. Saudosa, ella desejava ter o amante logo, tão logo lhe fosse possivel. Ouviu o dr. Aguiar tudo: o apperitivo, o jantar e, por fim, o local onde se consumiria o delicito amoroso. Desligou, estupefacto, o telephone. Não acreditava ainda. Devia estar sonhando. Seria possivel? Beatriz, tão casta, tão humilde, com aquella expressão angelica!

No dia seguinte, na estação, entre beijos e abraços, o dr. Aguiar despedia-se de sua mulher. O trem partiu, levando-o e, na plataforma da estação, ficou Beatriz a adejar no ar um lenço branco. Na primeira parada do trem, num suburbio proximo, o dr. Aguiar saltou. Tomou um automovel e rumou para a cidade, onde andou bebendo á espera da hora marcada para o encontro, na conversa telephonica

ARTIFICIAL

que ouvira na vespera. Consultou o relogio. 11 horas. Tomou um bonde, do qual desceu depois de uns 10 minutos. Caminhou um pequeno trajecto e entrou num predio de appartamentos. No elevador, com dinheiro, fez o porteiro indicar-lhe o numero do quarto onde, pouco antes, havia entrado uma mulher com os traços de Beatriz. A' porta indicada, parou. Estava offegante. Encostando o ouvido a ella, tentou escutar algo. E ouviu, de facto, uma risada estrondosa, de mulher. Era, sem duvida, Beatriz que lá dentro se achava em companhia de alguem. Tentou abrir a porta. Estava fechada. Deu uns passos para traz e arremessou-se sobre ella de cheio, como um demente. A porta cahiu para dentro do quarto e com ella o dr. Aguiar, que, no chão ainda, viu alguem fugir pela janella. Levantou-se. De joelhos, deante de si, estava Beatriz, pedindo-lhe que não a matasse. Sem lhe dizer nada, tomou-a pelo braço e sahiram. Já em casa, o dr. Aguiar continuou a beber. Beatriz, logo que chegou, correu para o seu quarto chorando. Já era madrugada alta quando, cambaleante, o dr. Aguiar entrou no dormitorio. Sobre a cama, ainda vestida, lá se achava Beatriz. Fechou bem as portas e chamou-a para junto de si. Tremente ella approximou-se e, então, o dr. Aguiar, já demente disse-lhe:

—Si a tua alma acrysolada não póde ficar para mim ella tambem não ficará junto á miseria humana. Pela fraqueza do teu cerebro o teu corpo peccou, mas a lama para mim não tem utilidade: fica ella no seu elemento. Mas o teu coração! Ah! Esse não! Esse será meu emquanto eu tiver vida!

"— Vamos, despe-te — proseguiu.

"E, tirando do bolso uma corda comprida amarrou fortemente os pés e as mãos da pobre mulher. Ella submettia-se á loucura do esposo calmamente. Depois de bem amarrada, o dr. Aguiar tombou-a no chão e munido de uma faca bem afiada começou a fazer-lhe no peito uma macabra operação. Beatriz não gritava mas soltava uns gemidos angustiosos. Passados alguns minutos, ella ficou fóra de si. O dr. Aguiar, espumejando pela bôoca, havia-lhe feito no peito uma concavidade, tirando de lá o coração da infeliz. A criada, que, do lado de fóra, ouvira as palavras do dr. Aguiar e os gemidos de Beatriz, correu em busca de soccorro. Accorreram varios vizinhos os quaes bateram reiteradamente á porta, e, como ninguem a abrisse, arrombaram-n'a, deparando-se-lhes, então, aquelle quadro horrivel. Procurou-se em vão o criminoso, mas este já havia fugido, levando comsigo o coração da mulher amada. A policia, depois de dias de pesquizas, conseguiu descobrir-lhe o paradeiro. Estava elle alapardado, como uma fera, num casarão em ruinas fóra da cidade. Tiveram os policiaes grande difficuldade para capturál-o. Estava o homem possesso e só depois de muito perseguido, cahiu inerte. Levaram-n'a dalli directamente para uma casa de saúde, onde elle ficou muito tempo ardendo em febre. Foi na casa de saúde que conseguiram arrancar-lhe, dos dedos contrahidos, a entranha sinistra já em estado adeantado de decomposição. Recobrada a serenidade com o desapparecimento da febre, voltou-lhe outra vez aquella loucura incontida. Era a demencia em sua phase mais accentuada o que tinha o dr. Aguiar. Gritava furioso que queria o coração de sua mulher. Mataria a quantos delle tivessem ousadia de se apossar. E como a morbidez progredia rapidamente, um dos clinicos do hospital teve a idéa de mandar fazer um coração artificial, que apresentaram ao louco, dizendo-lhe que o tinham guardado para que ninguem o roubasse. Foi assim que elle teve a calma recobrada. Porém, ficou variado, e como não havia outro remedio, foi transferido para o Hospital de Alienados, como tu viste. Mas nunca deixou um só minuto siquer, abandonado o coração de borracha, que elle pensa ser o de Beatriz.

"Eis o objecto que o dr. segurava e que chamou a tua attenção". — finalizou o Corrêa.

LAURO DE OLIVEIRA

— Vejo claramente, [illegible] um ataque de figado.
— Acho melhor o senhor examinar o outro olho, doutor, porque este é de vidro.

O FALSO IRMÃO

(SHERLOCK HOLMES — Por CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Ah! disse Sherlock Holmes, começa a ser mais interessante. Continue, mulherzinha. Como soube que Patrick Scott tinha voltado?

— Hontem, ia eu levar o meu trabalho, ia andando pela Green-street com a minha trouxa quando de repente ouvi chamarem-me pelo nome. Apressei o passo. Se acontece alguem chamar-me pelo meu nome na rua, penso sempre que é algum credor. Elles bem sabem que uma pobre viuva como eu nada lhes pode pagar.

"Justamente deante de mim eis que vejo o velho Jacob Candel, o credor que comprou a nossa loja de Howard street e que depois enriqueceu; disse-me:

"— Foi uma felicidade vel-a por aqui, mistress Hulbery. Sabe quem encontrei hontem em Liverpool? Patrick Scott.

"— Jesus-Maria! exclamei eu apertando as mãos, e ficando tão atrapalhada que a gente que passava pozse a olhar para mim.

"Jacob Candel pegou-me por um braço e levou-me para uma travessa ali ao pé e disse-me:

"— Mas ninguem sabia da sua chegada! Não é possivel ter-me enganado, era elle com certeza.

"Achava-me em Liverpool para receber uma grande remessa de carne de porco salgada vinda de Chicago. Tinhame avisado de que a encommenda estava a bordo do "Britannia", um dos maiores navios da companhia Cunard.

"Estava eu no caes, acabava de lançar ferro o "Britannia", e a ver desembarcar os passageiros do navio, eis senão quando vejo defronte de mim um sujeito de barba loura, muito bem vestido, e ao passar por mim, cae-lhe ao chão uma mala de couro amarello.

Elle abaixasse para a apanhar, mas eu adeantei-me. Ambos estendemos ao mesmo tempo as mãos, e naquella occasião notei que ao tal sujeito lhe faltava uma falange do dedo da mão esquerda.

"— Aqui tem o senhor a sua mala, disse-lhe eu e elle respondeu-me: Muito obrigado pela sua amabilidade. E desappareceu na multidão dos passageiros. Eu fiquei a dar tratos á imaginação.

"Onde diabo tinha eu ouvido uma voz assim? Onde tinha eu visto aquella cara? Certamente eu conhecia aquelle sujeito. Só lhe estranhava a barba loura.

"De subito deu um tal grito que um marinheiro que se encontrava ali julgou que eu tinha endoidecido.

"Ora veja M. Mulbery, em casos semelhantes lembram-nos pormenores, apresentam-se-nos scenas que julgavamos ter esquecido ha muito.

"Recorda-se, M. Mulbery, de eu ter estado um dia na sua loja a discutir o preço de um vitelo?

"Dessa vez por traz do balcão estava o seu ajudante Patrick Scott a cortar um pedaço de carne de uma perna de boi.

"De repente vimol-o levantar a mão toda tinta de sangue. A faca tinha-lhe cortado a primeira falange do dedo medio. Veiu-me bruscamente á memoria esta circumstancia. Lembrei-me que Patrick tinha um dedo da mão esquerda quasi amputado e logo me pareceu que o elegante passageiro do "Britannia" não era outra senão o patife, o malandro que a levou á desgraça.

A pobre mulher calou-se. Tinha chorado copiosamente todo o tempo que levara a contar isto.

Holmes tranquillamente assentado, escutava-a com frieza.

— Que mais? disse elle a meia voz.

— Isto passou-se ha oito dias. — proseguiu Mrs. Mulbery.

"Sempre pensei que se realmente Patrick voltasse a Londres rico como um Creso — e as oitocentas libras roubadas o tivessem feito feliz — o que aliás seria muito lamentavel, porque Deus não devia nunca proteger os patifes daquella especie... Sempre cuidei que a dar-se tal caso elle não se havia de esquecer da pobre familia que lançaram na miseria. Cheguei até a ter a esperança de que elle me restituiria o capital e os lucros.

— Não seria facil... respondeu Holmes. Quando um patife faz fortuna o seu primeiro cuidado é esquecer absolutamente tudo o que lhe possa lembrar o passado vergonhoso. Mas nós o faremos lembrar. Pode vocemecê contar commigo se for possivel deital-lhe a mão.

— Disseram-me que o senhor é o unico homem capaz de descobrir o paradeiro de Patrick Scott no meio dos tantos milhões de homens que vivem em toda a Inglaterra, ainda que elle se disfarce.

"Por isso enchi-me de animo e vim procural-o para lhe pedir que tenha dó de mim e dos meus desgraçados filhos. Ajude-me Mr. Holmes, ajude-me a haver o meu dinheiro.

"Eu nada posso prometter-lhe mas se...

[illegible] eu o policia, [illegible] voz clara — [illegible] em [illegible], pode [illegible]. Entende?

[illegible] quer que lhe tenha falado da minha habilidade, havia de lhe ter dito primeiro que o policia Holmes não pede um real adeantado e depois, a uma pobre viuva como vocemecê a quem da melhor vontade está prompto a servir, elle não acceitaria absolutamente nada.

[illegible] Vou ver se descubro esse patife de Patrick Scott e como tenho a certeza de o encontrar hoje mesmo, mulherzinha, vou-lhe fazer um adeantamento sobre a quantia que delle tem a receber.

Tome, acceite esta nota de dez libras. Quando Patrick Scott a houver reembolsado, restituir-me-á esse dinheiro. Sim, sim, tome lá.

— Então julga que eu lhe teria feito perder inutilmente uma meia hora para lhe apanhar o segredo?

Por pouco que a mulher se não deitou aos pés de Sherlock, que a custo a impediu.

— Não quero demoral-as mais, disse Holmes com impaciencia.

Julga que não tenho mais que fazer? Vocemecê ha de ouvir falar de mim.

Espere lá... Onde é que mora actualmente?

— Whitechapel — River-street — 13.

— Está bem. Veremos o que se ha de fazer.

Oh! As mulheres em taes circumstancias são terriveis, disse comsigo Sherlock quando Mrs. Mulbery sahiu chorando copiosas lagrimas, e bemdizendo mil vezes o seu protector.

Não posso tolerar com paciencia estes protestos de reconhecimento! Vou valer a esta pobre mulher.

Hei-de encontrar Patrick Scott. Deixa-me tomar nota da morada de Mrs. Mulbery. Prompto. Outra visita! Entre!

CAPITULO III
A LUVA DENUNCIADORA

Emquanto Sherlock se levantava da sua cadeira de braços, por traz da secretária, abriram a porta vagarosamente.

[illegible] um homem alto, de rosto pallido emmoldurado por uma barba loura.

Trajava com [illegible] um fato de xadrez?

Sherlock adiantou-se para elle.

— A quem tenho a honra de falar? disse.

— Chamo-me Arthur Titchburu, volveu o outro e estimo muito conhecer o celebre policia Sherlock Holmes.

E Arthur Titchburu estendeu-lhe ambas as mãos calçadas de luvas amarellas.

Com uma affabilidade rara para desconhecidos Sherlock pegou nas duas mãos que se lhe estendiam, porém desageitadamente, porque só apertou a ponta dos dedos da mão esquerda, e logo disse comsigo:

— Quer-me parecer que o dedo grande da mão esquerda é de algodão em rama. Vale a pena verificar.

O dialogo entre Arthur Titchburu e o policia foi [illegible], mas da maior impudencia.

Titchburu contou que voltava recentemente da America onde estivera nove annos.

Apesar de ser filho de um millionario conhecido em Londres — o banqueiro Titchburu — elle tinha partido em pessimas circumstancias.

Sahira de Londres depois de uma violenta questão com seu pae. Fôra a causa desta desavença o amor [illegible] filha do jardineiro de seu pae. Comera, como vulgarmente se diz, o pão que o diabo amassou, continuou Titchburu. Fiz e emprehendi tudo quanto é humanamente possivel. Por fim, enfeitiçaram-me as ricas minas de ouro da California. Resolvi fazer fortuna e fiz-me explorador de ouro. Mas ainda desta vez não me sorriu a sorte e passei horas bem custosas lidando com gente de máos instinctos. Um certo dia chega-me a noticia de que meu pae tinha morrido e de que não me desherdara como eu suppunha.

Arranjei logo as malas e parti para a Europa. Cheguei a Londres ha dez dias. Quando tornei a casa onde nasci e me criei e vivi acudiram-me as lembranças do passado e pareceu-me estar vendo as scenas daquelle tempo.

Pensei em Nelly Miller, a filha do Jardineiro. Que será feito della? perguntava a mim mesmo. Estará casada ou viverá ainda solteira, talvez em precarias circumstancias? Esta ultima hypothese é a mais verosimil. Quando [illegible] soube que eu a namorava despediu o seu pae apesar de não ter contra elle razão de queixa e como era já velho talvez não encontrasse a quem servir.

Sherlock podia responder sem hesitação ás perguntas do seu visitante. Havia apenas meia hora que miss Nelly se tinha levantado da cadeira em que se sentava agora o moço da barba loura.

O policia sabia quanto a familia Miller tinha soffrido depois daquelles acontecimentos.

[illegible] que o pae de Nelly tinha morrido que [illegible] delle se tinha feito lavadeira e que só pudera [illegible] esse duro mister, graças á dedicação e habilidade de sua filha unica, que corajosamente se dedicara a escrever á machina.

Sherlock podia ter dito isto, mas preferiu calar-se.

— E agora quaes são as suas intenções?

Perguntou isso friamente a Arthur Titchburu.

— Deseja por certo tornar a ver essa menina que acreditou no seu amor e para com quem tem de certo modo um dever a cumprir?

(Continúa na pag. seguinte)

ESTA TRISTEZA QUE É TÃO LEVE...

Esta tristeza que mora dentro de mim, intimamente,
e que num coro brando, acalenta meus nervos doidos...

Esta tristeza é como o vento morno desfolhando
no jardim, sob a tarde quieta, um rosal florido!

Esta tristeza que é tão leve
como a caricia bôa dos seus sentidos,
e tão macio como um suave torpor.

Esta tristeza docemente [illegible]
ás vezes é cantar, ás vezes é amor!

Esta tristeza longa que desperta
os sentidos meus, para fazer-me pensar...

E' a alma melancolicamente commovida
que ficou [illegible] do abandono, a [illegible]!...

Esta [illegible] dos dias perdidos em longas invocações
[illegible] numa vaga inquietude...

Ah! esta tristeza é a alma dolorida
que vive dentro em mim, a chorar, baixinho,
como uma creança debruçada sobre um ataúde —

AQUILLES VIVACQUA

— Tornar a vel-a? respondeu Arthur Titchburu com ar pensativo afagando a comprida barba loira. Não, Mr. Holmes, pelo contrario, o meu desejo é não tornar a ver mais miss Nelly. Para que? Envelheci. Conto mais nove annos e vejo agora que o amor pela linda filha do jardineiro foi apenas um capricho de rapaz. Hoje sou o chefe da casa bancaria Titchburu & C. Não conviria a miss Nelly ser minha mulher e tanto mais que, sobre isso, as minhas intenções são outras...

— Ah! o senhor tem outras intenções... disse alto o policia ao mesmo tempo que pensava: com que descaro este patife se descarta de uma mulher!

— O que não quero, continuou Arthur, é deixar Nelly sem auxilio.

"Quero provar que lhe estou reconhecido pelas horas [illegible]

"E é por esta razão que me dirijo ao sr. Sherlock a pedir-lhe o favor de procurar saber onde mora actualmente miss Nelly Miller. Se o conseguir, pode o sr. Sherlock offerecer da minha parte a essa menina a somma de quinhentas libras, com a condição de que ella não fará nenhuma tentativa para me tornar a ver.

Sherlock fechou os olhos para não deixar perceber a Arthur o olhar de desprezo [illegible] palavras.

— [illegible] por minha não me [illegible] respondeu Holmes. Mas como se valer a uma pobre menina, tenho nisso o maior prazer Mr. Titchburu.

"Nelly Miller ignora naturalmente a chegada do sr. Titchburu a Londres?

— Como poderia ella saber Mr. Holmes? respondeu Titchburu. Nada sabe! Nada pode saber!

— Mas porque não? tornou Sherlock. Não publicam os jornaes de quando em quando as listas dos passageiros em Inglaterra?

"Não se podia dar o caso de ler Nelly Miller o nome do sr. Titchburu em alguns desses jornaes?

"O senhor não veio da America com um nome supposto, não é assim?

— Decerto que não, replicou Titchburu. Que interesse teria eu nisso?

— Ha muitas pessoas que o fazem para se subtrahirem á curiosidade dos reporters, disse friamente o policia.

"Eu mesmo vi, nas listas da Companhia Cunard, que o sr. tinha desembarcado em Liverpool, ha dez dias.

— Exacto! no "Britannia" disse Titchburu. Mas é provavel que Nelly Miller não consulte essas listas com a mesma curiosidade do sr. Holmes. Se ella tivesse sabido da minha chegada já teria procurado ver minha pessoa, o que aliás, não conseguiria, pois, eu tinha dado ordem aos criados para não a receberem fosse qual fosse o pretexto.

— Ah! Ah! vejo que procede radicalmente Mr. Titchburu, disse rindo Sherlock Holmes.

— A gente na America torna-se pratica.

E dizendo isto, o banqueiro levantou-se e pegou no chapéo. Depois repetiu:

— Estamos, pois, entendidos: quinhentas libras a miss Nelly Miller dado o caso que a encontre!

"O dinheiro está depositado em casa do meu procurador, o tabellião Duffield. Miss Nelly tem que assignar um documento que me livraria de qualquer perseguição da sua parte.

"Conto comsigo, Mr. Holmes.

— Um instante, por favor, disse o policia. Desejaria tomar nota do nome e morada do seu tabellião.

Sherlock Holmes sentou-se á secretaria, e molhou a penna no tinteiro.

— Duffield, tabellião — diz.

— Prompto. Basta o nome. A morada desse tabellião é sempre facil saber.

— Até outra vez, Mr. Holmes, disse Titchburu, e apoiando a mão esquerda na secretaria, estendeu a direita ao policia.

— Até outra vez, Mr. Titchburu, respondeu Mr. Holmes. Espero que em breve lhe darei boas noticias. Não ha de ser difficil. Mas que fiz eu! Que desastrado! Então não entornei o tinteiro com a manga e [illegible] lhe sujei as luvas novas?

— E' pena, respondeu o banqueiro. Tenho ainda que fazer umas visitas e...

— ... Mas vou reparar a minha inepcia, interrompeu o policia.

"O meu discipulo vae num pulo á loja buscar outro par. Queira ter a bondade de descalçar essas. Harry!

Appareceu Harry Taxon e Holmes mandou-o buscar um par de luvas.

— Faz favor de indicar-me a côr e a medida, disse o policia ao visitante.

— Uso 7 e um quarto e desejaria desta mesma côr, respondeu Titchburu sorrindo.

E descalçou devagar as luvas que apresentou ao rapaz.

Foi o que Sherlock Holmes quiz. Lançou um rapido olhar para a mão do visitante. Não se enganara. Faltava-lhe a phalange do dedo medio da mão esquerda

ULO IV

SFECHO DE UM IDYLLIO

Arthur Titchburu não contentara a todos ao voltar America para assumir a direcção da casa bancaria Titchburu & C.

Aguardavam-no com impaciencia. Esperavam-se fundos e fundos do novo chefe da casa, e o numeroso pessoal rejubilava por ir tel-o emfim a dirigir chefe effectivo.

Nos ultimos annos e mormente depois do fallecimento do velho Titchburu ninguem tivera razão de queixa.

A direcção da casa recahira na pessoa do antigo caixa, Mr. Nestor Dickens, um affavel e santo velho se esforçava por agradar a todos.

Mas emfim promover e premiar serviços só o podia fazer o legitimo patrão... E aqui está porque o regresso de Arthur Titchburu tinha sido acolhido com alegria pelos empregados do estabelecimento bancario installado no rez-do-chão da casa de Kensington. Mas não tardaram a soffrer um triste desengano.

Arthur não era o patrão benevolo que todos esperavam.

Pelo contrario, mostrou-se autoritario e brusco, exigindo de cada um a maior somma de actividade, e parecia nada disposto a recompensar este accrescimo trabalho, nem ainda com uma simples palavra de animação e de reconhecimento.

Em breve os empregados da casa bancaria Titchburu & C. notaram que soprava novo vento e que tudo ali ia ser reformado de alto a baixo.

Haviam decorrido quatro semanas. Já tinham sido despedidos alguns empregados por terem uma só vez [illegible]

Quanto ao velho Nestor Dickens, esse via-se numa situação embaraçosa.

Fôra o braço direito do antigo chefe e a casa devia-lhe sem contestação um bom quinhão do renome e prosperidade de que ha muito gozava.

Tinha auxiliado Titchburu a ganhar uma enorme fortuna.

Era um homem de grande prudencia e raras faculdades de trabalho.

Como contava já sessenta annos ficara muito contente com a noticia do regresso de Arthur.

— Tambem emfim eu vou poder descançar, dizia elle a um dos antigos empregados da casa.

"Vou pôr o novo patrão ao corrente dos negocios e depois peço-lhe o favor de me dispensar do serviço. "Tenho trabalhado muito, para ter jús a viver descançado o resto dos meus dias!

Mas tal socego, tão honradamente conquistado, não estava que gozar o pobre velho, com a facilidade que imaginara. Nestor Dickens tinha disposto tudo do melhor modo possivel para que Arthur, num simples exame dos livros, pudesse ficar sabendo qual o seu quinhão e qual o de Flora.

Não obstante, Arthur, logo nos primeiros dias, fez observações sobre as contas que lhe apresentava o velho caixa.

Em tudo tinha que censurar e deixava claramente transparecer as suas desconfianças sobre a direcção dos negocios da casa.

A principio, a Nestor passou despercebido esta attitude.

O velho Titchburu tinha-lhe confiado alguns milhões.

Elle administrara-os com uma fidelidade absoluta. Como poderia passar pela cabeça ao honrado caixa que o proprio filho de quem lhe devia tanto reconhecimento pudesse ter a mais leve suspeita contra elle?

Entretanto, Nestor Dickens acabou por não se sentir á vontade na presença de Arthur.

CREATURA INCOMPREHENSIVEL

Ella é tão fingida
que passou por mim, na rua vazia,
e fez que não me viu...

Olhei-a com olhar triste, de despedida...
Desfiei, fio a fio,
o rosario da melancolia,
o rosario da dôr e da descrença...

Depois,
ella é quem vive a dizer a toda gente
que eu ando um tanto fugidio,
que nota em mim uma certa indifferença.

E, no entretanto, ella é tão fingida
que passou por mim na rua, sorridente,
e fez que não me viu...

E todo o mundo me crê indifferente!

Evaristo Rodrigues

— Não sei, dizia elle por fim para os empregados, mas estou pasmado do novo patrão!

"E' singular como a permanencia no estrangeiro transforma tanto um homem.

"Arthur era um rapaz de vinte annos quando sahiu de Londres, depois de se desavir com o pae e vi-o fazer-se homem.

"Lembra-me que era affavel, incapaz de uma injustiça para com alguem, e que timbrava em ser reconhecido.

"Mas só se teve duras lições na America... Tornou-se sombrio, reservado, impaciente e o que é mais grave, desconfiadissimo."

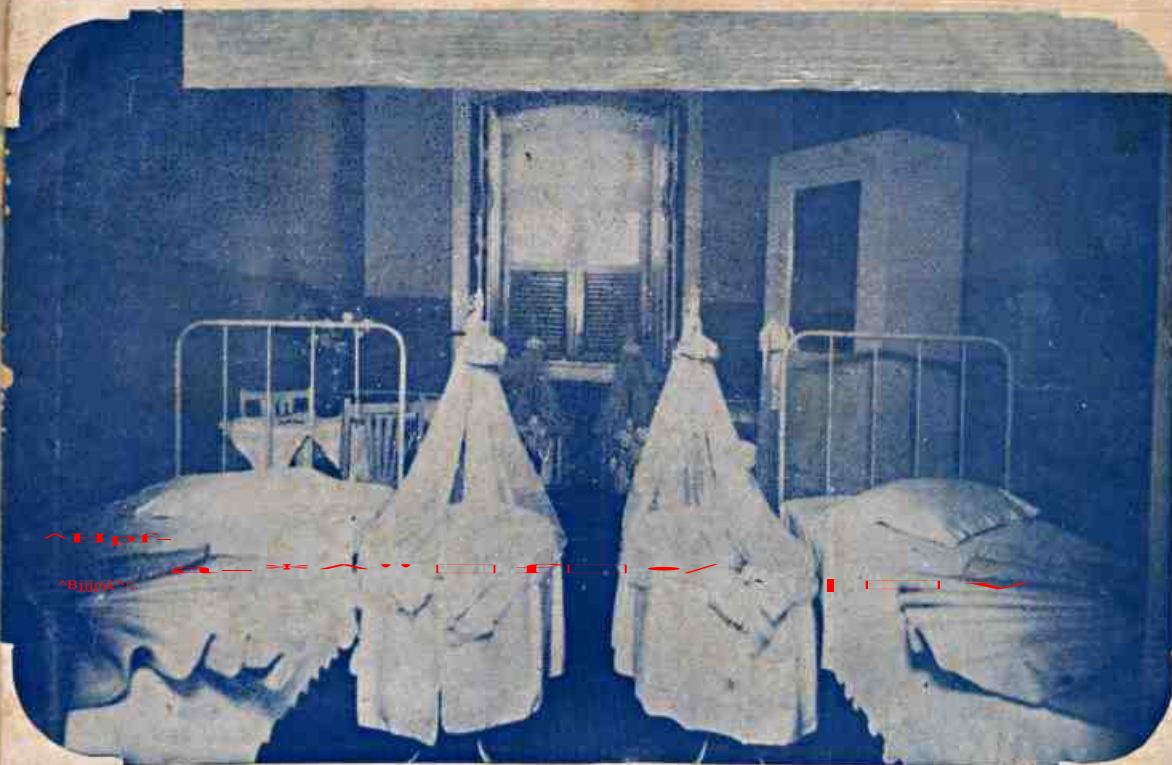
Acabava de dizer isto, quando soou uma campainhada por cima da carteira do velho caixa, o qual se dirigiu immediatamente ao gabinete particular de Arthur Titchburu ao qual se subia por uma escada de caracol.

— Deseja falar-me, M. Titchburu? disse elle. Estou ás suas ordens.

Arthur estava sentado á secretaria; parecia colerico e fóra de si.

— Não sou capaz de me entender com as suas contas! disse. O activo que me vem a caber de meu pae deve, segundo os meus calculos, ser muito superior ao que o senhor me apresenta.

(Continúa na pag. seguinte)

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES
RUA [illegible], 115 — PHONE 2-1266

SECÇÃO DE MATERNIDADE : PARTO COM INTERNAÇÃO EM ENFERMARIA [illegible]
[illegible]ARTO PARTICULAR .... 450$000 — COM 4 LEITOS .... 300$000

Para não ficar calvo assim

SI lhe cae o cabello, lembre-se que si não deter a sua quéda póde ficar completamente calvo. Detenha a quéda dos cabellos e fortaleça as suas raizes com o *GERADOR ACKERMANN*, o producto cujos resultados surprehendem. O *GERADOR ACKERMANN* é formulado e fabricado escrupulosamente por um distincto medico, o dr. Aaron Achermann. E' o producto mais efficaz que se conhece para a Caspa, a Seborrhéa, a Pellada e outras doenças do couro cabelludo. Si lhe cáe o cabello, não deixe de pedir, sem nenhum compromisso, um prospecto GRATIS do *GERADOR ACKERMANN*, no qual o leitor encontrará a prova da efficacia deste famoso preparado.

GERADOR ACKERMANN

DR. AARON ACKERMANN
Rua 2 de Dezembro, 77 — Rio
Queira mandar o prospecto do seu
GERADOR ACKERMANN para:

Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

A venda nas
DROGARIAS e PERFUMARIAS

Distribuidores geraes:
ARAUJO FREITAS Cia.
R. dos Ourives 88-Rio